Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

A Intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a Competição

Estudo Comparativo de Treinadores de Equipas Séniores Masculinas e Femininas da Divisão A1

Gisela Cristina de Meireles e Oliveira Portela Rosa

Porto, Outubro de 2003

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a Competição

ESTUDO COMPARATIVO DE TREINADORES DE EQUIPAS SÉNIORES MASCULINAS E FEMININAS DA DIVISÃO A1

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências do Desporto, de Treino de Alto Rendimento Desportivo, de acordo com o Decreto-Lei nº 216/92, de 13 de Outubro.

Orientadora: Isabel Maria Ribeiro Mesquita

Gisela Cristina de Meireles e Oliveira Portela Rosa

PORTO, 2003

Rosa, Gisela C., (2003): A Intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a competição. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, especialização em Desporto de Treino de Alto Rendimento Desportivo. Universidade do Porto, FCDEF. Porto.

Palavras chave: Voleibol; Treinador; Intervenção Verbal; Reunião; Competição.

Agradecimentos

Apesar do carácter individual de que se reveste um trabalho desta natureza, a sua concretização implica estímulos e colaboração, sem os quais seria muito difícil a sua concretização.

Gostaria assim, de expressar o mais sincero agradecimento e gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que este estudo se tornasse realidade.

À Professora Doutora Isabel Mesquita, orientadora deste trabalho, pela forma incansável com que orientou este estudo, pela paciência, pelos constantes incentivos, pela bibliografia concedida e pela disponibilidade que sempre manifestou ao longo de todo o processo.

A todos os treinadores que colaboraram para a realização do presente trabalho.

Às colegas Ana e Carmo pela colaboração na tradução para Francês e Inglês do resumo.

Aos meus pais e irmão por todo o apoio e carinho que sempre manifestaram.

À Maria Amélia, Elsa, Carla Sofia e D. Celeste pela colaboração prestada e pelas horas passadas a "aturar" o Ruizinho.

Ao Ruca pelo apoio e incentivo proporcionado nos momentos mais difíceis e ao Ruizinho pelo tempo e disponibilidade que não lhe pude dar e que tanto merece.

Índice Geral

1 . Introdução..... 1
1.1. Identificação e pertinência do estudo..... 3
1.2. Estrutura do trabalho..... 4

2. Revisão da Literatura..... 7
2.1. A reunião de preparação para a competição..... 9
2.1.1. Elementos de análise no processo de preparação da reunião para a competição..... 10
2.1.2. Condições de realização da reunião de preparação..... 15
2.2. A intervenção pedagógica do treinador na reunião de preparação para a competição..... 19
2.2.1. As fontes do conhecimento do treinador..... 23
2.2.2. O papel da comunicação na reunião da preparação..... 26
2.2.3. A importância do domínio das estratégias de instrução..... 31
2.3. O conteúdo da intervenção pedagógica na reunião de preparação para a competição..... 35
2.3.1. Componente técnica e táctica no Voleibol..... 38
2.3.1.1. Componente técnica..... 42
2.3.1.2 Componente estratégico-táctica..... 45
2.3.2. Componente psicológica..... 48
2.3.3. Componente energético-funcional..... 51

3. Objectivos e hipóteses..... 55
3.1. Objectivos..... 57
3.1.1. Objectivo geral..... 57
3.1.2. Objectivos específicos..... 57
3.2. Hipóteses..... 58

4. Material e Métodos..... 61
4.1. Caracterização da amostra..... 63
4.2. Jogos que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição..... 64
4.3. Variáveis..... 65

4.4. Procedimentos adoptados na recolha de dados..... 65
4.4.1. Questionário..... 65
4.4.2. Instrumento de observação SAPCI 66
4.4.3. Pressupostos de aplicação..... 75
4.5. Instrumentarium..... 75
4.6. Realização de um treino prévio de codificação de dados..... 76
4.7. Tratamento de dados e procedimentos estatísticos..... 77
4.8. Fiabilidade de observação..... 78

5. Apresentação e Discussão dos Resultados..... 81
5.1. Análise das condições de realização das reuniões de preparação para a competição..... 83
5.1.1. Momento da reunião de preparação para a competição..... 83
5.1.2. Local de realização da reunião..... 84
5.1.3. Participantes nas reuniões..... 85
5.1.4. Número e duração das reuniões observadas..... 85
5.1.5. Antecedência da reunião em relação à hora do início do jogo..... 87
5.1.6. Meios de apoio utilizados nas reuniões..... 88
5.2. Análise das intervenções verbais dos treinadores nas reuniões de preparação para a reunião..... 89
5.2.1. Análise descritiva dos resultados..... 89
5.2.1.1. Dimensão "O Quê"..... 89
5.2.1.1.1. Geral..... 89
5.2.1.1.2. Conteúdos relacionados com a própria equipa e a equipa adversária..... 96
5.2.1.2. Dimensão "A Quem"..... 102
5.2.1.3. Dimensão "Como"..... 103
5.2.2. Comparação dos resultados entre as equipas masculinas e as femininas..... 105
5.2.2.1. Conteúdo das intervenções verbais transmitido à própria equipa e equipa adversária entre os treinadores das equipas masculinas e femininas..... 106
5.2.2.1.1. Dimensão "O Quê"..... 106

5.2.2.2. Conteúdo das intervenções verbais entre os treinadores das equipas femininas e masculinas..... 114
5.2.2.2.1. Dimensão "A Quem"..... 114
5.2.2.2.2. Dimensão "Como"..... 115

6. Conclusões..... 117

7. Referências Bibliográficas..... 123
Anexos..... 139

Índice Figuras

Fig. nº1 – Sequência de momentos de jogo em Voleibol (Moutinho, 1995)

Índice Quadros

Quadro nº 1 - Valores de referência para o tempo de duração, em minutos, da reunião de preparação para a competição

Quadro nº 2 - Valores de referência para o tempo de antecedência da realização da reunião de preparação em relação à hora do início da competição

Quadro nº 3 - Distribuição da amostra do número de treinadores de voleibol (n=17) das equipas masculinas e femininas da divisão A1, quanto à idade, número de anos como treinador em geral e como treinador principal

Quadro nº 4 - Distribuição da amostra do número de treinadores de voleibol (n=17) das equipas masculinos e femininos da divisão A1, em relação às habilitações académicas, profissionais e sexo.

Quadro nº 5 - Jogos do campeonato nacional de seniores de voleibol da divisão A1 masculina que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 6 - Jogos do campeonato nacional de seniores de voleibol da divisão A1 feminina que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 7 - Dimensões, categorias, sub-categorias e variáveis

Quadro nº 8 - Resultados percentuais do treino de observação

Quadro nº 9 - Resultados percentuais da fiabilidade intra-observador

Quadro nº 10 - Resultados percentuais da fiabilidade inter-observador

Quadro nº 11 - Momentos das reuniões de preparação para a competição realizados pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Quadro nº 12 - Locais utilizados nas reuniões de preparação das equipas para a competição no dia do jogo e ao longo da semana

Quadro nº 13 - Número das reuniões de preparação das equipas para a competição efectuadas pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Quadro nº 14 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos à duração média em segundos das reuniões de preparação das equipas para a competição efectuadas pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Quadro nº 15 – Meios de apoio utilizados nas reuniões de preparação das equipas para a competição, para a totalidade dos treinadores, em geral e para os treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Quadro nº16- Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 17- Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 18 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 19 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes da sub-categorias da categoria táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 20 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 21 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 22 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 23 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 24 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes das sub-categorias da categoria táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 25 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 26 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais referentes à dimensão "A Quem" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 27 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias da dimensão "Como" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Quadro nº 28 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 29 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 30 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais relacionados com a equipa adversária da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 31 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às diferentes sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 32 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa adversária em relação às diferentes sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 33 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais da própria equipa em relação às variáveis das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 34 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais relacionados com a equipa adversária, em relação às variáveis das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 35 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação à dimensão "A Quem", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Quadro nº 36 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação à dimensão "Como", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

RESUMO

O presente estudo teve como propósito caracterizar as intervenções verbais dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição no Voleibol, no escalão de seniores A1, nos sectores masculino e feminino.

Partindo do pressuposto que a reunião de preparação para a competição é, usualmente, o último momento antes da competição, entre o treinador e os jogadores, compete ao treinador efectuar uma breve síntese de todas as informações transmitidas sobre os conteúdos treinados ao longo da semana, bem como apelar à coesão e concentração da equipa.

Com base neste quadro de referência estabelecemos os seguintes objectivos: 1) Obter um quadro caracterizador das condições de realização da reunião de preparação para a competição; 2) analisar o tipo de informação (O Quê) proferido pelos treinadores, em geral e em relação à própria equipa e à equipa adversária; 3) identificar os receptores da informação e a forma dos treinadores realizarem as intervenções; 4) verificar em que medida a informação transmitida pelos treinadores nas equipas masculinas difere dos treinadores nas equipas femininas, em geral, e referenciada à própria equipa e equipa adversária, em particular.

A amostra foi constituída por dezassete treinadores de Voleibol, sendo nove do sector masculino e oito do sector feminino, que disputaram o campeonato nacional sénior, divisão A1, na época desportiva 2002/2003. Realizamos um questionário para obter dados pessoais e informações pertinentes relacionadas com as reuniões de preparação. Caracterizamos a intervenção verbal do treinador, resultante da observação sistemática, pela aplicação dos instrumentos, Análise Sistemática das Intervenções de Conteúdo Pedagógico (*Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions*, SAPCI) de Gilbert et al. (1999), adaptado à especificidade do Voleibol e pelo Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC) de Pina e Rodrigues (1998).

A realização deste estudo permitiu obter as seguintes conclusões: 1) Os treinadores realizam várias reuniões de preparação e recorrem ao vídeo e quadros como meios de apoio; 2) as reuniões no dia do jogo realizam-se com uma antecedência de aproximadamente uma hora do seu início, no balneário do recinto do jogo e participam todos os jogadores e a equipa técnica; 3) o teor

das informações incide fundamentalmente na categoria táctica; 4) os treinadores privilegiam a táctica colectiva defensiva quando se referem à própria equipa e a táctica individual ofensiva quando se referem à equipa adversária; 5) as outras dominantes do rendimento desportivo (contexto do jogo e resultado desportivo) e os aspectos psicológicos assumem considerável importância nas intervenções verbais relacionadas com a própria equipa, enquanto que as habilidades técnicas (remate e o serviço) são aspectos privilegiados nas intervenções verbais relacionadas com a equipa adversária; 6) os treinadores dirigem as instruções dominantemente para a totalidade dos jogadores e a informação assenta essencialmente no aspecto descritivo; 7) na comparação entre as reuniões de preparação das equipas masculinas e femininas, no que concerne à duração das mesmas, registaram-se diferenças estatisticamente significativas com ascendente das primeiras sobre as segundas; 8) em relação ao teor das intervenções registaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão "O Quê", na categoria outras dominantes do rendimento desportivo, com ascendente nas equipas masculinas; 9) nas intervenções relacionadas com a própria equipa registaram-se diferenças estatisticamente significativas na categoria outras dominantes do rendimento desportivo, nomeadamente no contexto do jogo e nos resultados desportivos e na sub-categoria táctica colectiva defensiva ao nível do sistema de recepção, pertencendo os valores mais elevados às equipas masculinas; 10) nas intervenções relacionadas com a equipa adversária não se registaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos; 11) na dimensão "A Quem" na categoria equipa e na dimensão "Como" na categoria descritiva, registaram-se diferenças estatisticamente significativas, com ascendente das equipas masculinas.

Palavras chave: Voleibol; Treinador; Intervenção Verbal ; Reunião; Competição.

Abstract

The purpose of the present study was to characterize the oral intervention of the coaches, in the preparation meetings for the volleyball competition, of seniors A1, male and female teams.

This preparative meeting is very important, because it is the moment in which the coach sums up all the information and contents taught and trained during the week. It is also the time to appeal cohesion and concentration for the team.

According with this approach we established the following aims:1) To characterize the conditions in which the preparative meeting is performed; 2) to analyse the type of information (what) given by the coaches, in general, and to their own team and the opposing one; 3) to identify the receivers (to whom) and the way (how) the coaches give those interventions; 4) to verify if there is any difference between the information, given by the coaches, to the male and female teams.

The sample was seventeen volleyball coaches, nine from masculine sector and eight from the feminine one, who disputed the national championship senior, division A1, in the sportive season 2002/2003. Meanwhile, we also did a questionnaire so that we could have further information about personal details and pertinent information connected to the preparation meetings. We characterize the coaches oral intervention, as a result of systematic observation, based on the Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions (SAPCI) of Gilbert et al. (1999), adapted to the volleyball specificity and by System Analysis of Information in Competition (SAIC) of Pina e Rodrigues (1998).

This study leaded us to the following conclusions: 1) The coaches do several preparations meetings to the competition in which, videos and blackboards are used as a support for their explanations; 2) on the day of the competition, all players and coaches get together, in the balneary, for about one hour before the beginning of the game; 3) the information given is mainly on tactic category; 4) the coaches prefer the tactic of collective defence information, about own team, and the tactic of individual attack information when they refer to the opposing team; 5) the dimension others components of

sportive performance, game context and sportive result, and the psychological dimension are emphasized in the coach interventions about own team, and the technical category (namely, service and spike) are emphasized in the coach interventions about opposing team; 6) the coaches give the information, preferentially, to all the players (team) and the information is mainly descriptive; 7) on the comparison between groups, there were differences in the length of the meetings, and the highest values were found on the male teams; 8) there were also significant differences between groups in the dimension "What", in the category others components of sportive performance, and the highest values were found on the male teams; 9) particularly, about own team information, we found significant differences in the dimension "What", in the category others components of sportive performance, game context and sportive results, and in the tactic category, collective defence about serve reception, and the highest values were found on the male teams; 10) there wasn't any relevant difference about the interventions connected to the opposing team among the groups; 11) some significant differences were found in the dimension "to whom" about team category and in the dimension "how", in the descriptive category, and the highest values were found on the male teams.

Key words: Volleyball; Coach; Oral Intervention; Meeting; Competition.

Resumée

Cette étude a eu comme propos carácteriser les interventions verbales des entraîneurs dans les réunions de préparation pour la compétition au volley ball à l`échelle des seniors A1 aux masculin et féminin.

Étant donné que la réunion de préparation pour la compétition est en général le dernier moment de la compétition entre l`entraîneur et les joueurs, celui-là doit faire une brève synthèse de toutes les informations transmises sur les contenus pratiqués le long de la semaine et aussi appeler à la cohésion et concentration de l`équipe.

Sur la base de ce cadre de référence, nous avons établi les objectfs suivants: 1) Obtenir un cadre caractérisant les conditions de réalisation de la réunion de préparation pour la compétition; 2) analyser le type d`information (le quoi) livré par les entraîneurs en général et en ce qui concerne leur rapport avec l`équipe et l`adversaire; 3) identifier les récepteurs et la manière dont ils réalisent leurs interventions; 4) vérifier en quelle mesure l`information transmise par les entraîneurs des équipes masculines diverge de celle des entraîneurs des équipes féminines, en géneral et sur l`équipe elle-même et l`équipe adversaire.

L`échantillon a été constitué par dix-sept entraîneurs de volley ball, en ayant neuf du secteur masculin et huit du secteur féminin, qui ont disputé le championnat national senior, divison A1 de l`époque sportive 2002/2003. Nous avons un questionnaire afin d`obtenir des donnés personnels et des informations pertinentes par rapport aux réunions de préparation. Nous avons carácterisé l`intervention verbale de l`entraîneur qui résulte de l`observation systematique, par l`application des instruments *Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions* (SAPCI, de Gilbert et al., 1999), adapté à la spécificité du volley ball, et par le *Sistema de Análise da Informação em Competição* (SAIC)de Pina e Rodrigues (1998).

La réalisation de cette étude a permis d`obtenir les conclusions suivantes: 1) Les entraîneurs font plusieurs réunions de préparation en s`appuyant sur la vidéo et les tableaux; 2) le jour du match, les réunions ont lieu à peu près une heure avant le début du match, au balnéaire et où participent tous les joueurs et l`équipe technique; 3) le contenu des informations parle essentiellement sur la tactique; 4) les entraîneurs privilégient la tactique collective défensive

lorsqu`ils mentionnent leur propre équipe et la tactique individuelle offensive lorsqu`ils se rapportent à l`équipe adversaire; 5) les autres dominantes du rendement sportif (contexte du jeu et résultat sportif) et les aspects psychologiques assument une importance considérable dans les interventions verbales ayant trait à sa propre équipe, alors que les habilités techniques (finalisation et service) sont des aspects privilégiés dans les interventions verbales liées à l`équipe adversaire; 6) les entraîneurs portent les instructions préférentiellement sur la totalité des joueurs et la structure des informations repose essentiellement sur la variable de la description; 7) nous avons observé des différences significatives en thermes statistiques pendant les réunions, surtout quant aux équipes masculines; 8) la comparaison entre les groupes fait apparaître des divergences statistiques significatives en ce qui concerne la dimension « Quoi », catégorie autres dominantes du rendement sportif, pour les équipes masculines; 9) la comparaison entre les groupes et en rapport avec leur propre équipe fait apparaître des divergences statistiques significatives dans la catégorie autres dominantes du rendement sportif, principalement dans le contexte du jeu et quant aux résultats sportifs et, dans la sub-catégorie tactique collective défensive, au niveau du système de réception, alors que les valeurs les plus élevées appartiennent aux équipes masculines; 10) en ce qui concerne les interventions liées à l`équipe adversaire, nous n`avons pas observé de divergences statistiques significatives entre les groupes; 11) dans la dimension « À qui », dans la catégorie équipe et dans la dimension « Comment » dans la catégorie descriptive, il a été observé des divergences statistiques significatives plutôt pour les équipes masculines.

Mots-clefs : Volley-ball ; Entraîneur ; Intervention verbale ; Réunion ; Compétition

1. INTRODUÇÃO

1.1. Identificação e pertinência do estudo

As exigências que o desporto de alto nível têm vindo a impor, na procura constante do rendimento dos jogadores e das equipas nas competições, exige ao treinador um conhecimento profundo acerca dos processos de intervenção, nomeadamente, durante a emissão de informação. Saber o que dizer, quando, a quem e como o dizer, constituem factores concorrentes do sucesso da intervenção pedagógica do treinador.

A maior parte dos estudos, têm-se vindo a centrar na análise do comportamento do treinador no treino ou na competição (Trudel e Brunelle, 1985; Piéron e Renson, 1988; Rodrigues et al., 1992; Trudel et al., 1992; Sarmento, 1993; Pina e Rodrigues, 1994; Rodrigues, 1995; Pina e Rodrigues, 1997; Mesquita, 1998a; Pina e Rodrigues, 1998; Rodrigues e Pina, 1998; Gilbert et al., 1999; Afonso 2001; Amaral, 2001; Cruz, 2002), subestimando-se outros momentos do processo de preparação das equipas.

A análise das intervenções do treinador na preparação da equipa para a competição, nomeadamente na reunião preparatória, assume importância crucial, na medida em que é o momento, por excelência, em que o treinador intervém, de forma sistemática antes da competição. Como tal, o tipo de intervenção do treinador pode ter influência decisiva nas performances do jogador, em particular, e das equipas, em geral.

De facto, saber passar eficazmente a mensagem pode ser um factor de êxito dos jogadores e das equipas nas competições, contribuindo para tal o domínio aprofundado de diferentes técnicas de comunicação. Simultaneamente, a forma como o treinador comunica com os jogadores, nomeadamente, através do relacionamento estabelecido entre os intervenientes, expresso em actos e palavras, influencia, indubitavelmente, o rendimento individual e colectivo (Cushion & Jones, 2001). Leith (1992) e Salmela (1996) corroboram este entendimento ao referirem que as intervenções do treinador influenciam a prática dos jogadores, ao ponto do sucesso nas competições ser o resultado de comunicações eficazes.

Neste sentido, parte-se do princípio que o treinador possui um conhecimento profundo dos conteúdos da modalidade em questão, e que sabe preparar a equipa ao nível táctico, técnico, físico e psicológico para a competição. Todavia, Cushion e Jones (2001) e Mesquita (2002) enfatizam mais uma vez a ideia de que apesar de ser fundamental todo este conhecimento, é a sua aplicação que distingue a intervenção de excelência da simples intervenção comum. Neste entendimento, torna-se então fundamental uma preparação cuidada, evitando situações imprevistas, em virtude de que uma decisão errada pode significar uma derrota.

Com base neste quadro de referência consideramos pertinente a realização do presente estudo, ao possibilitar o acesso a um conhecimento situado do cariz da informação veiculada pelo treinador, na reunião de preparação, nas equipas de maior nível de rendimento competitivo nacional. Neste contexto, a nossa investigação pretende essencialmente caracterizar o tipo de informação, a quem e como é dirigida a informação veiculada pelos treinadores nas reuniões de preparação das equipas para a competição, na modalidade de Voleibol, no escalão de seniores, da divisão A1. Pretendemos também verificar se o conteúdo da informação difere entre os treinadores das equipas masculinas e femininas, bem como em que condições se realizam as reuniões preparatórias.

1.2. Estrutura do trabalho

Este trabalho encontra-se estruturado em seis pontos principais, seguidos da bibliografia e anexos.

No primeiro capítulo realizamos uma breve introdução ao tema onde apresentamos a identificação e pertinência do estudo, bem como a organização e estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão bibliográfica, onde destacamos a reunião de preparação para a competição ao nível da análise do processo de preparação e das condições de realização. Posteriormente, centramo-nos na intervenção pedagógica do treinador, nomeadamente nas

fontes de conhecimento e na importância da comunicação e da instrução no processo de preparação; por fim, abordamos o conteúdo (técnico, táctico, psicológico e energético-funcional) da intervenção pedagógica do treinador de Voleibol.

No terceiro capítulo, descrevemos os objectivos e as hipóteses do presente estudo.

No capítulo do material e métodos apresentamos a caracterização da amostra, as variáveis do estudo, os procedimentos adoptados na recolha dos dados, os instrumentos utilizados no registo da informação, os procedimentos estatísticos e a fiabilidade das observações.

No quinto capítulo, efectuamos a apresentação e discussão dos resultados, confrontando-os com os de outros estudos, no sentido de possibilitar uma análise crítica.

No sexto capítulo apresentamos as conclusões do trabalho e formulamos sugestões para a realização de futuros estudos.

Por fim apresentamos as referências bibliográficas mencionadas ao longo do trabalho, seguidas dos anexos, nos quais são apresentados o modelo de questionário e os dados, resultantes da observação e posterior análise.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A Reunião de Preparação para a Competição

A reunião de preparação para a competição é usualmente o último momento entre o treinador e os jogadores antes da competição. Cabe ao treinador efectuar uma breve síntese de todas as informações transmitidas e treinadas ao longo da semana, assim como apelar à coesão de grupo e à concentração dos jogadores e equipa para a execução das diferentes tarefas a desempenhar ao longo do jogo, por forma a alcançar o êxito na competição (Pacheco, 2002).

Mesquita (1997) refere que a reunião de preparação para a competição, é um evento de carácter fundamentalmente pedagógico, com o objectivo de alcançar a optimização do rendimento, em que a tarefa do treinador ocorre essencialmente num processo de actividade comunicativa. Nerin (1986) entende que esta reunião assume um papel essencialmente cognitivo (estratégico-táctico) e afectivo e que a sua principal finalidade é a preparação mental dos jogadores para a competição.

Com o intuito de obter a optimização da performance desportiva, as equipas no dia da competição realizam normalmente um conjunto de rotinas, que vão desde o treino da manhã (preparação física e mental da equipa para o jogo), o almoço, a viagem para o local do jogo, o reconhecimento do terreno de jogo, o equipar, a respectiva reunião com os jogadores e o aquecimento (Nerin, 1986; Salmela, 1996).

Salmela (1996) através de estudos realizados com o contributo de 22 treinadores de equipas nacionais, profissionais e universitárias do Canadá de Hóquei no Gelo, Hóquei no Campo, Basquetebol e Voleibol refere que, por vezes, acontece os jogadores reunirem cerca de quinze minutos antes do início da competição, sem a presença do treinador, para discutir aspectos de interesse da equipa, tais como a atitude a assumir em jogo e a forma como pretendem jogar. Estas rotinas variam de acordo com a modalidade e com a filosofia do treinador e dos jogadores.

Actualmente como é, cada vez, maior a quantidade de informação a transmitir aos jogadores, algumas das equipas de elevado nível competitivo sentem necessidade de realizar 2 a 3 pequenas reuniões (Houlier e Crevoisier,

1993), tendo cada uma delas temas específicos (equipa adversária - pontos fortes e fracos, esquemas tácticos, combinações, etc.; plano de jogo da sua equipa, esquemas e combinações tácticas).

Num dos estudo de Salmela (1996) um treinador de Voleibol refere que realiza várias reuniões, sendo uma específica para os jogadores do sector esquerdo, outra para os do centro e ainda outra para os do sector direito do campo e que, despende mais tempo a falar acerca da sua equipa do que no adversário. Do adversário aborda o tema da defesa, bem como as características dos jogadores atacantes e servidores normalmente utilizados.

2.1.1. Elementos de Análise no Processo de Preparação da Reunião para a Competição

Pela importância que a reunião de preparação para a competição exerce na optimização do rendimento da equipa são fundamentais os procedimentos de cariz metodológico, aplicados no processo da sua preparação.

Daí, Nerin (1986) considerar que o treinador na preparação da reunião deverá ter em consideração o seu aspecto formal, que diz respeito às variáveis objectivas do jogo (plano de jogo da sua equipa, características do adversário - pontos fortes e fracos), ou seja, os conteúdos da componente estratégico-táctica, e também, o seu aspecto informal, que corresponde às variáveis menos objectivas, como a componente mental, mais especificamente, como irá preparar psicologicamente a equipa para a competição. Para o mesmo autor e relativamente ao discurso a ter na reunião, aspectos como, o local de realização da competição (jogo em "casa" ou "fora"), os conceitos pré-concebidos da equipa adversária (equipa considerada teoricamente forte ou fraca) e os julgamentos e comentários internos ao clube (directores, dirigentes, etc.) e da comunicação social (com valor de juízo negativo) podem levar o treinador a alterar o discurso da sua intervenção. Por tais motivos, o seu conteúdo poderá variar de competição para competição. Como instrumentos metodológicos, o mesmo autor apresenta três tipos de possíveis discursos na intervenção com os jogadores:

- **estratégico-táctico**, o qual tem uma dimensão fundamentalmente cognitiva, com base nos aspectos estratégico-tácticos da equipa e sem fazer apelo aos recursos afectivos (motivacionais) dos jogadores;
- **psicológico e /ou motivacional** em que o grande objectivo é reduzir o *stress* dos jogadores transmitindo calma, confiança e segurança. Aqui não se faz referência à forma de jogar da equipa ao nível das estratégias e tácticas a adoptar para a competição;
- **estratégico-táctico e psicológico** em que faz referência à forma como a equipa irá jogar (esquemas tácticos, combinações, etc.) e simultaneamente a aspectos da componente afectiva.

Neste entendimento e no processo de preparação da equipa para a competição a elaboração do plano estratégico-táctico ou plano de jogo e as tarefas de *"scouting"* (observação do adversário) assumem especial destaque (Zhang, 1993 a,b; Cunha, 1998). Ainda para os mesmos autores, é no plano estratégico-táctico que assentam os aspectos fundamentais que a equipa deverá respeitar para contrariar o adversário e alcançar a vitória na competição.

Neste contexto, e segundo os especialistas, existem determinados aspectos a ter em consideração na elaboração do plano estratégico-táctico de preparação da equipa para a competição (Cunha, 1998; Lima, 1993; Zhang, 1993 a,b; Castelo, 2000b; Shanahan & Schefter, 2000), tais como:

- o conhecimento dos factores de rendimento que estão subjacentes à optimização do rendimento desportivo;
- o conhecimento e a apreciação objectiva das possibilidades e particularidades dos jogadores e da própria equipa. As diferentes combinações para determinadas acções tácticas ofensivas e defensivas, o ajustamento preparado para o confronto: defesa versus ataque, tendo em especial atenção aos pequenos pormenores;
- o conhecimento aprofundado das particularidades dos jogadores e da equipa adversária (caracterização do processo ofensivo e dos pontos

fortes e fracos), assim como o conhecimento da personalidade, estilo, preferências técnico-tácticas do treinador adversário;

- as circunstâncias em que se vai desenrolar a competição: condições climatéricas; dimensões do espaço de jogo (pavilhão); equipa de arbitragem; comportamento do público; entrevistas e informações da comunicação social;
- a previsão de possíveis cenários ou eventuais alterações que poderão surgir durante a competição por parte da equipa adversária face a situações tácticas específicas. Este conhecimento antecipado das situações por parte dos jogadores é particularmente benéfico, pois assim, reduzem a quantidade de informação nova que surge durante o jogo, adaptando-se mais rapidamente às situações de mudança; preparam-se ainda, antecipadamente, para o desenlace da competição, prevendo-se os cenários evolutivos possíveis.

O planeamento estratégico-táctico também constitui uma grande ajuda para o treinador ao longo do decorrer do jogo visto que o auxilia a ter presente as informações pertinentes previamente sistematizadas, permitindo-lhe actualizar as pistas a que pode recorrer para assumir uma determinada decisão, mesmo que o clima emocional da competição seja intenso.

Através do *"scouting"* são estudados todos os pormenores da equipa adversária, tais como, as combinações tácticas mais utilizadas, pontos fortes e fracos da equipa e jogadores, como a rapidez do contra-ataque, a identificação dos jogadores chave na organização do jogo, a capacidade de recuperação da bola perante resultados adversos, filosofia e estrutura psicológica do treinador adversário. Só após a análise destes dados é que o treinador deverá passar para a construção do seu plano de jogo (Zhang, 1993 b; Castelo, 2000 a,b).

Vários são os especialistas que atribuem elevada importância ao conhecimento aprofundado das características da equipa adversária, uma vez que é através da neutralização dos pontos fortes e da exploração dos pontos fracos que se consegue ultrapassar o adversário e alcançar a vitória (Comas, 1991b; Lima, 1993; Zhang, 1993 a,b; Pina e Rodrigues, 1998, Shanahan & Schefter, 2000). Daí que a caracterização da equipa adversária é normalmente

um dos temas a abordar na reunião de preparação da equipa para a competição (Teodorescu, 1984; Lima, 1993; Castelo, 2000a).

Porém, nem todos os treinadores dão especial atenção às características do adversário (equipa e jogadores individualmente), uma vez que consideram ser mais importante a forma de jogar da sua equipa. Cook (2001) considera aceitável esta forma de actuar por parte de alguns treinadores que tenham jogadores experientes e pertencentes a equipas de nível superior, embora um conhecimento acerca dos adversários seja mais prudente e seguro.

Para que o treinador tenha conhecimento das características do adversário é necessário efectuar uma recolha dos dados. Essas podem ser através da observação directa em que se estuda o modelo de jogo ofensivo e defensivo, as particularidades da performance (energético-funcional, técnico e psicológico), a qualidade dos jogadores da equipa base e dos suplentes, o comportamento disciplinar e a qualidade do treinador adversário na condução da equipa (Teodorescu, 1984; Zhang, 1993 a,b; Castelo, 1994).

A observação directa exige um olhar atento e dirigido, funcionando como um processo selectivo de busca e captação de sinais, deixando de lado o que não interessa, e filtrando o que usamos para construir a realidade (Graça, 1998). Para o mesmo autor, esta é uma capacidade discriminativa que possibilita ao treinador isolar e identificar com mais nitidez e maior precisão a ocorrência de certos sinais, mas também serve para verificar o que falta e o que está a mais, o que não deveria estar e o que está ainda de modo insuficiente

O domínio das técnicas de observação, tendo em consideração todas as suas "nuances", é tarefa ou função essencial do treinador, sendo este o responsável máximo pela preparação do processo de treino e competição, desde o seu planeamento até à sua condução e avaliação dos resultados.

A observação indirecta, através da análise em vídeo e de programas de informática, nos quais são registadas as principais particularidades da equipa adversária, os comentários da imprensa desportiva, os registos do próprio treinador acerca do desempenho das equipas adversárias em jogos anteriores, as informações por trocas de vídeos com treinadores que já defrontaram a equipa em questão e as informações através de jogadores da própria equipa que já tenham jogado com esses jogadores ou que residam na área geográfica

da equipa a observar são outras possíveis formas para a recolha dos dados das equipas adversárias (Teodorescu, 1984; Zhang, 1993 a,b; Castelo, 1994). Todavia, as principais fontes de diagnóstico e prognóstico das tendências de desenvolvimento da táctica de uma equipa são sem dúvida alguma as próprias competições desportivas (Bota e Colibaba-Evulet, 2001).

Os meios auxiliares de apoio mais utilizados pelos treinadores na observação e análise das equipas adversárias, são as simples grelhas de observação (referência) e o vídeo. As grelhas são normalmente elaboradas pelos próprios treinadores, para cada equipa a defrontar, de notação manual e o principal objectivo é anotar as diferentes soluções tácticas aplicadas pelos adversários, para que seguidamente, com base nesses elementos sejam elaborados os planos tácticos da equipa. Porém, há já quem recorra a meios mais sofisticados, nomeadamente a programas de informática.

Na prática corrente não há jogo sem que as equipas se tenham estudado pormenorizadamente do ponto de vista táctico. Até nos ciclos pré-competitivos de preparação e sobretudo nos jogos de preparação (inclusive de verificação) é experimentada, com êxito, a chamada «modelação do adversário e das condições do jogo até aos mais pequenos detalhes» (os sistemas de jogo, o campo de jogo, a hostilidade do público, etc.) (Bota e Colibaba-Evulet, 2001, 111).

O conhecimento do sistema de jogo de base da equipa adversária, a organização do processo ofensivo e defensivo, a concepção de jogo, a agressividade na realização de certas acções do jogo e respectiva eficácia, a identificação dos jogadores fundamentais na organização da equipa, as atitudes e comportamentos sócio-psicológicos dos jogadores e da equipa em situações de adversidade, assim como o tipo de relacionamento com os adversários e com a equipa de arbitragem são aspectos essenciais a analisar ao efectuar a recolha dos dados das características do adversário (Zhang, 1993 b; Castelo, 2000b).

Após a recolha e análise minuciosa das características da equipa adversária, o treinador deverá elaborar o seu plano de jogo (plano estratégico-táctico) tendo, segundo os mesmos autores, em consideração as seguintes etapas:

a) A orientação geral do jogo da equipa (ataque ou defesa);
b) a adaptação dos modelos de jogo ofensivos e defensivos da equipa em função das especificidades da equipa adversária;
c) o planeamento de acções estratégico-tácticas inovadoras de forma a surpreender a equipa adversária;
d) a elaboração da constituição da equipa em função do plano estratégico-táctico previamente estabelecido;
e) a distribuição individual e colectiva das tarefas tácticas (esquemas, combinações, etc.).

À elaboração do plano de jogo sucede-se a sua prossecução. Normalmente, o treinador tem uma semana para preparar a equipa para a competição, exceptuando-se situações em que a equipa está a disputar, em simultâneo, diferentes provas, tais como a taça nacional, competições europeias, etc.

2.1.2. Condições de Realização da Reunião de Preparação

Para a reunião de preparação para a competição são concorrentes determinadas condições promotoras de uma comunicação eficaz entre o treinador e os jogadores, tais como, o local de realização, os meios de apoio, os participantes, entre outros aspectos.

a) Local de realização da reunião de preparação para a competição -
A reunião de preparação para a competição deverá ter um local próprio, por forma a que todos os participantes se concentrem nas informações (mensagens) transmitidas.

O espaço da sua realização varia em função do nível competitivo como constatou Pacheco (2002). O autor, em equipas de Futebol sénior masculino, verificou que enquanto as equipas da 1ª liga reúnem no hotel as da 2ª divisão B reúnem no balneário do campo de jogo.

b) Meios de apoio utilizados -

Existem vários meios que facilitam a transmissão da informação aos jogadores. Os quadros, as maquetas de campo de jogo com peças móveis, o *flip-chart* (folhas de papel sobrepostas e colocadas num cavalete), o vídeo, o computador e o *data-show*, com o recurso a programas informáticos, são os meios de apoio que usualmente os treinadores utilizam.

Para Lima et al. (1980) ao nível do alto rendimento desportivo é imprescindível recorrer à utilização do vídeo, da documentação e outros meios que possibilitam o fornecimento de modelos de referência, o registo das actuações individuais e colectivas acelerando, desta forma, a correcção dos erros efectuados, quer nos treinos quer na competição.

Já em 1984, Teodorescu referiu que os quadros e as maquetas do campo de jogo com peças móveis são os meios de apoio mais utilizados na reunião por facilitarem a compreensão da informação, ao nível estratégico-táctico da equipa. Contudo, as informações mais importantes deverão ser realçadas e repetidas para que o treinador se certifique que foram adequadamente percebidas (Cook, 2001).

Pacheco (2002) constatou que os treinadores da 1ª liga de futebol recorrem a dois ou mais meios de apoio para a realização da reunião, enquanto que a maior parte dos treinadores da 2ª divisão B não utilizam qualquer meio de apoio, tendo sido, o *flip-charp* o meio didáctico mais utilizado por facilitar a comunicação junto dos jogadores.

O vídeo tem como principal objectivo caracterizar as particularidades da equipa adversária, em relação aos seus pontos fortes e fracos, e prever as prováveis reacções que o adversário irá adoptar face a situações tácticas específicas. Há treinadores que também o utilizam para observar juntamente com os jogadores a prestação destes em confrontos anteriores, comentando os aspectos mais relevantes, detectando erros e, a partir daí, planear de forma construtiva as estratégias futuras com o intuito de melhorar o respectivo desempenho (Launder & Piltz, 1999). Para estes autores é necessário que o treinador utilize o video de forma positiva, elogiando e reforçando os aspectos bem sucedidos do jogo, que foram enfatizados nos treinos, e que são prova de que a equipa começa a alcançar os seus objectivos, mesmo se os resultados não forem os melhores.

c) Participantes -

Na reunião de preparação para a competição podem participar todos os elementos envolvidos na equipa (jogadores, equipa técnica, corpo clínico, directores, etc.), existindo todavia opiniões distintas entre os especialistas.

Segundo Castelo (2000a) apenas devem participar os jogadores convocados e os treinadores, principal e adjuntos, exceptuando-se o presidente ou director do clube, quando acompanham diariamente o trabalho da equipa (treinos, reuniões, etc.). O mesmo autor acrescenta ainda, que só os jogadores e os treinadores é que devem intervir; contudo, se o presidente ou o director tiver de usar a palavra, por força maior, deverá efectuá-lo sempre no início da reunião e nunca no fim, pois uma palavra mal interpretada, um comentário desajustado poderá influenciar negativamente os jogadores e pôr em causa o sucesso da equipa.

O estudo de Pacheco (2002) confirma o defendido por Castelo (2000a) pelo facto do autor ter verificado que nestas reuniões participam a equipa técnica (treinador principal e treinadores assistentes), os jogadores e, por vezes, os directores nas reuniões da 1º liga de futebol.

d) Duração -

A reunião que antecede a competição não deverá ter duração muito prolongada, na medida em que é um momento, no qual os jogadores se encontram, particularmente ansiosos e, consequentemente, não se conseguem concentrar durante muito tempo. Daí que a informação deva ser breve, clara e concisa de forma a ser eficaz (Siedentop, 1991; Rink, 1994; Graça, 1998; Kolh, 2000; Mesquita, 1998 a,b; Rodrigues, 2000).

Quadro 1 - Valores de referência para o tempo de duração, em minutos, da reunião de preparação para a competição

Autor	Tempo de duração (minutos)
Teodorescu (1984)	60
Nerin (1986)	30
Comas (1991)	15
Houlier e Crevoisier (1993)	20
Salmela (1996)	15-30
Castelo (2000a)	30-45
Lima (2000)	15
Cook (2001)	40
Pacheco (2002)	20

Através da análise da literatura, podemos constatar que o tempo de duração apontado diverge substancialmente de autor para autor (Quadro 1).

Peres (2001), treinador de futebol, refere que realiza a reunião ou palestra no próprio dia do jogo antes da saída para o estádio e que a sua duração não ultrapassa os 30 minutos. A informação transmitida aos jogadores incide essencialmente em relembrar os objectivos do jogo, os aspectos técnico-tácticos e principalmente emitir confiança aos jogadores.

Em contrapartida nas reuniões de duração mais curta, focaliza-se essencialmente a informação para a discussão de alguns aspectos estratégicos e para os pontos fortes e fracos das equipas, embora dando sempre maior realce às qualidades da própria equipa (Salmela, 1996).

Porém há equipas profissionais, muito frequente no futebol, que por terem mais tempo disponível e por ser transmitida muita informação aos jogadores efectuam, por vezes, mais do que uma reunião de preparação para a competição, sendo uma na véspera da competição que pode ser repartida por 2 ou 3 temas (própria equipa, adversário e esquemas tácticos) e outra no próprio dia (Houlier e Crevoisier, 1993).

Também existem treinadores que realizam duas reuniões no dia da competição, sendo uma mais prolongada no hotel, e outra mais curta no balneário, momentos antes da equipa entrar em jogo (Nerin, 1986). No estudo de Salmela (1996), o autor constatou que nesta última reunião, normalmente abordam-se 2 ou 3 pontos chaves e transmite-se algumas palavras de incentivo.

Quanto à antecedência da realização da reunião em relação à hora do início da competição, também a opinião difere entre os autores.

O Quadro 2 apresenta valores de referência de diversos autores provenientes de estudos acerca do tempo de antecedência da realização da reunião de preparação em relação à hora do início da competição.

Quadro 2 - Valores de referência para o tempo de antecedência da realização da reunião de preparação em relação à hora do início da competição

Autor	Tempo (horas)
Teodorescu (1984)	24
Bauer e Uberle (1988)	3-5
Gomelski (1990)	2-3
Houlier e Crevoisier (1993)	3-5
Castelo (2000a)	2-24
Cook (2001)	2
Pacheco (2002)	2

Conforme se verifica, existe grande discrepância (entre as 2 e as 24 horas) entre as opiniões dos autores, em relação à antecedência da realização da reunião de preparação para a competição

2.2. A Intervenção Pedagógica do Treinador na Reunião de Preparação para a Competição

Nos dias de hoje o treinador assume um papel e uma missão muito importante, na medida em que lhe é exigido o exercício de uma infindável lista de tarefas, de aptidões, de atitudes e comportamentos, em aumento crescente de exigência (Rosado et al., 2000). Daí que, ser treinador não é uma tarefa fácil na medida em que pressupõe o assumir de determinadas responsabilidades (direitos e deveres), dentro de um contexto social e desportivo em constante transformação (Lima et al., 1980).

A profissão de treinador exige uma constante habilidade de adaptação às situações. Os jogadores entram e saiem das equipas, as lesões surgem quando menos se espera, as motivações alteram-se, as regras do jogo modificam-se, o tempo passa e a tabela dos resultados oscila.

Salmela (1996, 40), reforça esta ideia ao referir "todos aqueles que pensam que já alcançaram a perfeição e que não necessitam de se adaptar a novas situações, estão certamente envolvidos num grande problema e a caminhar para o fim da sua carreira como treinadores". O mesmo autor acrescenta ainda que os treinadores e as equipas de sucesso são aquelas que se adaptam às situações, aperfeiçoam, aprendem e só posteriormente é que começam a jogar melhor e alcançam o êxito.

Ser treinador implica uma constante tomada de decisões, organizadas com base em indicadores e segundo critérios que obedecem a uma certa ordem e se apoiam em diferentes domínios, tais como, liderança, motivação, comunicação, opções estratégias e tácticas decorrentes da observação e análise da actividade desenvolvida pelo colectivo de trabalho, gestão das pressões contidas nas competições, controle da capacidade de concentração e das emoções (Araújo e Henriques, 1999).

Neste sentido, uma das principais tarefas do treinador está no saber ensinar, sendo que este acto é um processo dependente da relação entre os jogadores e o próprio treinador. O professor ou treinador para desenvolver a capacidade de aprender a ensinar, deve realizar permanentemente uma auto-crítica da sua intervenção no processo ensino-aprendizagem (Abrantes, 1995). Deve estudar e aprender com os erros e sucessos (Shanahan & Schefter, 2000) de modo que as suas capacidades se desenvolvam no sentido de uma intervenção, pautada pela qualidade.

Neste contexto o treinador é um educador, e se não se assume como tal, o seu contributo na formação dos jogadores será sempre e a longo prazo profundamente negativo (Lima et al., 1980). Daí que ele deva ser responsabilizado pela forma de actuação, independentemente, dos pressupostos teóricos e de convicção pessoal que orientam a sua conduta. A forma como se relaciona com os jogadores, árbitros, dirigentes, espectadores, ou seja, todas aquelas personagens que participam activamente na competição, é determinada pela atitude que cada treinador assume no âmbito da sua filosofia de vida e que transfere para o exercício da sua função. Logo, a sua conduta constitui "um modelo" positivo ou negativo, que os jogadores observam, avaliam e adoptam nas mesmas situações em que aquela se manifestou (Lima et al., 1980).

Nesta perspectiva, é importante que o treinador possua uma boa formação pessoal e profissional, por forma a exercer uma influência positiva sobre os seus jogadores e restantes personagens activas que participam no contexto desportivo.

Rosenshine e Stevens (1986) e Housner (1990) corroboram o entendimento de que a intervenção pedagógica do formador (professor ou treinador) deve basear-se nos seguintes pressupostos básicos:

1. definição clara dos objectivos e conteúdos de ensino;
2. centrar-se na sequência e estrutura dos conteúdos, sob a orientação do treinador;
3. ritmo nos episódios de instrução acompanhado de explicações claras acerca dos conteúdos;
4. criar expectativas positivas nos jogadores;
5. tarefas orientadas e supervisionadas pelo treinador;
6. colocação de perguntas com um índice de dificuldades baixo, por forma a obter um elevado número de respostas correctas;
7. feedback emitido no imediato e academicamente orientado.

Ser treinador implica gerir uma equipa e jogadores e para tal, é necessário que o treinador desempenhe um conjunto de funções (Araújo e Henriques, 1999), tais como ser:

- Líder : Após a conquista da liderança, o treinador terá facilitada a tarefa de concretização dos objectivos, previamente estabelecidos no planeamento da equipa.

  Ser líder não é tarefa que se conquiste facilmente. Existem aspectos que favorecem a sua obtenção, tais como: tratar os outros como gostaria de ser tratado; estar aberto a ouvir as opiniões dos outros e nunca em qualquer circunstância utilizar a força (Lynch, 2001).
- Educador: no processo ensino-aprendizagem o treinador deve também ter a preocupação de formar e educar os jogadores.
- Gestor: saber organizar e planificar todo o trabalho da equipa, tomando a participação responsável dos que nos rodeiam, como base essencial de suporte da nossa acção.
- Motivador: procurar o sucesso, desenvolvendo a auto-estima dos jogadores tendo em consideração as suas necessidades.
- Conselheiro: saber intervir extra-treino, influenciando sempre pela positiva ao nível formativo e educativo.
- Disciplinador: saber conquistar o respeito e a lealdade dos jogadores, agindo sempre com firmeza e justiça. Apelar pela autodisciplina e

auto preparação, como sendo factores determinantes para o sucesso da equipa e jogadores.

- Saber/Conhecimento: dominar plenamente os conhecimentos requeridos pelo exercício da função;
- Habilidade para ensinar: não basta saber, é preciso saber ensinar;
- Qualidades próprias: desenvolver qualidades e competências, tais como, a lealdade, a liderança e a naturalidade;
- Saber criar clima de sucesso: ser entusiasta e dedicado.

Lynch, (2001) corrobora da mesma opinião e defende que para que o treinador obtenha sucesso na direcção da equipa é necessário que desenvolva o seu carácter, cultivando-o. Ser verdadeiro, honesto, amável, paciente, merecedor de confiança, consistente, aberto, humilde e claro são alguns dos principais aspectos do carácter que o treinador deverá desenvolver e estabelecer no relacionamento com os seus jogadores. Para o mesmo autor, o treinador deverá ter em atenção que as palavras e as acções são a manifestação do seu carácter. Portanto, se o treinador pretende que os jogadores tenham confiança nele é necessário que seja, primeiro, uma pessoa merecedora de confiança.

Quando os jogadores não têm plena confiança no seu treinador, provoca-lhes estados de tensão, estando menos predispostos a treinar, a jogar e a ouvir as informações, o que poderá ter influencia negativa no sucesso da equipa.

O respeito mútuo é segundo vários especialistas (Lima et al., 1980; Araújo e Henriques, 1999; Shanahan & Schefter, 2000; Lynch, 2001), outro factor indispensável para o bom relacionamento entre jogadores e treinadores. Quando em determinadas situações o jogador não concorda com as decisões do treinador e o ambiente torna-se tenso, é fundamental o respeito entre ambos. Contudo, este é um aspecto que não se dá nem se compra, conquista-se.

A aceitação do jogador pelo treinador é também um aspecto importante para o bem estar do jogador, na medida em que este tem necessidade de sentir que é aceite pelo treinador e não rejeitado. Neste sentido, e uma vez que se pretende a total disponibilidade do jogador para "servir" o treinador e

respectivamente a equipa, Lynch (2001), destaca um conjunto de formas através dos quais o treinador pode demonstrar a sua aceitação, tais como:

- ouvir os jogadores: qualquer indivíduo sente que é aceite se for ouvido. Contudo, saber ouvir é difícil e a sua arte obtém-se através de muita paciência e de tempo para a desenvolver;
- demonstrar aos jogadores satisfação por pertencerem à equipa, assim como realçar a sua importância;
- utilizar os primeiros nomes quando se dirige aos jogadores;
- mostrar extra-treino preocupação com a vida particular dos jogadores, aproveitando possíveis e determinadas alturas para realizar pequenas conversas individuais;
- separar a pessoa dos seus procedimentos, isto é, aceitar o jogador mesmo não aprovando certos procedimentos.

2.2.1. As Fontes de Conhecimento do Treinador

A notória evolução sofrida ao nível do conhecimento do Treino Desportivo, em geral e no Voleibol, em particular, tem exigido grande vigilância por parte de todos aqueles que estão envolvidos no processo de treino desportivo. Neste entendimento, sendo o treinador o elo de ligação entre os conteúdos do treino e os jogadores, tem sobre si a responsabilidade de ser portador de conhecimentos actualizados, capazes de dar resposta às diversas solicitações colocadas na orientação do processo de treino e competição (Mesquita, 1998a).

O conhecimento do treinador resulta do entrelaçamento de várias dimensões do conhecimento essenciais ao desempenho da sua actividade, nomeadamente o conhecimento do conteúdo (matéria de ensino), o conhecimento pedagógico do conteúdo e o conhecimento do contexto do sistema desportivo (Graça, 1997). Para Mesquita et al. (2002), o conhecimento dos treinadores, nomeadamente de jovens, deve passar não apenas pelo domínio dos conteúdos da modalidade específica, mas também pela especificidade biológica, psicológica e social do desenvolvimento dos

jogadores, de modo a que sejam capazes de integrar a informação recolhida na preparação desportiva.

É opinião generalizada de diversos autores (De Marco et al., 1986; Millard, 1996) que a forma como o treinador comunica com os jogadores, nomeadamente através da relação, ou seja, do relacionamento que estabelece com os jogadores, através dos actos e palavras, tem interferência nas performances alcançadas.

Porém, Barreto (1998) acrescenta que é insuficiente o treinador ser excelente ao nível do relacionamento, se não for um especialista na sua modalidade, isto é, terá de possuir um conhecimento profundo nos diversos factores de rendimento (técnica, táctica, psicológica, física). Tal significa que ao treinador cabe a responsabilidade de saber o mais possível de tudo o que diz respeito à técnica, à táctica, à estratégia, às leis de jogo, aos regulamentos, etc., que são próprios da modalidade de que é considerado especialista.

Cushion e Jones, (2001) e Mesquita (2002) consideram que apesar de ser fundamental o conhecimento aprofundado da modalidade aos seus diversos níveis, é a sua aplicação que distingue a intervenção de excelência da simples intervenção comum.

Para tal, o treinador deve ter formação e preparação contínua, procurando sempre o alargamento dos seus conhecimentos (Rosado et al., 2000). Essa formação deve passar por uma auto-formação, que é constituída pela experiência pessoal (prática desportiva), leituras, investigações, intercâmbio de informações, clínicas, e pela busca de novos conhecimentos e metodologias de ensino e treino.

A experiência prática do treinador como jogador é também um factor que contribui para aumentar o conhecimento e sucesso do treinador. Salmela (1995) refere que muitos treinadores que passaram pelo terreno de jogo como praticantes desenvolveram um *background* específico que os ajudou a melhorar a profundidade do conhecimento necessário para a orientação das equipas desportivas e das suas carreiras de treinadores de sucesso. Todavia, Mesquita et al. (2002) acrescentam que para se exercer as funções de treinador não basta, ter sido jogador e fazer como se viu fazer. De facto, pode-se dominar as técnicas específicas mas sem motivação e sem conhecimentos actualizados, dificilmente se poderá ser um treinador de sucesso.

A experiência como treinador é outro aspecto que pode ter influência no sucesso, uma vez que os treinadores com mais experiência podem resolver problemas com mais facilidade e rapidez do que os inexperientes (Abraham & Collins, 1998). Piltz e Launder (1999) acrescentam que muitos dos treinadores com pouca experiência, aparentam ser meros espectadores ao observarem as acções sem retirarem delas algo de substantivo e objectivo, ou seja "olham" mas não "vêem".

Um treinador experiente, conhecedor da sua modalidade desportiva, coloca problemas pela sua verdadeira importância, detecta mais sinais relevantes na execução técnica e faz diagnósticos de melhor qualidade do que um treinador novato. O treinador ou professor novato, distrai-se mais frequentemente com aspectos superficiais e falha no diagnóstico de aspectos críticos da execução (Graça, 1998; Rosado et al., 2003).

Para Siedentop e Eldar (1989), a mestria no domínio das actividades desportivas passa pelas seguintes capacidades e competências:

- capacidade de discriminação mais fina e precisa, tornando melhor a qualidade do julgamento, fundamental no processo de treino;
- capacidade de resposta mais apurada e rápida, apresentando uma melhor antecipação e velocidade de reacção às situações;
- reportório técnico apropriado, apurado e extenso, possibilitando a selecção de respostas perante a situação;
- capacidade de analisar a situação para além do imediatismo que o estímulo apresenta, procurando encontrar as causas profundas da actividade;
- independência do plano, ou seja, adaptação das circunstâncias da realidade, através do ajustamento do comportamento;
- capacidade de auto-análise e crítica da própria competência.

Salmela (1995) demonstrou que alguns treinadores se tornaram *experts* por terem tido a oportunidade de trabalhar no início das suas carreiras ao lado de treinadores experientes e com um domínio profundo do conhecimento nas áreas do treino e do desporto específico. Porém, trabalhar ao lado de

treinadores experientes não significa, por si só, sucesso no futuro das suas carreiras como treinadores.

Nesta perspectiva, entendemos que um conhecimento profundo da modalidade especifica, ao nível dos diversos factores de rendimento desportivo (táctico, técnico, físico e psicológico), alicerçado numa experiência prática como praticante da modalidade e como treinador da mesma, são factores que têm influência no sucesso da carreira de treinador.

2.2.2. O Papel da comunicação na Reunião de Preparação

A comunicação é uma componente fundamental na função de treinador ao solidificar o relacionamento entre os intervenientes no processo de treino e reduzir os desentendimentos (Shanahan & Schefter, 2000). Para Martens (1999), a função do treinador é treinar os seus jogadores, sendo esta na sua essência, um processo de comunicação.

Lima et al. (1980) refere que dirigir e orientar uma equipa constitui um processo psicopedagógico que assenta fundamentalmente na comunicação e no relacionamento entre o treinador e os jogadores.

No desporto de alto rendimento as pressões e as exigências ao treinador são muitas, tornando-se tudo mais facilitado quando a comunicação é eficaz. Como tal, o treinador deverá desenvolver e adquirir elevado auto controlo e auto disciplina para que seja capaz de transmitir as informações correctas aos seus jogadores e a serenidade indispensável ao rendimento que todos esperam das respectivas prestações competitivas.

No contexto desportivo são aspectos fundamentais do relacionamento do treinador, saber intervir (comunicar) com os jogadores da sua equipa, com os jogadores e restantes elementos das outras equipas, com os árbitros e oficiais de jogo, com os espectadores, com os dirigentes, com o quadro de apoio à sua equipa (dirigentes, adjuntos, massagistas, etc), (Lima et al., 1980). Os mesmos autor realçam ainda a importância do relacionamento entre os jogadores e o treinadores, uma vez que este determina a orientação do trabalho a realizar no desenvolvimento e no aperfeiçoamento da modalidade.

Saber passar eficazmente a mensagem pode ser um factor de êxito dos jogadores e das equipas nas competições, mas para tal, o treinador tem que

dominar as diferentes técnicas de comunicação, nomeadamente a capacidade de saber falar e de saber ouvir. Assume especial importância quando se tem em consideração que, por força da formação cultural, enquanto que alguns jogadores percebem facilmente as indicações verbais, outros seguem com dificuldade a descrição oral das acções, outros necessitam de demonstrações ao vivo e que ainda outros preferem uma justificação racional do que devem executar. Perante esta perspectiva deverá o treinador nas suas intervenções utilizar diferentes técnicas de comunicação, visto que cada jogador reage de forma própria à palavra, ao gesto, à imagem, à entrevista e ao discurso colectivo (Lima et al., 1980).

A comunicação pode também servir para aumentar a coesão da equipa e o relacionamento entre jogadores e treinador. O grau de coesão de uma equipa, aumenta com a melhoria da percepção por todos os seus membros de quais as tarefas e responsabilidades que lhes cumprem no colectivo (Araújo e Henriques, 1999).

Ouvir os jogadores evitando interromper o seu raciocínio, conseguir passar correctamente a mensagem aos jogadores, intervir sempre pela positiva criando um clima de trabalho agradável, mútuo respeito, ou seja, saber respeitar os jogadores para ser respeitado, construir e saber manter a confiança dos jogadores para que eles nunca duvidem das intenções do treinador são alguns aspectos da comunicação que podem favorecer o relacionamento entre ambos e que o treinador deverá ter em consideração no processo de treino e competição (Shanahan & Schefter, 2000; Lynch,2001).

Mesquita (1997), refere que uma comunicação verbal efectiva envolve o saber efectuar questões, o saber estimular a comunicação e também o saber ouvir e Martens (1999), acrescenta que para além da comunicação verbal e da capacidade de saber escutar, o treinador tem a capacidade de comunicar com os outros através das suas expressões e dos seus actos.

Um bom processo de treino é o resultado do estabelecimento de um canal eficiente de comunicação, que o treinador estabelece por meio de objectivos, dentro do processo ensino-aprendizagem, com a finalidade de alcançar sucesso (Leith, 1992). Para o mesmo autor, saber ouvir os atletas, desenvolver a comunicação não verbal (gestual), comunicar com os atletas antes, durante e depois da competição, saber comunicar com a equipa de arbitragem, com os

dirigentes, com os directores, com os pais (responsáveis) dos atletas, com os outros treinadores e com os órgãos da comunicação social, são técnicas de comunicação que o treinador deverá dominar com alguma facilidade para conseguir dirigir a equipa. Daí que Lynch (2002) refira que a arte de comunicar é essencial e pode ser aprendida.

No processo de treino e na competição, a arte de saber comunicar pode influenciar a prestação dos jogadores e da equipa. Araújo e Henriques (1999, 44), referem um comentário que o seu "treinador", prof. José Miguez lhes mencionou após assistir a algumas intervenções com a sua equipa " Tens de deixar de ter sempre razão quando falas aos jogadores! As tuas opiniões, são demasiado "contundentes" e provocam nos jogadores, pela "força" que evidenciam, uma evidente perturbação. Perante as tuas "razões" não lhes resta outro caminho senão constatarem as suas debilidades e sentirem-se frustrados e pouco confiantes"; "mais do que seres "brilhante" nas tuas intervenções, necessitas garantir que a mensagem que pretendes transmitir seja recebida e assimilada, "levando" os jogadores a concluírem por si próprios o que pretendes que façam".

Nesta linha de entendimento, especialistas há que pela convicção da influência que a comunicação exerce neste processo, chegam mesmo a considerar que o seu sucesso é o resultado de comunicações eficientes (Leith, 1992; Salmela, 1996).

O acto de saber comunicar assume tal importância que Martens (1999), acrescenta que a falha dos treinadores no exercício das suas funções, deve-se a maior parte das situações a erros de comunicação com os jogadores.

Em relação à forma de como se deve efectuar a comunicação, o treinador deverá ter a preocupação para que esta nunca se realize pela negativa. Daí que Cunha (1998) considere que o treinador na comunicação com os jogadores deva ter as seguintes preocupações:

- Comunicar com entusiasmo e de forma clara, breve objectiva;
- não sobrecarregar os jogadores com muita informação, utilizando formas de informação simples e precisas. A informação em demasia pode contribuir para cometer erros e até mesmo afectar a capacidade de destrinçar o essencial do acessório e a consequente falta de rapidez e inapropriação da resposta a uma dada situação;

- confirmar se as informações foram perceptíveis pelos jogadores, esclarecendo eventuais dúvidas, reforçando as ideias essenciais ou, até mesmo, questionando os jogadores.

Em relação à reunião de preparação para a competição faz todo o sentido realçar que as mensagens que pretende passar só são profícuas se forem compreendidas pelos jogadores, de modo que executem correctamente as tarefas solicitadas e consigam alcançar a optimização do rendimento individual e da equipa.

Neste contexto, diversos autores (Bauer e Uberle, 1988; Comas, 1991a; Kohl, 2000; Lima, 2000) referem que na preparação da comunicação para a reunião, o treinador deverá ter a preocupação de transmitir as informações aos jogadores com base na tarefa a executar, resumindo e recordando o que de mais importante se treinou ao longo da semana de preparação de forma breve, clara e precisa.

Greenhill (2001) advoga que a eficácia da comunicação se deve à utilização de uma linguagem concreta (específica e clara) e à instrução do que os jogadores têm que efectuar, criando desta forma uma atmosfera de trabalho positiva. Segundo o mesmo autor, os jogadores querem saber como devem realizar correctamente a execução de determinado aspecto técnico-táctico e não como não o devem realizar. No caso específico do Voleibol, será mais importante para o jogador o treinador dizer para bater a bola com o braço estendido do que dizer para não flectir o braço quando bate a bola. O jogador na primeira situação, constrói o seu plano de acção através de uma forma construtiva, sem a sobrecarga da preocupação ou pensamento pressionante daquilo que não deve realizar (Mesquita et al, 2002)

Uma vez que o intuito da comunicação é preparar e motivar os jogadores, com vista à obtenção da melhor performance da equipa, a arte de saber comunicar pode influenciar positiva ou negativamente a prestação dos jogadores e da equipa. Neste entendimento, Nerin (1986) considera que o discurso utilizado pelo treinador na reunião deverá incluir determinadas considerações que permitam uma maior eficácia na comunicação, tais como:

- Ser criativo, isto é, mencionar sempre algo de novo na intervenção, para não cair na monotonia, sob pena de provocar a desmotivação nos jogadores.

- Ser variável, alternando a intensidade do tom de voz, timbre, velocidade, etc. A velocidade da conversa, o tom de voz, a projecção da excitação ou da preocupação são aspectos significativos e muito importantes na transmissão da mensagem. Embora Salmela (1996) considere que o tom da voz do treinador no início da reunião deva ser calmo e para o fim aumentar de volume e de intensidade, Cook (2001) sugere que o tom da voz e fala devem adaptar-se mediante as necessidades, isto é, falar depressa e vigorosamente para estimular a equipa ou em voz baixa e pausada para a tranquilizar.
- A duração e a quantidade não deverão "pecar" por excesso para não causar cansaço e desinteresse aos jogadores, na medida em que os jogadores naquele momento, encontram-se com níveis de ansiedade e *stress* elevados e não conseguem reter no plano mental muita informação.
- A intervenção do treinador deverá ter um carácter positivo, fazendo referência aos pontos fortes da equipa e aos pontos fracos do adversário. O grande objectivo consiste em transmitir confiança, motivação e força anímica aos jogadores.

O elogio enquanto comportamento observável, é conotado como um acto verbal ou não verbal de afirmação, concordância ou um sinal de aceitação (Lacy e Darst, 1984) e, poderá ser também, um dos comportamentos positivos adoptados pelo treinador resultantes da comunicação estabelecida entre os jogadores, durante o processo de treino e competição.

A posição ocupada pelos intervenientes (jogadores, treinadores, etc.) é outro factor muito importante para o sucesso da compreensão da mensagem. Deste modo, todos os intervenientes devem colocar-se de modo que possam ser vistos e ouvidos por todos, ou seja, em local possível de serem visualizados por todos (Mesquita, 1997), sendo a forma de círculo a que melhor favorece a transmissão da mensagem (Houlier e Crevoisier, 1993).

Relativamente ao discurso, Houlier e Crevoisier (1993) consideram que o treinador deverá ter a preocupação de não falar muito rápido e de não colocar a mão à frente da boca enquanto está a falar, porque pode dificultar a percepção da informação aos jogadores. Não repetir a mesma informação

várias vezes, não iniciar um pensamento (ideia) sem o terminar, não voltar para outro pensamento anterior (saltar de temas), evitar utilizar frequentemente os "prontos", "percebem", "ok", etc, são aspectos a respeitar, porque podem levar a confundir as mensagens e desconcentrar os jogadores das tarefas realmente importantes a realizar.

Durante a transmissão da informação, o treinador deve estar atento às reacções ou sinais dos jogadores para verificar se a mensagem está a ser assimilada (Mesquita, 1997). Segundo Lima (2000) quando determinado jogador durante o discurso encontra-se a olhar para os pés ou a mexer-se continuamente, a bocejar, a franzir a testa, etc, significa que algo não está a correr bem, isto é, que a mensagem não está a ser totalmente apreendida. Daí que o treinador deva estar atento e quando observar alguma destas situações, de imediato responder com uma atitude, que pode passar por alterar o tom da voz, a velocidade, questionar o jogador em questão, repetir a mensagem de outra forma, etc.

O treinador deve ter também consciência que a forma de transmissão da mensagem, através da colocação da voz, da expressão facial e corporal pode interferir no rendimento dos jogadores (Yukelson, 2001). Daí que uma linguagem corporal negativa, evidenciando descontentamento e mesmo agressividade pelas falhas cometidas pelos jogadores, contribui para a aumentar a tensão e a ansiedade cognitiva.

2.2.3. A Importância do Domínio das Estratégias de Instrução

A instrução relaciona-se com os comportamentos de ensino que fazem parte do repertório do professor/treinador para comunicar informação substantiva aos seus jogadores (Siedentop, 1991).

O jogador quando recebe uma instrução do seu treinador deve saber o que ele quer dizer com isso. Tal facto só será possível se for aplicado um sistema de comunicação rápido e eficaz, capaz de funcionar entre os diversos intervenientes.

Tinning (1982) considera que a instrução faz parte de uma das principais funções do treinador, afirmando mesmo que a sua eficácia na condução do processo de treino depende do seu comportamento de instrução.

Para Silverman (1994) a instrução é usualmente mencionada como sendo a "chave" da estruturação e modificação das situações de aprendizagem, no sentido de proporcionar a própria aprendizagem.

No processo de ensino-aprendizagem algumas das preocupações, que surgem ao treinador, é saber que tipo de linguagem deve utilizar, quando e como deve transmitir as informações aos seus jogadores.

Relativamente ao momento em que o treinador deve transmitir as informações aos jogadores, Rink (1996) refere que o treinador deve primeiro seleccionar as informações mais importantes, organizá-las e só posteriormente comunicá-las, tendo em atenção o momento, que deverá ser o mais oportuno.

A linguagem a utilizar pelo treinador na transmissão do conteúdo da informação deverá ser clara e precisa (Mesquita, 1998a), adequada aos seus jogadores e à situação em que se desenrola a acção.

Acontece muitas vezes que os jogadores não realizam correctamente a tarefa que lhes foi incutida e isto deve-se, frequentemente, à não compreensão do conteúdo da informação que lhes foi transmitido e, consequentemente ao ineficaz processamento do mesmo.

Para que a instrução do treinador com os jogadores seja eficaz é necessário que a sua intervenção cumpra as seguintes orientações gerais (Martens, 1987; Savard, 1988):

- directa, isto é, especificamente ao jogador em questão e de forma positiva e construtiva;
- falar sempre na primeira pessoa, assumindo pessoalmente o que pretende;
- completas e específicas, dando toda a informação necessária;
- clara e sem "duplo" sentido;
- afirmar as suas necessidades e sentimentos;
- separar e destrinçar os factos das opiniões;
- transmitir unicamente uma mensagem de cada vez;
- intervir no momento imediato à ocorrência;

- evitar "segundas intenções", expressando directamente o que pretende do jogador;
- dar algum apoio;
- ser congruentes entre o domínio verbal e o não verbal. É indispensável que os actos correspondam às palavras.

A informação acerca do conteúdo substantivo transmite-se através de todos os comportamentos verbais e não verbais, nomeadamente através da explicação, demonstração, *feedback*, palavras-chave e outras formas de transmissão ligadas aos objectivos da aprendizagem (Mesquita, 1998a). Para a mesma autora, a demonstração em parceria com a explicação ocupam um papel essencial nas actividades desportivas, na medida em que fornecem ao jogador a visualização dos movimentos a realizar.

De entre as estratégias promotoras de instrução eficazes, as palavras-chave assumem particular relevo no contexto da reunião de preparação. Em virtude de constituir um momento por excelência em que o treinador terá de focalizar a informação nos aspectos considerados determinantes para a prestação em competição, as palavras-chave auxiliam-na na explanação das informações.

As palavras-chave constituem estratégias de apresentação dos conteúdos utilizados pelos treinadores nas diferentes actividades desportivas, por focalizarem a atenção do jogador para o que é fundamental na realização das acções de jogo (Cutton e Landin, 1994).

O método de instrução mais eficaz, baseia-se na utilização adequada de palavras-chave combinadas com uma demonstração do conteúdo a ensinar (McGown,1994). Werner e Rink (1987), corroboram da mesmo opinião após realizarem um estudo em que constataram que os professores mais eficazes, foram aqueles que ao apresentarem a tarefa motora, foram os mais claros e que utilizaram com alguma frequência a demonstração e transmitiram adequadamente palavras-chave com referência ao conteúdo que pretendiam transmitir.

O recurso às palavras-chave, nos jogos desportivos colectivos, parece contribuir para melhores performances quando a informação acerca dos conteúdos se relaciona com a selecção das respostas ao nível da tomada de

decisão, para os diferentes níveis competitivos de prática do jogo (Landin e Macdonald, 1990).

Assim sendo, comportamentos como o fornecimento de *feedback*, os ciclos de correcção-instrução, as reacções de intensificação dos esforços e os encorajamentos parecem predominar no perfil dos treinadores que, efectivamente, objectivam a modificação comportamental desejada.

Contudo, o treinador ao longo do treino e até mesmo da competição tem por vezes necessidade de recorrer a determinadas representações de instrução com o objectivo de facilitar o processo ensino-aprendizagem. Estas representações baseiam-se fundamentalmente em figuras, quadros, maquetas do campo de jogo, imagens, etc.

Metzler (1990), apresenta um conjunto de estratégias de instrução que permitem ao treinador intervir na prestação dos jogadores, tais como:

1. *Chalk-Talk* - representações gráficas da colocação ou movimentação dos jogadores e da bola;
2. *Walk-Through* – realização a movimento lento de uma movimentação atacante ou defensiva;
3. *Situations* – avalia com os jogadores a melhor possibilidade para resolver determinada situação;
4. *Instant-Replay* – pára o jogo retomando uma dada situação e, confronta as diferentes respostas dos jogadores com a resposta mais adequada para a determinada situação.
5. *Player-Coach* – participa no jogo para regular a movimentação e facilitar a interpretação das diversas situações de jogo por parte dos jogadores;
6. *TV Analyst* – analisa e resume a forma como os jogadores estão a jogar, destacando as falhas e os aspectos mais importantes e, consequentemente as causas do sucesso e /ou insucesso.
7. *You make the call* – interpela um jogador devido ao motivo de interrupção do jogo, questionando-o pelo erro cometido.

Em suma, o treinador para obter êxito no ensino de uma determinada modalidade desportiva, deve conjugar o conhecimento dos conteúdos que pretende ensinar com a realização de tarefas, que passam por: observar,

comparar, constatar erros e progressos, procurar causas das incorrecções, consolidar execuções, comunicar através de instruções e *feedback*, elogiar e acompanhar as consequências imediatas da sua intervenção (Mesquita, 2000).

2.3 O Conteúdo da Intervenção Pedagógica na Reunião de Preparação para a Competição

A análise das intervenções do treinador na preparação da equipa para a competição, nomeadamente na reunião preparatória, é uma área que só recentemente, constitui tema de interesse na agenda das investigações. A maior parte dos estudos, têm-se vindo a centrar na análise do comportamento do treinador no treino e ou na competição, subestimando-se outros momentos do processo .

Porém, na actualidade, as exigências que o desporto de alto nível têm vindo a impor ao treinador na procura constante do rendimento dos jogadores e das equipas nas competições, reclama um conhecimento mais profundo acerca dos processos de intervenção do treinador, durante a emissão de informação. Saber o que dizer, quando, a quem e como o dizer constituem factores concorrentes do sucesso da intervenção pedagógica do treinador. Neste sentido, Gilbert et al. (1999) desenvolveram um instrumento designado SAPCI (*Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions*) para a modalidade de Hóquei no Gelo que permitiu recolher dados sobre estas quatro componentes das intervenções do conteúdo pedagógico efectuadas pelo treinador aos jogadores durante os treinos e competições.

Os resultados obtidos neste estudo em situação de treino nas quatro componentes mostraram que as intervenções dos treinadores centravam-se essencialmente nas tácticas colectivas, ao nível ofensivo e na técnica individual. O número médio das intervenções de conteúdo pedagógico por treino efectuadas pelos treinadores rondava as sessenta; as intervenções efectuaram-se normalmente quando os jogadores se encontravam em acção; os treinadores recorreram com mais frequência à forma de instrução específica, utilizando o *feedback* unicamente para comentar execuções efectuadas correctamente pelos jogadores; as intervenções foram efectuadas

preferencialmente aos jogadores individualmente, seguindo-se o sub-grupo e muito raramente à equipa.

Um estudo realizado por Cruz (2002) no Hóquei em Patins, aplicado no treino a treinadores do escalão de infantis A e utilizando o mesmo instrumento, embora adaptado à modalidade, concluiu que a respeito da componente "O Quê" a média das intervenções de conteúdo pedagógico por treino foi de oitenta e quatro e que durante os treinos, os treinadores incidem as suas intervenções fundamentalmente sobre os conteúdos de ordem técnica e táctica sobretudo de carácter ofensivo e que, raramente transmitem intervenções de conteúdo pedagógico relacionadas com as regras de jogo. Relativamente à componente "Quando", os treinadores preferem transmitir as intervenções quando os jogadores estão em acção. "Como" foram transmitidos os conteúdos, os treinadores tenderam também para a forma de instrução específica e quando comentaram a execução efectuada correctamente pelo jogador, optaram pelo feedback. A "Quem" dirigem as intervenções foram tendencialmente, tal como o estudo anterior, para o jogador individualmente em detrimento do sub-grupo e da equipa.

Escassos são os estudos efectuados acerca dos conteúdos da intervenção dos treinadores na reunião de preparação para a competição. Destaca-se o realizado por Pina e Rodrigues (1997) no Voleibol, em que constataram que os conteúdos transmitidos pelos treinadores na reunião se baseiam fundamentalmente na organização estratégico-táctica da equipa, nas características individuais e colectivas da equipa adversária e na componente psicológica; e o de Pacheco (2002), no Futebol com uma predominância da componente "O Quê" para a dominante estratégico-táctica (60,2%) ao nível das variáveis da táctica colectiva ofensiva, seguida da táctica colectiva defensiva e equipa adversária. As tácticas individuais embora com pouca significância, os treinadores atribuíram maior relevância para as tácticas individuais defensivas. A dominante que se seguiu foi a de outras dominantes do rendimento desportivo com 20,1% das intervenções, seguida da dominante psicológica com 16,8% e finalmente com referências bastante reduzidas a dominante técnica com 2,9% e sem qualquer menção a dominante energético-funcional. Quanto à componente "Como" os treinadores tenderam para a forma prescritiva

e foi dirigida essencialmente para as vertentes de toda a equipa (61,8%), seguida pelo jogador individual (33%).

Estes estudos vão ao encontro do perfilhado pelos especialistas (Teodorescu, 1984; Salmela, 1995, 1996; Castelo, 2000a; Pacheco, 2002) os quais advogam que a informação transmitida nestas reuniões incide fundamentalmente no plano de jogo, onde são revistos os conteúdos abordados ao longo da semana de preparação, com particular incidência na organização estratégico-táctica da equipa, nas características do adversário, ao nível colectivo e individual, e na preparação psicológica.

Daí que, no momento da reunião de preparação para o jogo, o treinador não deva introduzir novas tácticas de jogo (Salmela, 1996), uma vez que não foram treinadas e serão sempre necessários gastos acrescidos de energia para a respectiva adaptação. Pode também levar os jogadores a confundirem conceitos e aumentar o *stress* pré-competitivo, tendo como consequência directa a perda de focalização na tarefa. Para o mesmo autor, os pontos fortes e fracos da equipa são aspectos a abordar nesta reunião, embora realçando sempre em maior quantidade os pontos mais fortes da sua equipa.

Para Teodorescu (1984), a intervenção do treinador na reunião de preparação para a competição, deverá incidir nos seguintes objectivos específicos:

- Dar a entender aos jogadores a forma como deverão aplicar o plano estratégico-táctico;
- precisar concretamente as diferentes tarefas tácticas a aplicar no plano de jogo da equipa (esquemas, combinações ofensivas e defensivas, etc...);
- ajudar a diminuir a ansiedade pré-competitiva e a proporcionar um sentimento positivo;
- relembrar as características do adversário alertando para as suas particularidades, com o cuidado de não as valorizar nem as desvalorizar em demasia;
- efectuar uma breve previsão de hipóteses do comportamento do adversário, estabelecendo formas e medidas de actuação de acordo

com o desenrolar do jogo, isto é, para quando o resultado for vantajoso ou desvantajoso;

- estimular as capacidades volitivas e morais.

Para a estimulação das competências volitivas e morais, as equipas realizam determinados rituais momentos antes de iniciar a competição, tais como realizar abraços, dar as mãos, colocar os braços nos ombros uns dos outros formando um círculo, ao qual se segue um "grito ", e/ou "palavra", algo que represente união e no qual usualmente participam todos os elementos da equipa, desde os jogadores, à equipa técnica, passando pelo médico e directores.

2.3.1. Componente técnica e táctica do Voleibol

A caracterização que pretendemos realizar relativamente à componente técnica e táctica do Voleibol, passa pela análise das diferentes características da modalidade ao nível da estrutura funcional.

O Voleibol é uma modalidade desportiva que pertence ao grupo dos Jogos Desportivos Colectivos (JDC). Como tal, representa uma forma de actividade social organizada, específica na sua manifestação prática, com carácter lúdico e processual do exercício físico, no qual os jogadores estão agrupados em duas equipas numa relação de adversidade tópica, não hostil (Teoduresco, 1984).

Por pertencer ao grupo dos JDC, o Voleibol apresenta determinadas características comuns aos demais, mas ao mesmo tempo, revela algumas particularidades próprias da modalidade, derivadas da sua estrutura formal (terreno de jogo, regras, pontos obtidos, colegas e adversários) e da estrutura funcional (relação táctico-técnica e relação ataque-defesa) do jogo.

Em relação à estrutura formal, o Voleibol utiliza uma bola como objecto de jogo em disputa por duas equipas, com 6 jogadores cada, um terreno de jogo, este constituído por um rectângulo de 18x9m e dividido ao meio por uma rede que separa os dois campos, constituindo assim, uma fronteira em que a conquista, como defesa territorial, não pode realizar-se senão por intermédio

da bola, que deverá passar por cima da rede e tocar o terreno adversário, considerado igualmente como um objectivo. Pelo facto de no Voleibol existir uma rede a dividir o terreno de jogo de cada equipa entre os jogadores das duas equipas, a lógica de funcionalidade é mais determinista em relação às demais modalidades desportivas colectivas de invasão (Parlebas, 1981a; Grosgeorge, 1990; Dufour, 1993; Mesquita, 1998b).

Devido ao regulamento técnico, o Voleibol distingue-se das demais modalidades colectivas pelo facto de não existir empates no resultado final da competição, não haver tempo de jogo previsto, a marcação dos pontos ser contínua, a equipa que marca ponto continuar na posse do serviço, o erro técnico ser penalizado directamente no resultado, não ser permitido agarrar ou conduzir a bola, haver limitação do número de toques, não ser permitido apreender a bola, o espaço de intervenção ser separado pela rede e alternado, o que impede a invasão do terreno adversário e promove a luta indirecta pela posse da bola (Mesquita, 1995; Moutinho, 1995).

A estrutura funcional é influenciada pelo sistema de pontuação. A equipa vencedora será aquela que conquistar 3 *sets* de 25 pontos, com vantagem de pelo menos dois pontos sobre a equipa adversária. O tipo de jogadas, com ou sem posse da bola, também exerce influência no jogo. Sempre que uma equipa ganha um ponto ganha também a posse da bola para executar o serviço. Neste sentido, pode-se caracterizar o Voleibol por uma sequência de repetidas jogadas, em que em cada uma delas um dos oponentes tem direito de servir, com diferentes implicações.

A estrutura funcional de uma equipa caracteriza-se também pela distribuição dos jogadores no campo e pelas relações que, estabelecem entre si (Moutinho, 2000), ou seja, as especializações posicionais e funcionais dos jogadores. Assim, quando falamos na formação de base podemos identificar jogadores atacantes, distribuidores e universais (Cloître, 1985; Selinger, 1986; Rodrigues, 1990; Moutinho, 1995, 2000).

Um jogo deve analisar-se e compreender-se em termos de relação de forças entre duas equipas. Para o ataque, cada equipa tenta fazer bascular a relação de forças em seu favor pela realização de pontos, enquanto que a defesa tenta manter o equilíbrio ou restabelecer o equilíbrio comprometido entre os dois adversários em presença (Bayer, 1994). Para o mesmo autor

enquanto que dominar o outro em ataque far-se-á por intermédio da bola (marcar o máximo de pontos), dominar o outro na defesa, é conseguida pela destruição da realização do que ele empreende (intercepções), seja não só para o impedir de jogar a bola, mas incomodá-lo nas suas iniciativas, agindo sobre ele. No Voleibol é impossível exercer carga sobre o adversário pelo facto de que cada equipa está no seu campo, sem possibilidade de contacto directo.

Partindo de um princípio de indivisibilidade das componentes de jogo e da sua relação dialéctica, identificamos no Voleibol duas fases de jogo fundamentais: o ataque e a defesa.

Ataque – situação táctica na qual uma equipa se encontra de posse da bola e cria condições para atingir o objectivo do jogo (pontuar e conquistar a posse do serviço);

Defesa – situação táctica na qual uma equipa luta, simultaneamente, para não permitir ao adversário o atingir do objectivo de jogo e pela recuperação da posse de bola para assim o poder atingir ela.

Neste entendimento é a posse da bola que define o tipo de acção táctica que os jogadores devem desenvolver, sendo assim necessário estabelecer princípios operacionais que permitam criar linhas orientadoras das diferentes acções a desempenhar, quer em termos ofensivos ou defensivos.

Transparece nitidamente na leitura destes princípios, que o Voleibol ocupa um lugar particular face aos outros desportos colectivos. A presença da rede entre os dois campos, a impossibilidade de penetrar no campo oposto, portanto a anulação de todo o contacto com o adversário, representam características específicas que modificam, pelo menos na defesa, a aplicação pura e simples destes princípios. Constitui um desporto colectivo onde, após ter marcado um ponto, a equipa pode continuar com a bola, onde o número de passes (2 ou 3 toques de bola) limita a preparação do ataque, ainda que em certos desportos colectivos a duração do ataque seja limitada no tempo. O Voleibol adere aos princípios gerais propostos para o ataque, na medida em que após a recuperação (por recepção ou intervenção defensiva) da bola, realiza-se a progressão para o ataque (construção e finalização). Todavia, não é possível qualquer intervenção para impedir o adversário de construir um ataque. Daí que o princípio da conservação da bola aparece diminuído pelo facto do adversário não poder recuperá-la activamente, quer dizer, interceptar os

passes possíveis do atacante. Os jogadores não tentam evitar as intercepções adversas, sendo a protecção do próprio campo fundamental. É necessário anular o ataque por uma defesa alta, à rede (bloco), ou baixa antes que a bola toque o solo, para a recuperar dada pelo adversário, no máximo depois de dois passes autorizados, ou directamente após o serviço, e construir, por sua vez, um ataque eficaz.

No jogo de Voleibol, podemos então encontrar com alguma facilidade sequências de jogo que consubstanciam uma lógica de desenvolvimento (Parlebas, 1981a).

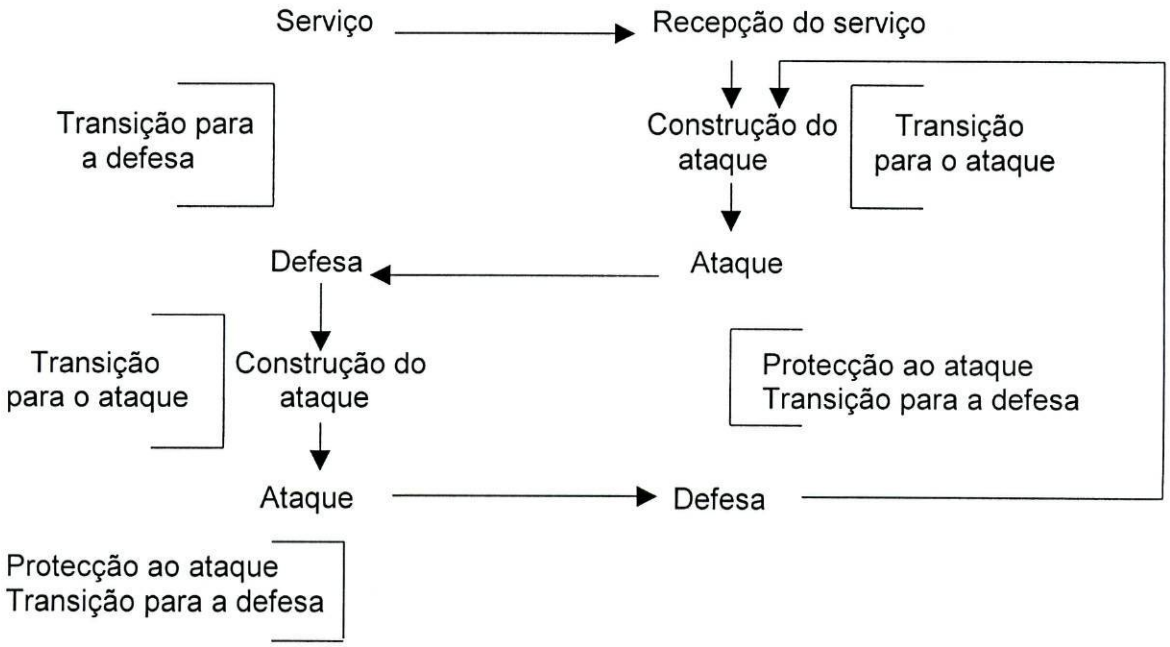


Fig. 1 – Sequência de momentos de jogo em Voleibol (Moutinho, 1995)

Como se constata o Voleibol apresenta uma estrutura interna do jogo regular a partir de determinado momento, circular e repetitiva (Moutinho, 1995), tornando-se então possível identificar uma sequência de acções de jogo (do 1º ao 3º toques), que pela sua frequência de ocorrência se assume como regularidade.

O Voleibol é caracterizado normalmente por um primeiro toque que será de controlo da bola, seja na defesa do ataque ou na recepção do serviço adversário, cujos objectivos são contrariar a acção contrária e criar condições para a resposta; um segundo toque, que será um contacto intermédio, cujos

objectivos se fixam na construção de situações facilitadoras para o ataque e por último um terceiro toque que será finalizador das acções precedentes e cujo objectivo confunde-se com o próprio jogo (Moutinho, 1995).

2.3.1.1. Componente técnica

É do conhecimento geral que os fundamentos técnicos no Voleibol ocupam um lugar de destaque em relação ao leque dos restantes JDC, na medida em que é a única modalidade desportiva em que o erro técnico tem penalização directa no resultado do jogo.

O facto de constituir uma modalidade na qual os actos de receber e enviar se fundem numa mesma acção, impõe grandes dificuldades na apreciação de trajectórias da bola. Neste sentido, os jogadores terão que ter uma excelente capacidade de análise das trajectórias da bola, assim como assumir permanentemente uma atitude de pré-dinamismo, devido ao facto de não serem permitidas acções de agarrar ou conduzir a bola. Os possíveis reajustamentos terão que ser muito breves, tornando-se difícil a correcção da posição corporal antes do contacto com a bola, exigindo desta forma uma excelente capacidade técnica aos jogadores (Pittera e Riva, 1982; Cloître, 1985; Mesquita, 1998a).

Neste entendimento, Afonso (2001) refere que o jogo de Voleibol é uma actividade desportiva rica em situações diversificadas e descontínuas, situações cuja frequência, sequência e complexidade não podem ser previstas antecipadamente e que reclamam, ao nível do comportamento dos jogadores e das equipas, um elevado e flexível espectro de adaptabilidade.

Na concretização deste objectivo, os jogadores utilizam um conjunto de recursos motores específicos que habitualmente são designados por acções técnicas (Teodorescu, 1984; Garganta e Pinto, 1995).

Na bibliografia da especialidade existem diferentes formas de definição da técnica:

Segundo Konzag (1991) a técnica é a execução do movimento adaptado às condições da situação de jogo, que através de uma execução funcional e económica leve à realização dos objectivos do jogo.

Para Tavares (1993) a técnica é o sistema de acções motoras racionais que permitem obter elevados níveis de eficácia no resultado, quando realizadas de forma eficiente.

Também Moreno (1984) sustenta que a técnica é o domínio dos gestos específicos de uma modalidade desportiva, com o objectivo de aplicar, com a máxima eficácia, na prática de um desporto, todas as qualidades desenvolvidas através da preparação física e ensino desportivo.

Já para Zheleniak (1993) o domínio perfeito da técnica no Voleibol, tem importância decisiva na obtenção de bons resultados. Porém, a técnica, por si só, não deve ser entendida como um fim, mas como um meio para que permita a consecução da solução táctica seleccionada (Moutinho, 1991).

Moreno (1984) e Teodurescu (1984) referem que a técnica associada ao raciocínio táctico apresenta o principal factor que concretiza e materializa a concepção e as intenções tácticas. Na mesma linha de pensamento, Araújo (1992) refere que a acção de jogo está muito para além dos processos motores contidos na dimensão gestual da técnica, uma vez que é sempre em função de um contexto de jogo, que um jogador utiliza uma determinada técnica (Moreno, 1989).

Neste sentido, o treinador na organização do processo de treino e na preparação para a competição deverá ter como preocupação a automatização das habilidades técnicas, pois quanto mais automatizadas estiverem, mais fácil será para os jogadores ficarem disponíveis para analisar o jogo.

Daí que Tavares e Faria (1996), mencionem que só após a automatização das habilidades técnicas é que os jogadores serão capazes de inter-relacionar as capacidades técnico-tácticas. Mesquita (1998a) e McGown (1994), corroboram da mesma ideia ao referirem que o domínio pleno das habilidades técnicas, constitui um pré-requisito essencial para que os jogadores em situação de jogo sejam capazes de responder eficazmente a novas situações.

No entanto, nem sempre a competência dos jogadores depende exclusivamente do factor mecânico de execução, mas também das aptidões dos jogadores para seleccionarem os recursos motores mais adequados à configuração do jogo, e das capacidades de as realizar no momento exacto da acção (Garganta, 1997).

Segundo Mesquita et al. (2002) no jogo de Voleibol, podemos distinguir como habilidades técnicas: o serviço, a manchete, o passe, o remate, o bloco, o amortie, as quedas específicas e as posições fundamentais. A aplicação destes procedimentos, regem-se por princípios da táctica individual e por sistemas de organização da táctica colectiva.

A atitude corporal (fundamental para analisar a trajectória da bola atempadamente), a apreciação das trajectórias da bola, a antecipação motora e o pré-dinamismo, constituem requisitos fundamentais que possibilitam ao jogador entrar em acção rapidamente; de facto, a capacidade de previsão das situações, são pressupostos que o Voleibol exige para a execução correcta das habilidades técnicas, constituindo estes requisitos ingredientes indispensáveis de uma intervenção eficaz (Cloître, 1990). Portanto, quanto maior for o repertório motor dos jogadores e as experiências vividas, mais facilidade terão em resolver, com êxito, as situações-problema (Vargas, 1976; Magill, 1993).

Mesquita (1995), destaca um conjunto de aspectos que se prendem directamente com as exigências inerentes à aprendizagem das habilidades técnicas, tais como:

1. adopção de uma atitude base ou posição fundamental, que corresponde ao momento que antecede o contacto com a bola;
2. o controlo das cinturas pélvica e escapular (domínio da posição da bacia na realização das habilidades técnicas e a elevada solicitação da articulação do ombro);
3. a regulação e independência segmentar ao nível dos membros superiores (função equilibradora nos deslocamentos e função dominante nos batimentos);
4. a grande amplitude de movimentos (a rigidez de movimentos impede a realização das habilidades técnicas com êxito, sendo punidas pelo regulamento);
5. a sequência cíclica das acções de deslocamento e de contacto com a bola (sincronização espaço-temporal).

A mesma autora, destaca 3 aspectos que afectam indirectamente a execução técnica, nomeadamente:

1. a impossibilidade de agarrar a bola (escassez de tempo na tomada de decisão, implicando leitura atempada das trajectórias da bola);
2. as zonas corporais de manipulação da bola (utilização dos planos superiores e inferiores que são diferentes ao utilizado no quotidiano – plano médio);
3. a punição regulamentar das irregularidades técnicas no contacto com a bola (pressupõe grande controlo e perfeição na execução das habilidades técnicas, pela limitação do número de toques por equipa e jogador/jogada).

Para além da importância do conhecimento destes aspectos que condicionam directa e indirectamente a execução da técnica no Voleibol e que exigem certos pressupostos para a sua realização, será também fundamental sabermos quando, onde e porquê executar determinada habilidade técnica.

Ao longo do jogo, duas questões são permanentemente colocadas ao jogador: o que fazer? (componente táctica), é a primeira questão que se coloca ao jogador e só posteriormente é que surge como fazer? (componente técnica), através da habilidade técnica mais adequada para a resolução (Garganta, 1995). Daí que, face à evolução sofrida pelo Voleibol nos últimos anos, cada vez mais é exigido ao jogador um domínio motor alargado, em que o jogador tem que ser polivalente dentro da função que desempenha, dominando uma vasta gama de movimentos e variantes técnicas, de forma a adoptar as melhores soluções aos problemas com que é confrontado no decorrer do jogo.

2.3.1,2. Componente estratégico-táctica

Nos JDC as dimensões estratégia e táctica assumem um papel determinante, na medida em que estas modalidades se caracterizam por um complexo de relações de oposição e cooperação cujas configurações decorrem dos objectivos dos jogadores e das equipas em confronto e do conhecimento que estas possuem acerca de si próprios e do adversário.

No Voleibol de alto nível, esta dominante é fulcral na competição e pode ser determinante na optimização do rendimento desportivo.

A velocidade a que o jogo moderno decorre implica que as decisões sejam tomadas num curto espaço de tempo. Neste sentido, um dos requisitos essenciais aos jogadores é a elevada capacidade de antecipação, sendo necessário para tal, enfatizar a importância dos processos cognitivos e da táctica individual (Kluka & Resser, 1998).

Vários são os autores que mencionam os aspectos cognitivos como factores determinantes da performance (Garganta e Pinto, 1995; Tavares, 1994; Riera, 1995; Castelo, 1996; Garganta e Oliveira, 1996; Tavares e Faria, 1996; Brito e Maçãs, 1998) e a dominante táctica como ocupando o lugar central da estrutura do rendimento nos JDC (Konzag, 1991; Garganta, 1994; Riera, 1995; Moya, 1998). Compete à componente estratégico-táctica a determinação do grau de sucesso, ou seja, a obtenção da vitória, quando há um equilíbrio entre as equipas em disputa ao nível das outras componentes de rendimento desportivo (físico, técnico e psicológico) (Teodorescu, 1984; Tavares, 1993; Sisto e Grego, 1995; Costa, 2001).

Após uma revisão da literatura, diversas são as definições encontradas para os conceitos de estratégia e táctica.

Tradicionalmente surgiu uma forma dualista de definir os conceitos de estratégia e táctica, estando a primeira associada à concepção, planificação e previsão enquanto a segunda associada à execução (Teodorescu, 1977; Parlebas, 1981 a; Barth, 1994; Riera, 1995). A estratégia representa o que está previsto antecipadamente enquanto que a táctica é a adaptação instantânea da estratégia às configurações do jogo e à circulação da bola, logo à oposição no decurso das acções de jogo (Gréhaigne, 1992). Para Kiraly e Shewman (1999), a estratégia define-se como um plano teórico de acção o qual se materializa nas diferentes tácticas do jogo. Tavares (1993), por sua vez, refere que compete à estratégia orientar a evolução da táctica, com o fim de que esta possa desempenhar o papel conveniente, para a consecução dos objectivos por aquela fixados.

Porém, a ideia de que a estratégia é elaborada antes do jogo e que define um tipo de táctica a realizar durante o jogo, está totalmente ultrapassada, na medida em que as situações–problema estão em permanente mutação, implicando constantemente um reajustamento de novos planos de acção.

Actualmente, defende-se que a estratégia coexiste com a táctica ao longo do jogo, uma vez que as diferentes acções aplicadas ao longo do mesmo fazem parte da estratégia (Garganta, 1997; Costa, 2001; Mesquita, 2000).

No Voleibol, a táctica individual assume um papel importante uma vez que os jogadores têm que decidir pela melhor acção possível, no menor espaço de tempo e executá-la da forma mais rápida e precisa. Daí que, os melhores jogadores distinguem-se dos restantes, pelas decisões acertadas e tomadas durante a competição mas também pela velocidade em que são efectuadas (Guerra, 2000; Mesquita et al., 2002).

A táctica individual, constitui a base da táctica colectiva representando o conjunto de acções individuais utilizadas conscientemente por um jogador nas suas interacções com os seus colegas e adversários, com o objectivo de alcançar os diferentes objectivos propostos para o jogo (Teodorescu, 1984). Já Santesmases (1998) refere que a táctica individual consiste no comportamento ajustado do jogador à convenção de como jogar, perfilhado no desenvolvimento da jogada mais conveniente para a equipa que pertence.

A responsabilidade de elaborar a estratégia e a táctica a utilizar em determinada competição cabe ao treinador. Nesta qualidade, para além de elaborar o plano táctico deve também aplicá-lo na prática, obrigatoriamente em colaboração com a equipa (jogadores), porque é a esta que compete a tomada de decisões finais.

Daí que no âmbito da preparação dos jogadores para a competição o treinador deverá incidir no desenvolvimento de determinadas capacidades, de modo que os jogadores sejam capazes de actuar rapidamente e decidir pela melhor opção, em função dos diferentes constrangimentos do jogo. Estas competências são em grande parte consequência do processo de instrução, quando este tem por base a formação do hábito de pensar (antecipar – identificar, decidir) e de escolher oportuna e inteligentemente a melhor solução na multiplicidade de acções tácticas disponíveis e passíveis de aplicação.

A mestria táctica decorre da excelência do pensamento operativo do atleta, isto é, do pensamento estritamente ligado à actividade específica ao jogo.

Neste entendimento, deve-se ter em consideração o desenvolvimento da capacidade de pensamento táctico no âmbito do processo instrutivo-educativo,

ou seja, desenvolver a capacidade do jogador de pensar e resolver eficientemente qualquer situação de jogo

Nesta linha de pensamento Pelletier (1986) destaca o papel da inteligência em jogo como sendo esta optimizada pelo uso consciente da técnica em função da análise das situações do jogo. Mediante determinado acontecimento, o jogador deverá ter a capacidade de seleccionar a resposta mais adequada. Nos momentos fulcrais, é o jogador mais inteligente e com melhor conhecimento táctico que toma as melhores decisões (Riera, 1995).

Daí que, se para uma dada competição o treinador na reunião de preparação para a competição define que a estratégia a aplicar, entre outras, tem como finalidade superar a equipa adversária, apontando determinadas soluções tácticas, caso estas não funcionem os jogadores terão que ter a capacidade de aplicar uma nova solução, mesmo sem ser necessária a intervenção directa do treinador.

2.3.2 Componente Psicológica

A reunião de preparação para a competição é um momento privilegiado no relacionamento entre ambos, onde tudo deve estar preparado ao pormenor, com o objectivo de alcançar a optimização da *performance* da equipa (Houlier e Crevoisier,1993).

No processo de preparação da equipa para a competição, a reunião do dia do jogo é assumida com grande importância pela maior parte dos treinadores (Nerin, 1986, Salmela, 1995, 1996) e dos jogadores (Houlier e Crevoisier, 1993). Este é um momento de grande intimidade entre ambos os intervenientes onde os níveis de *stress*, nervosismo e ansiedade estão consideravelmente elevados. Por isso, o treinador não deve colocar na reunião que antecede o jogo uma carga emotiva elevada, evitando quanto possível as mensagens não verbais e exageradamente negativas ou positivas (Peres, 2001).

Em competição, a condição psicológica dos jogadores tem influência directa nas suas performances (Zhang, 1993 a) e a intervenção do treinador antes do jogo, não é suficiente para preparar a equipa a nível psicológico

(mental) para a competição. É necessário que no planeamento do ciclo de preparação semanal que antecede a competição, esteja já contemplada a operacionalização de técnicas para a preparação psicológica (Nerin, 1986), com a intenção de obter os níveis óptimos de ansiedade.

Este treino mental ou psicológico terá como principal objectivo o controlo emocional e da atenção, dos níveis da activação psicológica e mental, a melhoria da capacidade de concentração, assim como o reforço da auto-confiança e a manutenção de índices elevados de motivação (Raposo e Aranha, 2000). Ming (1991) considera a atenção, a concentração, a determinação, a auto-confiança e o auto-controlo factores psíquicos fundamentais para a prática do Voleibol.

A orientação que se dá à equipa na reunião que antecede o jogo, as recomendações durante o aquecimento, as correcções nos descontos de tempo, as variantes e as opções que se decidem ao intervalo, só serão eficazes se umas e outras estiverem devidamente articuladas e se tiverem sido "trabalhadas" em toda a preparação anterior, através da motivação e da estimulação realizadas pelo treinador durante a relação estabelecida com os jogadores (Lima et al., 1980). Para o mesmo autor, a preparação para o jogo fundamentalmente ao nível do alto rendimento desportivo, exige do treinador um conhecimento concreto, de ordem prática sobre os jogadores, em dois aspectos:

1. Até onde pode ir o limite da estimulação individual para cada um dos jogadores;
2. como criar situações de adaptação, exteriores à competição, que reproduzam as condições psicológicas de ansiedade, angústia, pressão ou conflito, que caracterizam a competição e os momentos que a antecedem.

Neste entendimento, existe um conjunto de técnicas elementares que o treinador deve recorrer com efeitos motivadores e estimuladores (Araújo e Henriques, 1999):

- Definir objectivos globais e parciais, crescentes de dificuldades e realistas face ao grupo e respectivas condições de trabalho;

- regulamentar a vida colectiva previamente e suficientemente clara, onde constem deveres e recompensas;
- apelar à participação dos componentes do grupo de trabalho;
- definir o que pretende ver realizado e como fazê-lo;
- criticar de modo específico e não emocional, propondo de imediato "como fazer" face à situação em causa;
- não permitir que "o medo de errar" se torne um obstáculo à aprendizagem ou ao rendimento;
- elogiar no momento próprio;
- criar clima de trabalho onde todos se apercebam da valia do contributo individual enriquecido pelo apoio do colectivo.

Apesar de ser importante a preparação psicológica dos jogadores para a competição, Salmela (1996) destaca também a importância desta preparação nos treinadores, por forma a estarem na plenitude das suas capacidades para gerir a equipa. Esta preparação tem fundamentalmente a ver com o conhecimento dos traços mais significativos da sua própria personalidade e com a sua capacidade para exercer uma liderança sem ser influenciado pelas emoções nele provocadas pelas situações competitivas.

Com base em estudos que incluíram 22 treinadores de elevado nível competitivo nas modalidades de Hóquei no Gelo, Hóquei no Campo, Basquetebol e Voleibol, o mesmo autor refere que no dia da competição, os métodos normalmente mais utilizados pelos treinadores são concentrarem-se no pensamento do treinador adversário, nas possíveis combinações e estratégias a utilizar pela equipa adversária, assim como no modo como a sua equipa irá "combater".

O treinador na reunião de preparação para a competição e durante a mesma, deverá também preocupar-se em exteriorizar uma atitude que reflicta calma e segurança aos seus jogadores. Caso contrário, estes pressentem a excitação do treinador e observam-na, através da voz, dos gestos, do olhar, das atitudes, etc., e em vez de se sentirem confiantes e seguros, muito pelo contrário, sentem-se tensos, nervosos e com medo de falhar. O treinador deverá ter consciência das consequências nefastas de tal forma de agir e

tentar corrigir-se, ao ponto de se sentir seguro e capaz de dirigir a equipa, com sabedoria e autoridade (Gomelski, 1990).

Nesta linha de pensamento, Lima (1993) considera que as decisões tomadas pelo treinador devem demonstrar confiança, firmeza e segurança para que os jogadores se apercebam que o treinador age em todas as situações com plena convicção, isto é, que as soluções por ele apontadas são, sem dúvida, as mais adequadas.

Também no entender de Cunha (1998) o treinador bem sucedido é aquele que dá as instruções de forma positiva e decisiva e é capaz de tomar as decisões certas e transparecer calma e segurança aos seus jogadores.

2.3.3 Componente Energético-Funcional

O ritmo de jogo é cada vez mais elevado e os níveis de exigência do desporto de alto nível de rendimento são cada vez maiores. Daí exige-se aos jogadores determinadas capacidades que lhe possibilitem exercer a sua função ao mais alto nível e que, para tal, o treinador deverá ter em consideração no planeamento do processo de preparação da equipa para a competição.

Neste sentido, o treinador na preparação da equipa para a competição deverá ter em consideração o esforço que a modalidade exerce nos jogadores e nele, de modo a poder determinar as melhores formas de obtenção e implementá-las, através do treino específico e adequado e assim perspectivar um elevado nível de performance competitiva do jogador.

Salmela (1996) destaca a importância da preparação física do treinador, pelo facto de contribuir para a manutenção da sua condição física e da saúde, mas também por permitir mostrar aos jogadores que ele próprio mantém-se em condição para exercer com dignidade física as suas funções. O mesmo autor, com base em estudos que incluíram 22 treinadores de elevado nível competitivo nas modalidades de Hóquei no Gelo, Hóquei no Campo, Basquetebol e Voleibol refere que alguns treinadores no dia da competição costumam optar por descansar um pouco, estar algum tempo a sós ou efectuar exercício físico (pequeno passeio ou corrida pela manhã) como técnicas de preparação para a competição.

Em relação à preparação dos jogadores e de acordo com as características específicas do Voleibol, apresentamos algumas referências que o treinador deverá ter em consideração no processo de preparação da equipa para a competição:

- O Voleibol é uma modalidade caracterizada por esforços intensivos de curta duração, interrompidos por breves repousos ou esforços de menor intensidade (Cherebetiu et al.,1970).
- É uma modalidade caracterizada pela utilização de acções técnicas com grande recurso à força rápida de curta duração e interrupções contínuas, pelo facto de que uma jogada tem a duração media inferior a 10 segundos, seguida de uma interrupção superior a 12 segundos (Carvalho, 1997).
- Dyba (1983) e Viitasalo & Rusko (1987), encontraram ao longo do jogo valores médios na frequência cardíaca entre os 127 e 155 batimentos por minuto. Todavia, Maclaren (1990), refere que estes valores podem estar "mascarados" pelos registos efectuados nos tempos de bola parada, como pelo facto, de não terem tido em consideração as funções especificas de cada jogador.
- O tempo de jogo é variável, na medida em que é um jogo que se disputa por *sets* e não por tempo. Um jogo poderá demorar entre 30 e 150 minutos o que significa que a resistência aeróbia também é uma capacidade a ter em consideração na preparação da equipa para a competição.
- A obrigatoriedade de todos os jogadores, excepto o líbero, passarem pela zona de ataque (ofensiva), leva a que tenham que ter uma elevada capacidade de impulsão vertical (potência muscular - força explosiva), para poderem executar os procedimentos técnico-tácticos como o remate, o serviço (suspensão), bloco e o passe, com maior eficácia (Baache, 1989; Maclaren, 1990).
- Para a utilização do passe, bloco, remate e técnicas acrobáticas de defesa as capacidades coordenativas associadas ao domínio técnico específico desempenham um papel fundamental nesta modalidade (Baache, 1989; Maclaren, 1990).

- Todos os movimentos em Voleibol (arranques rápidos, paragens bruscas, saltos e os movimentos rápidos dos membros superiores e tronco para a execução do serviço e remate) têm um carácter explosivo, ou seja, com base na força-velocidade (Vargas, 1982).
- Os jogadores de alto nível de rendimento deverão ter uma excelente capacidade de percepção e análise da situação bem como de antecipação às situações, devido à elevada velocidade a que o jogo se processa (Baache, 1989; Maclaren, 1990).
- Quanto às capacidades condicionais, Teodorescu (1984) refere que o Voleibol é uma modalidade que utiliza a resistência em regime de força, de velocidade e de destreza (técnica).

3. OBJECTIVOS E HIPÓTESES

3.1 Objectivos

3.1.1 Objectivo Geral

Este estudo insere-se na investigação sistemática de análise do processo de preparação da competição e pretende analisar os conteúdos das intervenções verbais dos treinadores de Voleibol, nas reuniões de preparação para a competição, no escalão de séniores A1, no sector masculino e feminino.

Especificamente, centrar-nos-emos na informação emitida pelos treinadores durante a reunião de preparação relativa aos conteúdos de natureza técnica, táctica, energético-funcional, psicológica, outras dominantes do rendimento desportivo e outros, "o quê" por forma a identificar, "a quem" e "como" se transmite a informação em questão. Procuramos constatar em que medida a informação transmitida pelos treinadores das equipas masculinas difere dos treinadores das equipas femininas, assim como a quantidade de informação transmitida em relação à própria equipa e equipa adversária. Pretendemos ainda obter um quadro caracterizador das condições de realização da reunião de preparação para a competição.

3.1.2 Objectivos Específicos

Com base no objectivo geral foram formulados os seguintes objectivos específicos:

- Identificar e descrever as condições de realização da reunião de preparação dos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas, quanto ao momento, local, participantes, número de reuniões, antecedência de realização em relação à hora do início do jogo e meios de apoio utilizados.
- Identificar a quantidade de intervenções verbais transmitidas aos jogadores, em geral e relacionada com a própria equipa e equipa adversária.
- Identificar e descrever o tipo de informação (O Quê) proferido pelos treinadores em geral, e em relação à própria equipa e equipa adversária, nas intervenções verbais.

- Identificar os receptores (Quem) das intervenções verbais dos treinadores.
- Identificar a forma (Como) dos treinadores realizarem as intervenções verbais aos jogadores.
- Comparar a duração das reuniões de preparação entre os treinadores das equipas masculinas e femininas.
- Comparar o tipo de informação (O Quê) proferido pelos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas.
- Comparar o tipo de informação (O Quê) proferido pelos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas, em relação à própria equipa.
- Comparar o tipo de informação (O Quê) proferido pelos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas, em relação à equipa adversária.
- Comparar os receptores (Quem) das intervenções verbais dos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas
- Comparar a forma (Como) dos treinadores das equipas masculinas e treinadores das equipas femininas realizarem as intervenções verbais aos jogadores.

3.2 Hipóteses

Tendo em consideração os conhecimentos adquiridos resultantes da pesquisa bibliográfica e os objectivos anteriormente enunciados, formulamos as seguintes hipóteses, cuja verificação resultará da realização deste estudo:

H1: - Os treinadores de Voleibol, em geral, realizam várias reuniões de preparação ao longo da semana e recorrem ao vídeo e ao quadro como meios de apoio.

H2:- As reuniões no dia do jogo realizam-se com uma antecedência de aproximadamente uma hora do seu início, no balneário do recinto do jogo e participam todos os jogadores e equipa técnica.

H3: - Os conteúdos dominantes transmitidos pelos treinadores de Voleibol incidem fundamentalmente na categoria táctica.

H4: - Existe um equilíbrio entre o número de intervenções verbais transmitidas aos jogadores relacionadas com a própria equipa e equipa adversária.

H5: - Os conteúdos das intervenções verbais dos treinadores de Voleibol são direccionados essencialmente para todos os jogadores da equipa.

H6: - Existem diferenças estatisticamente significativas entre as equipas masculinas e femininas de Voleibol, ao nível da duração das reuniões.

H7: - Existem diferenças estatisticamente significativas no teor das intervenções verbais dos treinadores de Voleibol, entre as equipas masculinas e femininas.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Caracterização da amostra

Fizeram parte deste estudo dezassete treinadores de Voleibol, sendo nove do sector masculino e oito do sector feminino, pertencentes a equipas do escalão de séniores, que disputaram o campeonato nacional, divisão A1, na época desportiva 2002/2003.

As principais características da amostra são apresentadas no Quadro 3 e no Quadro 4.

Quadro 3 - Distribuição da amostra do número de treinadores de voleibol (n=17) das equipas masculinas e femininas da divisão A1, quanto à idade, número de anos como treinador em geral e como treinador principal

Campeonato Nacional	Número	Idade	Nº Anos Treinador em Geral	Nº Anos Treinador Principal
Masculino	9	41,6 ± 7,8	21,4 ± 8,70	18,4 ± 10,60
Feminino	8	38,8 ± 7,0	17,8 ± 6,0	16,9 ± 6,50
Total/Média	17	40,2 ± 1,4	19,6 ± 1,8	17,65 ± 0,8

Os treinadores das equipas masculinas possuem uma média de idade superior à das equipas femininas, sendo a média geral de 40,2. Relativamente à experiência profissional verifica-se a mesma tendência: os treinadores das equipas masculinas possuem, em média, mais anos de experiência do que os das equipas femininas (21,4 e 17,8, respectivamente). A mesma tendência é encontrada no que diz respeito ao exercício da função como treinador principal, na qual o masculino tem uma média de 18,4 contra 16,9 do feminino.

Quadro 4 - Distribuição da amostra do número de treinadores de voleibol (n=17) das equipas masculinos e femininos da divisão A1, em relação às habilitações académicas, profissionais e sexo.

Equipas	Hábil. Académicas		Hábil. Profissionais		Sexo	
	Licenciatura	Mestrado	C.T. 2º nível	C.T. 3º nível	Masc.	Fem.
Masculinos	8	1	4	5	9	0
Femininos	5	3	1	7	7	1
Total/Percent.	13 / 76,5%	4 / 23,5%	5 / 29,4%	12 / 70,6%	16 / 94%	1 / 6%

Como formação académica constatamos que apenas um treinador não é licenciado em Educação Física e Desporto e que da totalidade, 23,5% são mestres em Ciências do Desporto (Quadro 4). Como formação específica verificamos que 29,4% possui o 2º nível do Curso de Treinadores de Voleibol (formação mínima exigida para orientar equipas da divisão A1) e que 70,6% possui o 3º nível do Curso de Treinadores Internacional de Voleibol, categoria máxima na modalidade. Interessante verificar que os treinadores do feminino possuem habilitações profissionais e académicas superiores aos treinadores do masculino. Verificamos ainda que apenas há uma treinadora a orientar uma equipa feminina, sendo os restantes todos do sexo masculino.

4.2. Jogos que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição

Os jogos dos campeonatos nacionais de séniores de voleibol, divisão A 1 que sucederam a gravação das reuniões de preparação para a competição são apresentados no Quadro 5 para o masculino e no Quadro 6 para o feminino. Em cada equipa foi efectuada a gravação das reuniões de preparação para apenas um jogo e a escolha da competição teve como critério preferencial equipas que estivessem a disputar lugares classificativos próximos para que as intervenções verbais do treinador tivessem por base o confronto equilibrado entre equipas.

Quadro 5 – Jogos do campeonato nacional de séniores de voleibol da divisão A1 masculina que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição

Campeonato Nacional de Voleibol Séniores Masculinos da A1	
Data	Jogo
25 de Janeiro de 2003	G.C.Vilacondense / A.A. Espinho
26 de Janeiro de 2003	Leixões S.C. / G.C.Vilacondense
01 de Fevereiro de 2003	Esmoriz G.C. / Vitória S.C.
08 de Fevereiro de 2003	Leixões S.C. /C.S. Marítimo
15 de Fevereiro de 2003	G.D.C.Gueifães / S.L. Benfica
15 de Fevereiro de 2003	S.C. Espinho / Castelo Maia G.C.

Sublinhado: Equipas nas quais foram realizadas as gravações das reuniões de preparação para a competição

Quadro 6 – Jogos do campeonato nacional de séniores de voleibol da divisão A1 feminina que sucederam as gravações das reuniões de preparação para a competição

Campeonato Nacional de Voleibol Séniores Femininos da A1	
Data	Jogo
1 de Março de 2003	A.V.C. / S.C. Madeira
2 de Março de 2003	Boavista F.C. / A.V.C.
23 de Março de 2003	Castêlo da Maia G.C. / S.C. Madeira
23 de Março de 2003	Esmoriz G.C. / A.V.C.
30 de Março de 2003	A.V.C. / G.C. Vilacondense
19 de Abril de 2003	E.P. Arrifes /Câmara de Lobos
19 de Abril de 2003	C Técnico Voleibol / GDC Gueifães

Sublinhado: Equipas nas quais foram realizadas as gravações das reuniões de preparação para a competição

4.3 Variáveis

Em relação às variáveis estudadas, o estudo apresenta como variável dependente os conteúdos das intervenções verbais do treinador nas reuniões de preparação para a competição, pelo facto de considerarmos tratar-se de uma variável com relevância no processo de preparação das equipas para a competição. Como variável independente consideramos os treinadores das equipas séniores masculinas e os treinadores das equipas séniores femininas, da divisão A1 de voleibol.

4.4 Procedimentos adoptados na recolha de dados

4.4.1 Questionário

O questionário teve como finalidade recolher dados pessoais e informações consideradas pertinentes acerca da reunião de preparação para a competição dos treinadores (anexo).

1. Número de anos como treinador;
2. número de anos como treinador principal;

3. habilitações académicas;
4. habilitações profissionais;
5. idade;
6. local de realização das reuniões;
7. momento de realização das reuniões;
8. participantes nas reuniões;
9. tempo de antecedência com que é efectuada a reunião em relação à hora de inicio do jogo;
10. Materiais utilizados nas reuniões.

4.4.2 Instrumento de observação SAPCI (Systematic Analysis of Pedagogical Content Interventions)

Para a análise do conteúdo das intervenções verbais dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição, recorremos ao protocolo utilizado e desenvolvido por Gilbert et al. (1999), aplicado em treinadores de Hóquei no Gelo, do inglês, *"Development and application of na instrument to analyse pedagogical content interventions of ice hockey coaches"*.

O sistema de codificação deste instrumento permite a recolha de dados em quatro dimensões relativos às intervenções pedagógicas substantivas do treinador: **"O Quê"** – qual o conteúdo da intervenção; **"Como"** – como é transmitida a intervenção; **"A Quem"** – quem é o receptor da intervenção e **"Quando"** – quando é que a intervenção é transmitida.

Este instrumento sofreu algumas adaptações pontuais atendendo à especificidade do Voleibol, nas dimensões "O Quê" e " A Quem", com base na literatura da especialidade (Selinger, 1986; Pollock & Lee, 1992; Moutinho, 2000; Mesquita et al., 2002) e à natureza do contexto (reunião de preparação) na dimensão "Como", recorrendo ao Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC) de Pina e Rodrigues (1998).

Tendo em consideração o tema do nosso estudo, reunião de preparação para a competição, não consideramos a dimensão "Quando", pelo facto dos jogadores nunca estarem em acção (actividade/movimento) aquando da transmissão da informação.

O sistema de observação utilizado (Gilbert et al., 1999, adaptado) e Pina e Rodrigues (1998), inclui as macrodimensões do rendimento desportivo e está dividido em 17 categorias, 30 sub-categorias e 15 variantes.

Seguidamente apresentaremos a descrição das mesmas:

1ª Dimensão: "O Quê"

É a primeira dimensão do instrumento de observação por nós adoptada e é usada para registar o conteúdo das intervenções verbais dos treinadores. A dimensão está dividida em 6 categorias, 18 sub-categorias e 15 variáveis para as intervenções relacionadas com a própria equipa e nas mesmas categorias, sub-categorias e variáveis para as intervenções verbais relacionadas com a equipa adversária. As categorias são Técnica, Táctica, Energético-Funcional, Psicológica, Outras Dominantes do Rendimento Desportivo e Outros.

a) Categoria Técnica

Técnicas individuais - São todas as habilidades fundamentais necessárias para o desenrolar do jogo.

Consideramos como sub-categorias as habilidades técnicas de serviço, manchete, passe, remate, amortie, bloco, quedas e as posições fundamentais (alta, média e baixa), sobre as quais o treinador transmite indicações acerca da forma mais correcta de executar da sua equipa e/ou adversária.

- **Serviço;**
- **manchete;**
- **passe;**
- **remate;**
- **amortie;**
- **bloco;**
- **quedas especificas de abordagem do solo;**
- **posições fundamentais (alta média e baixa).**

b) Categoria Táctica

Consideramos como sub-categorias a constituição da equipa/plantel, o modelo do jogo, a táctica individual defensiva, a táctica individual ofensiva, a táctica colectiva defensiva e a táctica colectiva ofensiva.

- **Constituição da equipa e caracterização do plantel** – refere-se à informação prestada pelo treinador em relação aos jogadores que irão jogar inicialmente, os que irão ficar como suplentes e daqueles que eventualmente não irão participar naquela competição. Refere-se também à qualidade do plantel e posições/funções a ocupar no jogo.

- **Modelo de jogo** – são o conjunto de ideias e princípios idealizados pelo treinador em relação à forma como pretende que o jogo seja praticado na organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa.

- **Táctica individual defensiva (acção de bloco, defesa baixa ou recepção do serviço)** – São todas as acções individuais realizadas por um jogador que se processam quando a equipa não está de posse da bola e se encontra na situação de defesa ou recepção do serviço.

  Consideramos como variáveis, a defesa directa ao portador da bola (bloco) e a defesa indirecta ao portador da bola (defesa ou recepção) sobre as quais o treinador transmite indicações acerca da forma mais correcta de executar da sua equipa e/ou adversária.

  - **Táctica individual defensiva directa ao portador de bola (bloco);**
  - **táctica individual defensiva indirecta ao portador de bola ao nível da defesa;**
  - **táctica individual defensiva indirecta ao portador da bola ao nível da recepção.**

- **Táctica individual Ofensiva (serviço, organização e finalização do ataque)** – São todas as acções individuais utilizadas por um jogador que se processam quando a equipa se encontra na acção de ataque.

  Consideramos como variáveis, a construção do ataque e a finalização do ataque ou e a acção de serviço, sobre as quais o treinador transmite indicações acerca da forma mais correcta de executar da sua equipa e/ou adversária.

  - **Táctica individual ofensiva - construção do ataque** (distribuição do ataque, usualmente realizada ao 2º toque);
  - **táctica individual ofensiva - finalização do ataque** (finalização do ataque, usualmente realizada ao 3º toque, podendo contudo acontecer esporadicamente ao 2º e 1º toque);
  - **táctica individual ofensiva - finalização do ataque através da acção do serviço.**

- **Táctica colectiva defensiva** – são todas as acções colectivas dos jogadores da equipa, desenvolvidas de uma forma organizada, ordenada e uniformizadamente e que se processam quando a equipa está numa situação de defesa ou recepção.

  Consideramos como variáveis, os princípios defensivos e os sistemas defensivos (recepção, bloco, defesa baixa e protecção ao próprio ataque).

  - **Táctica colectiva defensiva - Princípios** – intervenções não confinadas a nenhuma zona/área do campo, quando a equipa se encontra numa situação de defesa;
  - **táctica colectiva defensiva - Sistemas** – intervenções direccionadas para dois ou mais jogadores relacionadas com acções dinâmicas do jogo, com o objectivo de organizar a defesa / recepção.
  - **sistema de recepção;**
  - **sistema de defesa;**
  - **sistema de bloco;**
  - **sistema de protecção ao próprio ataque**.

- **Táctica colectiva ofensiva** – São todas as acções dos jogadores da equipa, desenvolvidas de uma forma organizada, ordenada e uniformizada com o objectivo de ganhar vantagem sobre o adversário e que se processam quando a equipa se encontra numa situação de ataque.

  Consideramos como variáveis os princípios ofensivos, as combinações e sistemas de ataque e a táctica da equipa no serviço.

  - **Táctica colectiva ofensiva - Princípios** – intervenções não confinadas a nenhuma zona/área do campo, quando a equipa se encontra numa situação de ataque;
  - **táctica colectiva ofensiva - Combinações** – intervenções direccionados para um ou mais jogadores desenvolvidas nas acções dinâmicas do jogo, com o objectivo de organizar e finalizar o ataque;
  - **táctica colectiva ofensiva - Sistemas de ataque** – intervenções a partir de situações dinâmicas do jogo com o objectivo de organizar e finalizar o ataque;
  - **táctica colectiva ofensiva da equipa no serviço** – intervenções específicas dirigidas à equipa relacionadas com o acto de servir com o objectivo de condicionar ou mesmo anular, o ataque adversário.

c) **Categoria Energético-funcional:** são todas as instruções verbais do treinador centradas sobre o desempenho físico, quer do ponto de vista do tipo de esforço solicitado quer das capacidades motoras mobilizadas do atleta e da equipa.

d) **Categoria Psicológica:** são todas as instruções verbais do treinador centradas sobre aspectos pessoais, sócio-afectivos e relacionais do atleta e da equipa.

e) **Categoria Outras dominantes do rendimento desportivo**
Consideramos como sub-categorias o contexto do jogo, as leis do jogo, a equipa de arbitragem e o resultado desportivo.

- **Contexto do jogo** – refere a importância que o jogo tem no contexto da tabela classificativa os aspectos sócio-culturais inerentes ao seu desenvolvimento (rivalidade, tradição, *derby*), às condições de envolvimento que estão subjacentes ao desenvolvimento do jogo, espaço físico de envolvimento do terreno de jogo, comportamento dos espectadores, momento do *set*, jogo, etc.
- **Leis do jogo** – É a informação verbal do treinador em relação às leis do jogo de voleibol.
- **Equipa de arbitragem** – É a informação dada pelo treinador acerca dos comportamentos a ter pelos jogadores em relação à equipa de arbitragem.
- **Resultado desportivo** – É a informação dada pelo treinador em relação ao resultado desportivo alcançado ou a alcançar na competição.

f) **Categoria Outros** – refere-se a outras informações transmitidas pelo treinador que não se incluem nas categorias precedentes.

2 ª Dimensão: "*Quem*"

É a segunda dimensão do instrumento de observação por nós adoptada e é usada para registar a direcção das intervenções verbais dos treinadores. A dimensão está dividida em 3 categorias e 12 sub-categorias. As categorias são Equipa, Jogador Individual e Sub-Grupo de Jogadores.

a) **Categoria Equipa** – É a intervenção do treinador transmitida a todos os jogadores da equipa.
b) **Categoria Jogador individual**: É a intervenção do treinador transmitida a um só jogador. Consideramos como sub-categorias, o jogador defesa, recebedor, atacante, servidor, distribuidor, blocador, libero e suplente.

- **Defesa** – jogador que intervém nas acções de defesa baixa;
- **recebedor** – jogador que intervém nas acções de recepção do serviço;
- **atacante** – jogador que intervém nas acções de ataque;
- **servidor** – jogador que intervém na acção de servir;
- **distribuidor** – jogador que intervém nas acções de distribuição da bola (2º toque);
- **blocador** – jogador que intervém nas acções de bloco;
- **líbero** - jogador que somente intervêm nas acções de recepção e de defesa;
- **suplente** – jogador que se encontra no banco de suplentes e que poderá entrar no jogo a qualquer momento.

c) **Categoria Sub-grupo de jogadores** – É a intervenção do treinador transmitida a um conjunto de jogadores. Consideramos como sub-categorias, os atacantes, defesas, blocadores e recebedores.

- **Atacantes** – jogadores que intervêm nas acções de ataque;
- **defesas** - jogadores que intervêm nas acções de defesa baixa;
- **blocadores** – jogadores que intervêm nas acções de bloco;
- **recebedores** – jogadores que intervêm nas acções de recepção do serviço adversário.

3 ª Dimensão: *"Como"*

É a terceira dimensão do instrumento de observação por nós adoptada e é usada para registar o modo como são transmitidas as intervenções verbais dos treinadores. A dimensão está dividida em 8 categorias que são a Informação Avaliativa Positiva, A Informação Avaliativa Negativa, a Informação Prescritiva, a Informação Descritiva, o Questionamento, o Encorajamento /Pressão, a Afectividade Positiva e a Afectividade Negativa.

a) **Categoria Informação Avaliativa Positiva** – o treinador avalia a prestação do(s) jogador(es) ou da equipa de uma forma simples, não

especificando pormenores sobre a avaliação. A expressão utilizada assume um carácter positivo e reflecte uma aprovação.

b) **Categoria Informação Avaliativa Negativa** - o treinador avalia a prestação do(s) jogador(es) ou da equipa de uma forma simples, não especificando pormenores sobre a avaliação. A expressão utilizada assume um carácter negativo e reflecte uma desaprovação.

c) **Categoria Informação Prescritiva** – o treinador transmite ao(s) jogador(es) ou à equipa a forma como devem efectuar qualquer tarefa ou função em futuras execuções, propondo um novo comportamento, referindo e justificando os critérios de êxito e/ou erros a não efectuar.

d) **Categoria Informação Descritiva** – o treinador transmite ao(s) jogador(es) ou à equipa a forma como realizaram determinada função ou tarefa.

e) **Categoria Questionamento** – o treinador formula questões relacionadas com a natureza dos objectivos do jogo.

f) **Categoria Encorajamento/Pressão** – o treinador estimula o(s) jogador(es) levando-o(s) a intensificar os seus esforços aumentando o empenhamento em determinada acção.

g) **Categoria Afectividade Positiva** – o treinador intervém verbalmente de modo a demonstrar satisfação com o comportamento do(s) jogador(es). Daí, elogia, apresenta o jogador como exemplo, etc.

h) **Categoria Afectividade Negativa** - o treinador intervém verbalmente de modo a demonstrar insatisfação com o comportamento do(s) jogador(es) ou equipa, criticando(s).

O quadro nº 7 que se segue apresenta todas as categorias, sub-categorias e variáveis para cada uma das dimensões.

Quadro nº 7 – Dimensões, categorias, sub-categorias e variáveis

Dimensão O "Quê"		
Categoria Técnica		
Sub-Categorias		
Serviço	Remate	Quedas específicas
Manchete	Amortie	Posições fundamentais
Passe	Bloco	
Categoria Táctica		
Sub-Categorias		
Constituição da equipa/plantel		
Modelo do jogo		
Táctica Individual		
Defensiva	Ofensiva	
Variáveis		
Directa ao portador da bola	Construção do ataque	
Indirecta ao portador da bola – defesa	Finalização do ataque	
Indirecta ao portador da bola - recepção	Finalização do ataque - serviço	
Táctica Colectiva		
Defensiva	Ofensiva	
Variáveis		
Princípios	Princípios	
Sistema de protecção ao próprio ataque	Combinações	
Sistema de defesa	Da equipa no serviço	
Sistema de recepção	Sistema de ataque	
Sistema de bloco		
Categoria Psicológica		
Categoria Energético-Funcional		
Categoria Outras Dominantes do Rendimento Desportivo		
Sub-Categorias		
Contexto do jogo	Equipa de arbitragem	
Leis do jogo	Resultado desportivo	
Categoria Outros		
Dimensão "A Quem"		
Categoria Equipa		
Categoria Jogador Individual		
Sub-Categorias		
Defesa	Servidor	Libero
Recebedor	Distribuidor	Suplente
Atacante	Blocador	
Categoria Sub-Grupo de Jogadores		
Sub-Categorias		
Atacantes	Blocadores	
Defesas	Recebedores	
Dimensão "Como"		
Categorias		
Informação avaliativa positiva	Informação descritiva	Afectividade positiva
Informação avaliativa negativa	Questionamento	Afectividade negativa
Informação prescritiva	Encorajamento / pressão	

4.4.3 Pressupostos de aplicação do estudo

Com o intuito de obter dados de índole pessoal e informações relacionadas com as reuniões de preparação para a competição, ficou na posse de cada um dos treinadores um questionário e simultaneamente um micro gravador para que realizassem as gravações das diversas reuniões de preparação ao longo da semana. Os jogadores também foram informados pelos treinadores dos objectivos das gravações.

Este procedimento teve como intenção assegurar, por parte dos treinadores e jogadores, um ambiente o mais natural possível evitando constrangimentos, interferências e alterações comportamentais e de conteúdo a abordar nas reuniões de preparação para a competição.

Os treinadores ao serem contactados para colaborarem no nosso estudo foram informados genericamente sobre os objectivos do estudo e de toda a metodologia e recolha de dados, assegurando de imediato toda a confidencialidade dos mesmos, assim como o seu anonimato.

Para o tratamento dos dados e mantendo a anonimato das comunicações, codificamos os treinadores de um a dezassete.

O sistema de registo foi aplicado à totalidade do tempo de duração das reuniões (segundos) e após a sua realização, procedeu-se à sua audição e transcrição para protocolo escrito, para posterior tratamento.

4.5. *Instrumentarium*

Para a realização do estudo utilizamos os seguintes instrumentos:

- Um micro gravador audio *Sanyo – Digital Voice Recorder* – TRC-580M e cassetes áudio para recolher o conteúdo das comunicações nas reuniões de preparação para a competição.
- Um computador Pentium II – 100 MHz para o armazenamento e tratamento dos dados recolhidos.
- Ficha de registo das intervenções dos treinadores (anexo).

4.6. Realização de um treino prévio de codificação de dados

Inicialmente recorremos à audição das reuniões de preparação para a competição e transcrevemos para texto a totalidade das intervenções verbais dos treinadores. Após a transcrição, tornamos a efectuar uma audição integral para confirmar se os conteúdos eram coincidentes com os registos obtidos.

Devido ao elevado número de dimensões, categorias, sub-categorias e variáveis, sentimos a necessidade de realizar previamente um treino de análise de dados e uma possível, se necessário, afinação da codificação das unidades de informação. Para o efeito, observamos 230 episódios, com um intervalo de 10 dias e utilizamos a comparação dos registos (do mesmo observador) com base no cálculo de percentagens de acordos e desacordos registados, segundo a fórmula utilizada por Bellack et al., (1966) nos dois momentos, para verificar se a codificação era análoga para as duas situações. Na eventualidade de existirem dúvidas na codificação de duas categorias, consideramos a dominante.

De acordo com o quadro nº 8 podemos verificar que os valores se situam entre 85,1% e 100%, com o valor médio de 90,8%.

Quadro nº 8- Resultados percentuais do treino de observação

SISTEMA DE OBSERVAÇÃO UTILIZADO			Valores percentuais
O QUÊ	Categoria Técnica		100%
	Categoria táctica	Individual defensiva	100%
		Individual ofensiva	92,9%
		Colectiva defensiva	93,8%
		Colectiva ofensiva	92,7%
		Constituição da equipa/plantel	100%
		Modelo de Jogo	93,8%
	Categoria Energético-Funcional		-
	Categoria Psicológica		85,1%
	Categoria Outras Dominantes do Resultado Desportivo	Contexto de Jogo	90%
		Leis Jogo	-
		Equipa de arbitragem	-
		Resultado desportivo	100%
	Categoria Outros		
QUEM	Jogadores individuais		100%
	Sub Grupo de Jogadores		91,2%
	Equipa		100%
COMO	Informação Avaliativa Positiva		88,8%
	Informação Avaliativa Negativa		-
	Informação Prescritiva		92,3%
	Informação Descritiva		92,6%
	Questionamento		-
	Encorajamento/Pressão		86%
	Afectividade Positiva		-
	Afectividade Negativa		-
Percentagem média			90,8%

4.7 Tratamento dos dados e procedimentos estatísticos

Para a análise dos conteúdos das intervenções verbais dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição recorremos à estatística descritiva, destacando as medidas de tendência central e de dispersão, tais como a média, desvio padrão, valor mínimo e máximo e a percentagem de ocorrências.

Verificaram-se os pressupostos para a realização das estatísticas paramétricas, nomeadamente o t de *student*, com o recurso ao estudo de normalidade com a prova de *Kolmogorov* e *Shapino-Walk* e com o estudo da homogeneidade das variâncias através do teste de *Levene´s*. Nos casos em que não se verificaram estes pressupostos utilizamos a estatística alternativa não paramétrica o U de *Mann-Whithney*.

Para efeitos da interpretação e análise dos resultados, assumimos para o nível de confiança o valor de 0.05.

4.8 Fiabilidade de observação

Com a finalidade de testar a objectividade dos nossos resultados, efectuamos a análise intra-observador e inter-observador para as categorias consideradas, com base no cálculo de percentagens de acordos e desacordos registados, segundo a fórmula utilizada por Bellack et al. (1966).

$$\frac{\text{Número de acordos}}{\text{Número de acordos + Número de desacordos}} \times 100$$

O critério seguido no nosso estudo foi de 10% (n=107) da totalidade da amostra, que Tabachnick e Fidell (1989) refere como o mínimo exigível para testar a fiabilidade das observações.

Da análise dos resultados de fiabilidade das observações intra-observador (quadro 9) e da fiabilidade inter-observador (quadro 10) constatamos percentagens superiores a 80% para todas as categorias, o que se poderá considerar as observações fiáveis.

De acordo com o quadro 9 podemos verificar que os valores intra-observador variam entre os 85,7% e os 100%, com um valor médio de 92,6% e que no quadro 10 os valores inter-observador são ligeiramente mais baixos, variando entre os 80% e os 100%, com um valor médio de 88,9%.

Quadro nº 9 - Resultados percentuais da fiabilidade intra-observador

SISTEMA DE OBSERVAÇÃO UTILIZADO			INTRA - OBSERVADOR
O Quê	CategoriaTécnica		100%
	Categoria táctica	Individual defensiva	88,9%
		Individual ofensiva	92,3%
		Colectiva defensiva	91,3%
		Colectiva ofensiva	90%
		Constituição da equipa/plantel	100%
		Modelo de Jogo	80%
	Categoria Energético-Funcional		-
	Categoria Psicológica		90%
	CategoriaOutras Dominantes do Resultado Desportivo	Contexto de Jogo	85,7%
		Leis Jogo	-
		Equipa de arbitragem	-
		Resultado desportivo	100%
	Categoria Outros		-
Quem	Jogadores individuais		100%
	Sub Grupo de Jogadores		94,7%
	Equipa		96,2%
Como	Informação Avaliativa Positiva		85,7%
	Informação Avaliativa Negativa		-
	Informação Prescritiva		86,7%
	Informação Descritiva		100%
	Questionamento		-
	Encorajamento/Pressão		92,5%
	Afectividade Positiva		-
	Afectividade Negativa		-
Percentagem Média			92,6%

Quadro nº 10 - Resultados percentuais da fiabilidade inter-observador

SISTEMA DE OBSERVAÇÃO UTILIZADO			INTER - OBSERVADOR
O Quê	Categoria Técnica		100%
	Categoria táctica	Individual defensiva	88,9%
		Individual ofensiva	80%
		Colectiva defensiva	84,6%
		Colectiva ofensiva	85%
		Constituição da equipa/plantel	100%
		Modelo de Jogo	80%
	Categoria Energético-Funcional		-
	Categoria Psicológica		90%
	Categoria Outras Dominantes do Resultado Desportivo	Contexto de Jogo	85,7%
		Leis Jogo	-
		Equipa de arbitragem	-
		Resultado desportivo	100%
	Categoria Outros		-
Quem	Jogadores individuais		94,1%
	Sub Grupo de Jogadores		86,8%
	Equipa		90,4%
Como	Informação Avaliativa Positiva		85,7%
	Informação Avaliativa Negativa		-
	Informação Prescritiva		83,3%
	Informação Descritiva		90%
	Questionamento		-
	Encorajamento/Pressão		87,5%
	Afectividade Positiva		-
	Afectividade Negativa		-
Percentagem Média			88,9%

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5. Análise das condições de realização das reuniões de preparação para a competição

5.1.1 Momento da reunião de preparação para a competição

No quadro nº11 apresentamos os momentos das reuniões de preparação para a competição para a totalidade dos treinadores, em geral, e para os treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular.

Quadro nº 11 - Momentos das reuniões de preparação para a competição realizados pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Momentos	Geral	Eq. Masculinas	Eq. Femininas
Dia do jogo	14	7	7
Longo da semana	17	9	8

Da análise do quadro 11 constatamos que todos os treinadores realizaram reuniões de preparação ao longo da semana e que apenas 3 não realizaram no dia do jogo, sendo 2 pertencentes às equipas masculinas e 1 às femininas.

A reunião de preparação para a competição, "a palestra", é por excelência um ritual comum a todos os treinadores de Futebol, como verificou Pacheco (2002) no seu estudo. Salmela (1996) no estudo realizado com 22 treinadores de equipas nacionais, profissionais e universitárias do Canadá de Hóquei no Gelo, Hóquei no Campo, Basquetebol e Voleibol verificou que antes do aquecimento, os treinadores realizam uma pequena reunião com os jogadores, o que não retira a possibilidade de serem realizadas outras durante a semana. Os resultados no nosso estudo aproximam-se mais dos de Salmela (1996), uma vez que os treinadores no presente estudo preferem distribuir os conteúdos a transmitir aos jogadores ao longo da semana, não abdicando, todavia, regra geral, de realizar também uma reunião no dia do jogo. Cardinal (1986) refere que a intervenção do treinador começa durante a semana, dado que para o jogador conseguir evidenciar eficácia é necessário que a sua aplicação seja realizada de forma progressiva e sistemática até tornar a sua aplicação viável.

5.1.2 Local de realização das reuniões

Apresentamos no quadro 12, os diferentes locais que os treinadores utilizaram para transmitir as informações aos jogadores nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 12- Locais utilizados nas reuniões de preparação das equipas para a competição no dia do jogo e ao longo da semana

Locais	Geral		Eq. Masculinas		Eq. Femininas	
	Dia Jogo	Longo semana	Dia Jogo	Longo semana	Dia Jogo	Longo semana
Balneário	10	0	4	0	6	0
Sala Hotel	2	0	1	0	1	0
Sala específica	2	13	2	7	0	6
Recinto treino/jogo	0	17	0	9	0	8

Da leitura do quadro 12 podemos constatar que o balneário foi o local mais utilizado pelos treinadores no dia do jogo (10) e ao longo da semana foi o recinto de treino/jogo (17). Verificamos ainda que 6 treinadores das equipas femininas no dia do jogo recorreram sempre ao balneário e apenas uma à sala do Hotel; por sua vez, nas equipas masculinas 4 treinadores utilizaram o balneário, dois uma sala específica no pavilhão e apenas 1 a sala de Hotel. Ao longo da semana, constatamos que 7 treinadores das equipas masculinas e 6 das femininas utilizaram uma sala específica para visionamento do vídeo da equipa a defrontar, e que também todos utilizaram o recinto do treino/jogo para reunir com os jogadores.

Castelo (2000a) defende que a reunião de preparação para a competição deve realizar-se num local calmo e sossegado sem interferências externas. Porém, os resultados do nosso estudo revelaram que as equipas que reuniram em melhores condições, de acordo com o perfilhado por Castelo (2000a), foram aquelas que tiveram a necessidade de pernoitar num Hotel, como aconteceu às duas oriundas de uma das ilhas das regiões autónomas. As restantes equipas reuniram no balneário, exceptuando duas que utilizaram uma sala no local (pavilhão) da competição. Estes resultados vão de encontro, parcialmente, ao estudo de Pacheco (2002) onde os treinadores da 2ª Divisão-B realizaram a reunião de preparação no balneário, enquanto que os da 1ª liga numa sala de hotel. Durante a semana, os resultados mostram-nos que os

treinadores optaram pela situação mais funcional, isto é, utilizaram o recinto de treino e uma sala para o visionamento do vídeo.

5.1.3 Participantes nas reuniões

Nas reuniões de preparação para a competição participaram todos os jogadores convocados e 2 ou 3 treinadores, consoante o número de elementos da equipa técnica. Verificamos também que em 2 equipas masculinas, os fisioterapeutas fizeram parte integrante da reunião do dia do jogo.

Os resultados vão ao encontro do entendimento perfilhado por Houllier e Crevoisier (1993) e de Castelo (2000a), pelo facto de defenderem apenas a participação nestas reuniões dos jogadores convocados e da equipa técnica. O estudo de Pacheco (2002) no Futebol, também demonstrou que 83% destas reuniões são efectuadas com a presença exclusiva da equipa técnica e dos jogadores.

5.1.4 Número e duração das reuniões observadas

No quadro nº13 apresentamos o número das reuniões de preparação das equipas para a competição efectuadas pela totalidade dos treinadores e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas e no quadro 14 mostramos a duração média em segundos.

Quadro nº 13 - Número das reuniões de preparação das equipas para a competição efectuadas pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Numero de reuniões	Geral	Eq. Masculinas	Eq. Femininas
2	3	2	1
3	10	3	7
4	4	4	0

Do quadro 13 podemos verificar que a maior parte dos treinadores (10) efectuou 3 reuniões de preparação para a competição, seguido de 4 treinadores com 4 reuniões e de 3 treinadores com 2 reuniões. Constatamos também que as 4 reuniões foram realizadas pelos treinadores das equipas masculinas, enquanto que a maior parte dos treinadores das equipas femininas (7) realizou 3 e, tendo um dos treinadores realizado apenas 2 reuniões.

Os resultados encontram-se em consonância com a opinião de Houlier e Crevoisier (1993) ao referir que algumas equipas de elevado nível competitivo sentem necessidade de realizar 2 e 3 pequenas reuniões, devido à quantidade de informação a transmitir aos jogadores. Num dos estudos de Salmela (1996) um treinador de Voleibol refere que realiza várias reuniões, sendo uma específica para os jogadores do sector esquerdo, outra para os do sector central e ainda outra para os do sector direito do campo.

Quadro nº 14 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos à duração média em segundos das reuniões de preparação das equipas para a competição efectuadas pela totalidade dos treinadores, em geral e pelos treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Reuniões de preparação	Geral			Eq. Masculinas			Eq. Femininas			Valor da estat.	p
	X	Mín.	Max.	X	Mín.	Max.	X	Mín.	Max.		
Duração (segundos)	580,2	261	1228	796	335	1228	463	261	918	t=2,376	0,033*

(*) Diferenças estatisticamente significativas

Da leitura do quadro 14 podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas quanto à duração das reuniões de preparação para a competição, com os valores mais elevados a pertencer às equipas masculinas (796 segundos).

Os nossos resultados são inferiores aos encontrados por Pacheco (2002) no futebol, em que obteve 19 minutos de média, o que corresponde a 1140 segundos na reunião de preparação. Em relação à opinião de diversos autores (Nerin, 1986; Comas, 1991b; Houllier e Crevoisier, 1993, Salmela, 1996; Castelo, 2000a), com base em estudos efectuados em várias modalidades (Voleibol, Andebol, Basquetebol, Rugby, Hóquei no Campo, Hóquei no Gelo e Futebol), estes sugerem que a reunião de preparação para a competição deverá ter uma duração média entre 15 e 30 minutos (900 e 1800 segundos).

No presente estudo, comparando o masculino e o feminino, verificamos que neste último sector ainda é mais baixa a duração destas reuniões. Podemos justificar esta divergência no facto do Voleibol ter níveis completamente distintos em Portugal, entre os dois sexos, no alto nível de rendimento (Mesquita, 1999). O fraco nível do jogo praticado em Portugal, neste sector, é comentado pelos especialistas (Cunha, 2003; Bonnita, 2003), sendo realçada a existência de uma cultura e mentalidade por parte de todos os intervenientes (dirigentes, jogadoras e treinadores), a qual privilegiam o desenvolvimento do masculino em detrimento do feminino. Os níveis de jogo praticados no sector feminino parece não justificar que seja dada tanta atenção às reuniões de preparação, contudo se os treinadores não valorizarem o seu processo de preparação, aumenta cada vez mais o fosso entre os dois sexos o que acaba por "legitimar", a maior aposta, constante, no masculino.

5.1.5 Antecedência da reunião em relação à hora do início do jogo

Dos treinadores que efectuaram a reunião de preparação para a competição no dia do jogo, verificamos que se realizaram aproximadamente 1 hora antes do seu início, não se tendo constatado grandes diferenças entre as equipas masculinas e femininas (60 minutos e 57 minutos, respectivamente). Destacamos a situação das duas equipas que realizaram a reunião no Hotel com uma antecedência aproximada de 4 horas.

Os resultados encontrados divergem dos provenientes de outros estudos (Bauer e Uberle, 1988; Gomelski, 1990; Houlier e Crevoisier, 1993; Cook, 2001 e Pacheco, 2002), nos quais, a hora de antecedência da reunião varia entre as 2 e as 5 horas do início do jogo. Daí, parece-nos que os nossos resultados estão relacionados com a estrutura de funcionamento da modalidade, sendo prática comum a todas as equipas chegar ao local de jogo aproximadamente 1h30 minutos antes do seu início e realizar a reunião após todos os jogadores estarem equipados. No entanto, dever-se-à ter em consideração que no Voleibol realizam-se várias reuniões de preparação ao longo da semana o que poderá justificar este procedimento de não atribuírem tanta importância à

reunião do dia do jogo, algo que não sucede noutras modalidades como é o caso do Futebol (Pacheco, 2002).

5.1.6 Meios de apoio utilizados nas reuniões

No quadro nº15 são apresentados os meios de apoio utilizados nas reuniões de preparação das equipas para a competição, para a totalidade dos treinadores, em geral e para os treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular.

Quadro nº 15 - Meios de apoio utilizados nas reuniões de preparação das equipas para a competição, para a totalidade dos treinadores, em geral e para os treinadores das equipas masculinas e femininas, em particular

Meios de apoio utilizados nas reuniões	Geral	Eq. Masculinas	Eq. Femininas
Vídeo	13	7	6
Quadro (tradicional / magnético)	8	5	3
Capa com campo de jogo	2	2	0
Folhas com características do adversário	2	1	1
Não utiliza qualquer meio	4	2	2

Os meios de apoio mais utilizados pelos treinadores na preparação das equipas para a competição foram o vídeo (13), os quadros (8), a capa com o campo de jogo e as folhas com as características do adversário (2). Verificamos ainda que 4 treinadores não recorreram a qualquer meio de apoio. Comparando o número de meios de apoio utilizados, a maior quantidade foram utilizados pelos treinadores das equipas masculinas. Mais uma vez, o facto de no masculino, ser mais frequente o recurso a um maior número de meios para a reunião de preparação mostra a preocupação em ser dada a informação aos jogadores de forma cuidada e sistematizada.

Todavia, em termos gerais, podemos verificar que não são muitos os meios de apoio utilizados pelos treinadores, o que confirma o verificado no estudo de Pacheco (2002), que obteve no *flip-chart*, no vídeo e nas maquetas do campo de jogo a maior percentagem de utilização. No Voleibol, O *flip-chart* não é utilizado, sendo substituído pelo quadro (tradicional / magnético) e as maquetas de campo de jogo dão lugar à capa com o campo de Voleibol desenhado, talvez por questões práticas e pelo número de jogadores ser bastante menor, comparativamente com o futebol. O vídeo é bastante utilizado

por ser um meio útil e essencial a qualquer tipo de modalidade, quer para a análise da própria equipa quer para a do adversário (Lima et al., 1980; Teodorescu, 1984; Castelo, 1994, 2000a ; Zhang, 1993 a,b; Salmela, 1996; Garganta, 1997; Launder e Piltz, 1999; Moutinho, 2000). Interessante é o recurso a fichas em papel que integram as características do adversário, que alguns treinadores mencionaram ter utilizado, como forma de "poupar" tempo nas reuniões.

5.2 Análise das intervenções verbais dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Foram registadas 1066 unidades de informação das intervenções verbais dos treinadores da amostra (n=17) durante as reuniões de preparação da equipa para a competição, correspondendo em termos médios a 63 unidades de informação por treinador.

Os resultados encontrados são semelhantes aos realizados tanto no treino como na reunião de preparação para a competição. No treino, encontram-se os estudos de Gilbert et al. (1999), no Hóquei em Gelo, em que os autores registaram, em média, 60 intervenções de conteúdo pedagógico e o de Cruz (2002), no Hóquei em Patins, com aproximadamente 84 unidades de informação. Pacheco (2002), por sua vez, na reunião de preparação para a competição no Futebol, registou cerca de 79 unidades de informação, em média, por reunião.

5.2.1 Análise descritiva dos resultados

5.2.1.1 Dimensão "O Quê"

5.2.1.1.1 Geral

No quadro nº16 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 16- Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Categorias da Dimensão "O Quê"	Totalidade dos Treinadores				
	N= 1066	%	X ± sd	Mín.	Max.
Técnica	100	9,4	5,8 ± 5,3	0	18
Táctica	692	64,9	38 ± 25,9	6,1	95
Psicológica	124	11,6	7,1 ± 4,1	1	17
Energético-Funcional	6	0,6	0,4 ± 0,7	0	2
Outras dominantes do rendimento desportivo	144	13,5	8,1 ± 5,8	0	20
Outros	0	0	0	0	0

Da análise do quadro 16 podemos constatar que os conteúdos das intervenções verbais transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição incidem fundamentalmente na categoria táctica (64,9%), seguida da categoria de outras dominantes do rendimento desportivo (13,5%), da categoria psicológica (11,6%) e por fim da categoria técnica (9,4%). A categoria energético-funcional praticamente não teve quase expressão e a categoria outros não ocorreu.

Os resultados encontrados vão de encontro aos estudos de Nerin (1986) efectuados na reunião de preparação para a competição, com treinadores de Andebol, Basquetebol, Râguebi e Futebol, de Pina e Rodrigues (1994, 1998) com treinadores de Voleibol em competição e de Pacheco (2002), na reunião de preparação para a competição com treinadores de Futebol, nos quais constataram que as instruções dos treinadores incidem fundamentalmente sobre as dominantes estratégico-táctica e psicológica. Os resultados também são semelhantes aos estudos de Gilbert et al. (1999) no treino de Hóquei em Gelo e de Cruz (2002) com treinadores, em situação de treino antes da competição, em escalões de formação, no Hóquei em Patins, nos quais verificaram que o conteúdo das intervenções incide predominantemente sobre aspectos tácticos.

Sabendo do importante papel que a táctica assume no desenvolvimento do jogo e no rendimento das equipas, no Voleibol (Mesquita, 1998 a; Moutinho, 2000) não será de admirar que a maior parte das intervenções dos treinadores se direccionem para esta componente. A técnica, apesar de ser determinante no Voleibol, pelo erro técnico ser penalizado com ponto para a equipa adversária, não nos parece que a este nível competitivo seja preocupação nas

intervenções das reuniões de preparação, mas provavelmente, durante o decorrer do treino.

No quadro nº17 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 17- Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Sub-Categorias da Táctica	Totalidade dos treinadores				
	N= 692	%	X ± sd	Min.	Max.
Constituição da equipa / plantel	34	4,9	1,2 ± 0,9	0	2,5
Modelo de jogo	106	15,3	4,9 ± 3,9	0,5	15,5
Táctica individual defensiva	64	9,3	3,6 ± 3,2	0	11,2
Táctica individual ofensiva	160	23,1	7,5 ± 7,3	1	28
Táctica colectiva defensiva	174	25,1	9,5 ± 8,7	0	30,4
Táctica colectiva ofensiva	154	22,3	7,1 ± 4,7	0,3	15,9

Após a análise do quadro 17 podemos constatar que os conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica obtiveram os valores médios mais elevados na táctica colectiva defensiva (9,5 - 25,1%) seguido da táctica individual ofensiva (7,5 – 23,1%) e da táctica colectiva ofensiva (7,1 – 22,3%) o que demonstra uma nítida preocupação dos treinadores com a forma como pretendem que o jogo seja praticado na organização dos processos defensivos e ofensivos. Este procedimento é compreensível, pelo facto de no Voleibol, realizarem-se alterações constantes às regras, privilegiando a defesa em detrimento das acções ofensivas, (Berjaud, 1995; Frohner e Murphy, 1995), apesar de continuar-se a verificar uma predominância do ataque sobre a defesa (Selinger, 1992; Zimmerman, 1993, 1995; Rodrigues, 2000; Wilde, 2002). Os resultados vão ao encontro de Moutinho (2000), que após analisar as competições entre 1990 e 1999, refere que devido ao equilíbrio verificado nas potencialidades do ataque ser a capacidade de defesa a fazer a diferença no sucesso competitivo. A constituição da equipa / plantel foi a sub-categoria que obteve o valor médio mais baixo (1,2 – 4,9%).

Estes resultados não corroboram os encontrados nos estudos de Cruz (2002) com treinadores, em situação de treino, em escalões de formação, no Hóquei em Patins e de Pacheco (2002), em treinadores de Futebol na reunião de preparação para a competição, nos quais verificaram que a táctica colectiva ofensiva obteve valor médio superior à táctica colectiva defensiva. Todavia, no mesmo estudo de Cruz (2002), os resultados são semelhantes, quanto à táctica individual, nos quais a táctica individual ofensiva obteve valor médio superior à táctica individual defensiva. No Voleibol a táctica colectiva ao nível do ataque e da defesa são uma preocupação do treinador assim como a táctica individual ofensiva, pela razão do jogo de Voleibol ser muitas vezes resolvidos com bons ataques, suportado todavia numa defesa coesa ao nível colectivo. O ataque inicia a sua construção ao nível da defesa (dependência funcional muito elevada no Voleibol).

No quadro nº18 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 18 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Sub-Categorias da Técnica	**Totalidade dos Treinadores**				
	n= 100	%	X ± sd	Mín.	Máx
Serviço	38	38	1,5 ± 1,4	0	4,5
Manchete	0	0	0	0	0
Passe	0	0	0	0	0
Remate	49	49	1,6 ± 1,7	0	6
Amortie	0	0	0	0	0
Bloco	13	13	1,2 ± 0,9	0	5
Quedas	0	0	0	0	0
Posição fundamental	0	0	0	0	0

O quadro 18 permite-nos constatar que das diferentes sub-categorias da técnica, a totalidade dos treinadores unicamente fez referência a 3. O remate foi a habilidade técnica que obteve o valor percentual mais elevado (49%), seguido do serviço (38%) e por fim do bloco (13%).

Apesar de na totalidade das categorias, a técnica não apresentar grande expressão, o remate e o serviço aparecem como sendo as mais referenciadas pelo facto de serem as habilidades técnicas que com a evolução do jogo têm vindo a assumir uma importância acrescida, na medida em que influenciam directamente o rendimento desportivo (Moutinho, 2000; Mesquita et al. 2002). Estes dados vão ao encontro de Selinger (1992) ao revelar que as análises estatísticas apresentam que, em média por jogo, a conquista de pontos é distribuída pelas seguintes acções: 47% através de um ataque após defesa da equipa que serve, 13% através do serviço, 30% do bloco, e os restantes 10% por erros do adversário. Logo, a existência de erros de execução, frequente mesmo em equipas de alto nível de rendimento, pode comprometer a sua eficácia na medida em que o refinamento técnico associado a um elevado sentido táctico constituem os principais indicadores de uma elevada prestação (Mesquita, et al. 2002). Daí que sendo o remate, uma técnica fundamental das manobras ofensivas das equipas, o serviço, a primeira forma de ataque que depende exclusivamente de quem o executa e o bloco, a forma de travar este potencial ofensivo, justificam o elevado número de intervenções. A elevada frequência de ataques rápidos e combinações do adversário, leva a que o bloco seja também mencionada na reunião de preparação, pela função de intercepção do ataque adversário e pontuando, se possível (Selinger, 1992; Mosher, 1993; Nichols, 2000) rentabilizando, posteriormente a acção de defesa. Segundo vários autores o bloco é a primeira linha de defesa e um elemento necessário para vencer os jogos de Voleibol (Herbert, 1991; Mosher, 1993; Araújo, 1994; Nichols, 2000; Sullivan, 2000).

No quadro nº19 mostramos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 19 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Variantes das Sub-Categorias da Táctica	Totalidade dos Treinadores				
	n = 552	%	X ± sd	Mín.	Max.
Táctica Individual Defensiva					
Directa portador da bola	24	4,3	1,2 ± 1,3	0	3
Indirecta ao portador da bola-defesa	35	6,3	1,7 ± 2,3	0	9
Indirecta ao portador da bola-recepção	5	1	0,2 ± 0,3	0	1
Táctica Individual Ofensiva					
Construção do ataque	17	3,1	0,6 ± 1,1	0	4,5
Finalização do ataque	100	18,1	3,2 ± 3,3	0	12
Finalização do ataque - serviço	43	7,8	1,4 ± 2,4	0	7
Táctica Colectiva Defensiva					
Princípios	1	0,2	0,0 ± 0,1	0	0,5
Sistema de protecção ao próprio ataque	0	0	0	0	0
Sistema de defesa	50	9,1	2,7 ± 2,4	0	7,5
Sistema de Recepção	27	4,9	1,4 ± 1,6	0	6
Sistema de Bloco	96	17,4	5,2 ± 5,9	0	23
Táctica Colectiva Ofensiva					
Princípios	3	0,5	0,1 ± 0,3	0	1
Combinações	10	1,8	0,5 ± 1	0	3
Da equipa no serviço	63	11,4	3,1 ± 2,4	0	10
Sistema de ataque	78	14,1	3,5 ± 3	0	10,5

Da leitura do quadro 19 verificamos que as sub-categorias da táctica que mais ocorreram foram a táctica individual ofensiva concretamente na finalização do ataque com 3,2 (18,1%), a táctica colectiva defensiva ao nível do sistema de bloco com 5,2 (17,4%) e a táctica colectiva ofensiva ao nível do sistema de ataque e da táctica da equipa no serviço com 3,5 (14,1%) e 3,1 (11,4%), respectivamente. É importante também referir a não ocorrência de qualquer intervenção relacionada com a táctica colectiva defensiva ao nível da protecção ao próprio ataque e a reduzida ocorrência da táctica colectiva defensiva e ofensiva ao nível dos princípios de jogo, bem como da táctica individual defensiva indirecta ao portador da bola na recepção do serviço (0,2%, 0,5% e 1%, respectivamente).

No que se refere à táctica colectiva e individual ofensiva (ataque) e à táctica colectiva defensiva (bloco), parece haver alguma justificação para a sua elevada ocorrência, já que como foi referido anteriormente, é frequente neste nível de jogo vencerem-se jogos com bons ataques, no (*side-out*) e a partir de blocos eficazes. Daí, com o intuito de combater esta tendência e equilibrar

mais o jogo apareceu um novo jogador especializado exclusivamente em tarefas defensivas "libero", assim como, foi concedida maior liberdade à forma de contactar a bola, passando a defesa a assumir um papel cada vez mais importante no jogo (Wilde, 2002). Assim sendo, parece-nos que os treinadores ainda não se adaptaram a estas alterações, pelas baixas ocorrências na táctica individual e colectiva defensiva ao nível da recepção ao serviço e sabendo que da precisão e estabilidade desta acção depende a construção do ataque, isto é, o grande objectivo das equipas é desenvolver, na recepção do serviço, um sistema de ataque totalmente ofensivo, de forma a recuperar o serviço logo na primeira acção de ataque.

No quadro nº 20 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 20 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores nas reuniões de preparação para a competição

Sub-Categorias da Categoria Outras Dominantes do Rendimento Desportivo	**Totalidade dos Treinadores**				
	n = 144	%	X ± sd	Mín.	Max.
Contexto do jogo	89	61,8	4,7 ± 3,6	0	12
Leis do Jogo	0	0	0	0	0
Equipa de arbitragem	1	0,7	0,1 ± 0,2	0	1
Resultado desportivo	54	37,5	3 ± 2,3	0	7

Uma análise do quadro 20 permite-nos constatar que a percentagem de ocorrências de intervenções relacionadas com o contexto do jogo predominam (61,8%), com um valor médio de 4,7, seguida do resultado desportivo (37,5%), com um valor médio de 3. As leis de jogo não foram preocupação dos treinadores e a equipa de arbitragem unicamente obteve uma ocorrência (0,7%).

Os resultados enquadram-se com o estudo de Pacheco (2002), em que se verificaram elevadas intervenções relacionadas com o resultado desportivo e o contexto do jogo e, poucas intervenções com a equipa de arbitragem e as leis de jogo. Pensamos que o contexto de jogo e o resultado desportivo obteve

elevadas ocorrências, devido ao facto das equipas já estarem em competição a um determinado tempo, ou seja, encontrarem-se na 2ª volta e portanto já terem conhecimento do contexto em que se vai desenrolar a competição e das possíveis alterações da tabela classificativa.

5.2.1.1.2 Conteúdos relacionados com a própria equipa e equipa adversária

Foram registadas 625 intervenções relacionadas com a própria equipa e 441 com a equipa adversária, traduzindo-se numa percentagem de 58,6% e 41,4%, respectivamente. Em termos médios, os treinadores emitem cerca de 37 unidades de informação relativos à própria equipa e 26 relativos à equipa adversária.

Estes resultados são semelhantes aos estudos efectuado por Pina e Rodrigues (1998) com treinadores de Voleibol em competição e de Pacheco (2002) com treinadores de Futebol, na reunião de preparação para a competição, em que obtiveram elevadas ocorrências das intervenções relacionadas com a equipa adversária. Assim, parece-nos evidente que o conhecimento das características da equipa adversária é extremamente importante no Voleibol, ao ponto das unidades de informação da equipa adversária e da própria equipa obtidas no nosso estudo serem muito próximas.

No quadro nº 21 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 21 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Categorias da Dimensão "O Quê"	Própria Equipa					Equipa Adversária				
	N= 625	%	X ± sd	Mín.	Max.	N= 441	%	X ± sd	Mín.	Max.
Técnica	29	4,6	1,7 ± 2,2	0	7	71	16,1	4,2 ± 3,7	0	11
Táctica	353	56,5	17,7 ± 12,6	2	50	339	76,9	17,3 ± 14,8	2	47
Psicológica	117	18,7	6,9 ± 4,1	1	17	7	1,6	0,4 ± 0,8	0	3
Energético-Funcional	6	1	0,4 ± 0,7	0	2	0	0	0	0	0
Outras Dom. Rend. Desp.	120	19,2	5,0 ± 3,6	0	12	24	5,4	1,4 ± 2	0	7

Ao analisarmos o quadro 21 constatamos um ligeiro ascendente das intervenções verbais relacionadas com a própria equipa em relação à equipa adversária (625 e 441, respectivamente). Verificamos também que a categoria táctica apresenta elevadas ocorrências para ambas situações. A categoria técnica é a única que apresenta maior valor médio de ocorrências quando as intervenções dos treinadores são relacionadas com a equipa adversária, comparativamente com a própria equipa. O recurso aos sistemas de observação "*scouting*" implementado no Voleibol actual, em que é importante o conhecimento aprofundado das características tácticas e técnicas do adversário (Comas, 1991; Lima, 1993; Zhang, 1993, a,b; Ramalho e Rodrigues, 1994; Araújo, 1994; Pina e Rodrigues, 1998; Castelo, 2000 b; Shanahan & Schefter, 2000), poderá justificar a elevada ocorrência desta categorias relacionadas com a equipa adversária. Num dos estudos de Salmela (1996) um treinador de Voleibol refere que nas reuniões de preparação para a competição, "gasta" mais tempo a falar acerca da sua equipa do que do adversário, e que deste, aborda o tema da defesa. Mesquita (1998 a) e Mesquita et al. (2002) acrescentam que a forma de realização das habilidades técnicas tem influência no jogo e no êxito do adversário, não sendo de surpreender que os treinadores se preocupem com a forma de realização das habilidades técnicas do adversário, em referência ao seu estilo pessoal e regularidade no ataque.

Embora não tivéssemos tido conhecimento de estudos que se centrem sobre a importância a atribuir aos conteúdos relacionados com a própria equipa ou equipa adversária, os resultados do presente estudo mostram claramente que a maior preocupação dos treinadores incide nos aspectos tácticos, o que é compreensível por ocupar o lugar central da estrutura do rendimento (Konzag, 1991), condicionando a prestação dos jogadores e das equipas (Teodorescu, 1984; Konzag, 1991; Bayer, 1992).. A categoria psicológica assume considerável importância na própria equipa, em virtude de assumir-se cada vez mais como um factor relevante da prestação desportiva (Ejem, 1991; Toyoda, 1991; Paiement, 1992, Zhang, 1993 a, Frohner, 1993, Zimmermann, 1995). O nervosismo e a ansiedade que a proximidade da competição exerce nos jogadores, leva a que seja fundamental a intervenção do treinador (Teodorescu, 1984; Araújo e Henriques, 1999), no sentido de amenizar estes

sentimentos levando a equipa à concentração nas tarefas a executar apelando ao empenhamento, à auto-confiança e à motivação.

No quadro nº 22 apresentamos os dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 22 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Sub-Categorias da Táctica	Própria Equipa					Equipa Adversária				
	N= 353	%	X ± sd	Mín.	Max.	N= 339	%	X ± sd	Mín.	Max.
Const. da equipa / plantel	6	1,7	0,4 ± 0,6	0	2	28	8,2	1,7 ± 1,6	0	5
Modelo de jogo	59	16,7	3,5 ± 3,2	0	11	47	13,9	2,8 ± 2,4	0	9
Tácт. Individual Defensiva	39	11,1	2,3 ± 1,9	1	8	25	7,4	1,3 ± 2,1	0	7,3
Tácт. Individual Ofensiva	17	4,8	0,9 ± 1,2	0	5	143	42,2	6,8 ± 6,7	0	23
Tácт. Colectiva Defensiva	143	40,5	4,6 ± 3,9	0	14	31	9,1	1,2 ± 1,6	0	4
Tácт. Colectiva Ofensiva	89	25,2	3,5 ± 2,7	0	10,8	65	19,2	2,1 ± 2	0	6,8

Após a leitura do quadro 22 constatamos que os treinadores privilegiam a táctica colectiva defensiva (40,5%), com um valor médio de 4,6, quando se referem à própria equipa e a táctica individual ofensiva (42,2%), com um valor médio de 6,8, quando se referem à equipa adversária.

Os resultados demonstram uma nítida preocupação com a táctica ofensiva do adversário, essencialmente a nível individual, o que se compreende pelo compromisso de relação que esta assume com a técnica, em virtude de existir diversas alternativas de resposta operacionalizadas pelo uso ajustado de determinada habilidade técnica para cada situação (Konzag, 1991). A elevada especialização de funções no jogo de Voleibol de alto nível, leva a que seja fundamental o conhecimento de aspectos particulares das diferentes acções de jogo (Mesquita e Graça, 2002).

No quadro nº 23 apresentamos os dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 23 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da técnica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Sub-Categorias da Técnica	Própria Equipa					Equipa Adversária				
	N= 29	%	X ± sd	Mín.	Max.	N= 71	%	X ± sd	Mín.	Max.
Serviço	13	44,8	0,8 ± 1,1	0	3	25	35,2	1,5 ± 2,3	0	9
Remate	6	20,7	0,4 ± 0,7	0	2	43	60,6	2,5 ± 2,7	0	8
Bloco	10	34,5	0,6 ± 1,4	0	5	3	4,2	0,2 ± 0,5	0	2

Da análise do quadro 23 observa-se que a técnica apresenta maior número de ocorrências relacionadas com a equipa adversária (71). Este facto poder-se-à justificar, em virtude dos pormenores de execução técnica poderem ser aspectos decisivos no êxito das equipas (Mesquita et al. 2002; Mesquita e Graça, 2002). Ao compararmos as intervenções relacionadas com a própria equipa e com a equipa adversaria verificamos que o serviço e o remate obtiveram maior valor médio de ocorrências com a equipa adversária e o bloco com a própria equipa.

Os resultados realçam novamente a tendência dos treinadores pelos conteúdos de carácter ofensivo (remate e serviço), aspecto fundamental do jogo de Voleibol (Neville, 1990) quando se referem à equipa adversária. O remate pelo facto de ser utilizado na finalização da jogada e o serviço por cumprir também a função de atacar com o intuito de dificultar a construção do ataque adversário, parece-nos justificar a preocupação dos treinadores, em virtude do conhecimento dos pormenores técnicos dos jogadores e equipas ser essencial no alto nível. Estes dados estão de acordo com o estudo de Salmela (1996), no qual um treinador de Voleibol refere que do adversário interessa focar a informação dos jogadores atacantes, dos servidores mais utilizados e da sua defesa.

Sabendo que a recepção do serviço é a primeira acção realizada após o serviço e que é uma componente decisiva de toda a organização de jogo (Frohner, 1997), porque uma boa recepção leva a um ataque eficaz, é compreensível que o serviço, pela procura em dificultar este procedimento de jogo, seja a maior preocupação dos treinadores quando as intervenções são relacionadas com a própria equipa; a elevada dificuldade técnica de execução, nomeadamente do serviço em suspensão no alto nível de rendimento faz com

que os pormenores da sua execução tenham consequências directas ou indirectas no resultado.

No quadro nº 24 mostramos os dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 24 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às variantes das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Variantes das Sub-Categorias da Táctica	Própria Equipa					Equipa Adversária				
	N= 288	%	X ± sd	Mín.	Max.	N= 264	%	X ± sd	Mín.	Max.
Táctica Individual Defensiva										
Directa portador da bola	16	5,6	0,9 ± 1,1	0	3	8	3	0,5 ± 1,2	0	4
Ind. ao port. da bola-def.	22	7,6	1,3 ± 2,1	0	8	13	4,9	0,8 ± 1,2	0	3
Ind. ao port. da bola-recep.	1	0,4	0,1 ± 0,2	0	1	4	1,5	0,2 ± 0,4	0	1
Táctica Individual Ofensiva										
Construção do ataque	4	1,4	0,2 ± 0,8	0	3	13	4,9	0,8 ± 1,1	0	3
Finalização do ataque	10	3,5	0,6 ± 0,7	0	2	90	34,1	5,3 ± 5,6	0	20
Final. do ataque - serviço	3	1	0,2 ± 0,4	0	1	40	15,2	2,4 ± 4,2	0	12
Táctica Colectiva Defensiva										
Princípios	0	0	0	0	0	1	0,4	0,1 ± 0,2	0	1
Sistema de defesa	41	14,2	2,4 ± 2,2	0	7	9	3,4	0,5 ± 0,9	0	3
Sistema de Recepção	20	6,9	1,2 ± 1,4	0	5	7	2,7	0,4 ± 0,9	0	3
Sistema de Bloco	82	28,5	4,8 ± 5,6	0	21	14	5,3	0,8 ± 1,4	0	4
Táctica Colectiva Ofensiva										
Princípios	0	0	0	0	0	3	1,1	0,2 ± 5,3	0	2
Combinações	7	2,4	0,4 ± 0,9	0	3	3	1,1	0,2 ± 0,7	0	3
Da equipa no serviço	42	14,6	2,5 ± 2,3	0	10	21	8	1,2 ± 1,6	0	5
Sistema de ataque	40	13,9	2,4 ± 2,4	0	7	38	14,4	2,2 ± 2,1	0	7

Após a análise do quadro 24 constatamos uma ligeira supremacia dos conteúdos tácticos relacionados com a própria equipa. Ao compararmos as intervenções relacionadas com a própria equipa e com a equipa adversária verificamos que todas as variantes da táctica individual ofensiva apresentam maior valor médio de ocorrência na equipa adversária, o que reflecte mais uma vez uma nítida preocupação com o jogador adversário atacante. As intervenções relacionadas com a própria equipa baseiam-se fundamentalmente na táctica colectiva, o que demonstra uma considerável preocupação dos treinadores com o desempenho da equipa. Nesta, destaca-

se o maior valor médio de ocorrência para a táctica colectiva defensiva, ao nível do sistema de bloco (4,8 - 28,5%) talvez pelo facto de toda a organização defensiva estruturar-se em função da primeira linha de defesa, ou seja, do bloco (Vasconcelos, 1998). O sucesso dos sistemas defensivos, depende principalmente da perfeita ligação entre as duas linhas defensivas (bloco e defesa baixa) que se complementam com vista à consecução de um mesmo objectivo, isto é, neutralizar o ataque adversário (Mesquita et al., 2002).

No quadro nº 25 apresentamos os dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores, em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 25 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às sub-categorias da categoria outras dominantes do rendimento desportivo da dimensão "O Quê" transmitidos pela totalidade dos treinadores em relação à própria equipa e à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição

Sub.Categorias da Categoria Outras Dominantes do Rendimento Desportivo	**Própria Equipa**					**Equipa Adversária**				
	N= 120	%	X ± sd	Mín.	Max.	N= 24	%	X ± sd	Mín.	Max.
Contexto do jogo	72	60	4,2 ± 3,2	0	11	17	70,8	1 ± 1,7	0	5
Equipa de arbitragem	1	0,8	0,1 ± 0,2	0	1	0	0	0	0	0
Resultado desportivo	47	39,2	2,8 ± 2,4	0	7	7	29,2	0,4 ± 0,7	0	2

Ao analisarmos o quadro 25 verificamos que estas sub-categorias apenas são valorizadas quando os treinadores fazem referência à própria equipa. O contexto do jogo e o resultado desportivo aparecem como as sub-categorias mais referenciadas, talvez porque o conhecimento do resultado do jogo na tabela classificativa, os aspectos sócio-culturais inerentes ao seu desenvolvimento (rivalidade, tradição, etc), as condições de envolvimento subjacentes ao desenvolvimento do jogo, o esforço físico do envolvimento do terreno de jogo e o comportamento dos espectadores exercem influência na performance dos jogadores (Salmela, 1996).

Estes resultados vão de encontro ao entendimento de diversos especialistas (Cunha, 1998; Lima, 1993; Zhang, 1993 a,b; Castelo, 2000b; Shanahan & Schefter, 2000), os quais consideram que para a obtenção de

êxito na competição é fundamental o conhecimento destes aspectos, entre outros, no processo de preparação da equipa para a competição.

5.2.1.2 Dimensão " A Quem"

No quadro nº 26 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais referentes à dimensão "A Quem" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 26 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais referentes à dimensão "A Quem" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Dimensão "A Quem"	Totalidade dos Treinadores				
	N= 1066	%	X ± sd	Mín.	Max.
Equipa	524	49,2	30,8 ± 22,2	9	86
Jogador Individual					
Defesa	12	1,1	0,7 ± 1,8	0	7
Recebedor	7	0,7	0,4 ± 1	0	3
Atacante	11	1	0,7 ± 2,2	0	9
Servidor	62	5,8	3,7 ± 5,6	0	23
Distribuidor	8	0,8	0,5 ± 0,7	0	2
Blocador	16	1,5	0,9 ± 1,5	0	4
Livre "Libero"	0	0	0	0	0
Suplente	0	0	0	0	0
Sub-Grupo de Jogadores					
Atacantes	80	7,5	4,7 ± 6	0	21
Defesas	68	6,3	4 ± 5	0	21
Blocad.	210	19,7	12,4 ± 11,7	0	49
Receb.	68	6,4	4 ± 4,9	0	19

Ao analisarmos o quadro 26 constatamos que a maior parte das intervenções verbais dos treinadores são dirigidas para a equipa (49,2%). Os resultados do nosso estudo vão de encontro aos diferentes estudos de Pina e Rodrigues (1994, 1998), com treinadores de Voleibol e de Pacheco (2002) com treinadores de Futebol, onde verificaram que a direcção das intervenções era dirigida fundamentalmente para a equipa.

Em termos de sub-grupo de jogadores destacam-se os blocadores com 19,7%, o que reflecte uma nítida preocupação dos treinadores em transmitir as informações a este sector, em virtude de estas serem muito precisas em

relação aos atacantes adversários. Outro ponto a realçar é a dispersão dos valores, ou seja, a heterogeneidade entre os treinadores no que se refere ao destinatário das informações, das restantes sub-categorias como podemos constatar através dos valores do desvio padrão, que são todos superiores ao valor médio. Relativamente aos jogadores, ao nível individual, verifica-se que o servidor é o jogador que recebe a informação mais individualizada (5,8%), seguido do blocador com 1,5% e do defesa com 1,1%. Paralelamente ao facto do jogador servidor apresentar o maior número de ocorrências verifica-se também que é a sub-categoria dos jogadores individuais que apresenta o desvio padrão mais elevado (5,6), o que significa que a importância atribuída à informação conferida a este jogador é divergente entre os treinadores. O jogador "libero" e o suplente não apresentam ocorrências, situação que se poderá justificar pelo facto de ambos poderem entrar no jogo a qualquer momento, desde que este esteja parado. Durante o jogo, o treinador avalia constantemente as performances dos jogadores e das equipas e quando pretende efectuar uma substituição dá instruções a esse jogador antes de entrar em competição (Kohl, 2000), tal como acontece com o "libero" que entra e sai do jogo frequentemente (Wilde, 2002). Todavia, o libero face à sua implicação na qualidade da recepção e da defesa deveria quanto a nós, ser informado de aspectos fundamentais a desenvolver no jogo.

5.2.1.3 Dimensão "Como"

No quadro nº 27 apresentamos os dados dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias da dimensão "Como" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição.

Quadro nº 27 - Dados descritivos dos conteúdos das intervenções verbais relativos às categorias da dimensão "Como" transmitidos pela totalidade dos treinadores, nas reuniões de preparação para a competição

Categorias da Dimensão "Como"	Totalidade dos Treinadores				
	n	%	X ± sd	Mín.	Max.
Inf. Avaliativa positiva	60	5,6	3,5 ± 3,6	0	12
Inf. Avaliativa negativa	34	3,2	2 ± 2,7	0	9
Inf. Prescritiva	214	20,1	12,6 ± 10,6	1	41
Inf. Descritiva	436	40,9	25,7 ± 18,2	8	64
Questionamento	47	4,4	2,8 ± 10,1	0	42
Encorajamento/Pressão	266	25	15,6 ± 8,5	6	34
Afectividade positiva	9	0,8	0,5 ± 1,1	0	4
Afectividade negativa	0	0	0	0	0

A leitura do quadro 27 mostra-nos que existem 3 categorias privilegiadas pelos treinadores. A informação descritiva foi a forma que os treinadores utilizaram com mais frequência (40,9%), seguida da encorajamento/pressão (25%) e da prescritiva (20,1%). De destacar é o facto da categoria questionamento apresentar uma elevada dispersão de valores, como podemos observar através do desvio padrão que chega a ser consideravelmente superior à média. Ainda a acrescentar é a não utilização da afectividade negativa como forma de transmitir a informação aos jogadores, o que constitui um aspecto positivo no clima de envolvimento criado.

A focalização da informação nos aspectos de carácter descritivo contraria, de certo modo, o verificado nos estudos de Pina e Rodrigues (1994 e 1998), com treinadores de Voleibol em competição e de Pacheco (2002) com treinadores de Futebol, na reunião de preparação para a competição, nos quais a estrutura da informação assentou essencialmente na informação prescritiva seguida da descritiva. Parece-nos que no nosso estudo a necessidade dos treinadores enfatizarem mais os aspectos descritivos, prende-se ao facto das equipas já terem competido pelo menos uma vez entre si, e daí a necessidade de primeiro descrever as situações passadas com êxito ou inêxito, para de seguida apelar ao encorajamento/pressão e só posteriormente prescrever.

5.2.2 Comparação dos resultados entre as equipas masculinas e as femininas

No quadro nº 28 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância, relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas.

Não se realizaram comparações na categoria energético-funcional, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas, e ao nível masculino serem praticamente inexistentes (n=6).

Posteriormente, os resultados vão ser analisados tendo em conta o facto das intervenções verbais se referenciarem à própria equipa ou ao adversário, devido ao elevado número de ocorrências nas duas situações. Tal irá permitir uma análise mais específica e subsequentemente mais pormenorizada na análise comparativa entre as diferentes categorias, sub-categorias e variantes.

Quadro nº 28 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos às categorias de rendimento desportivo da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Categorias da Dimensão "O Quê"	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 678	%	X ± sd	N= 382	%	X ± sd		
Técnica	70	10,3	7,8 ± 5,9	30	7,9	3,8 ± 3,7	t= 1,658	0,118
Táctica	432	63,7	45,1 ± 32,9	260	68,1	30,1 ± 12,5	t= 1,270	0,232
Psicológica	73	10,8	7,8 ± 3,1	51	13,3	6,3 ± 5,1	t= 0,730	0,477
Out. Dom. Rend. Desp.	103	15,2	11,1 ± 5,6	41	10,7	4,8 ± 4,2	t= 2,586	0,021*

(*)diferenças estatisticamente significativas

Da análise do quadro 28 podemos constatar que existem diferenças estatisticamente significativas na categoria outras dominantes do rendimento desportivo, pertencendo os valores médios mais elevados às equipas masculinas. Verificamos ainda que ambos os sectores privilegiam os aspectos tácticos e que as equipas masculinas apresentam valores médios de ocorrência superiores em todas as categorias, o que significa que estes treinadores transmitem mais informação do que os treinadores das equipas femininas. Este entendimento poderá justificar-se, na medida em que o Voleibol começou a ser praticado em Portugal inicialmente pelo sexo masculino e só 14

anos mais tarde pelo feminino, arrastando consigo diferenças acentuadas no nível de jogo praticado pelos dois sexos (Mesquita, 1999). Neste sentido, Alberda (1995) refere que o desenvolvimento do jogo feminino é mais lento e anda normalmente a reboque do que se passa no masculino. Tal leva a que a importância conferida à informação seja menor, porque o próprio nível de jogo não é tão exigente, acabando por não ser necessário tanta informação específica, em relação ao desempenho dos jogadores e da equipa para a competição.

5.2.2.1 Conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa e equipa adversária entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

5.2.2.1.1 Dimensão "O Quê"

No quadro nº 29 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância, relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas e no quadro nº 30 apresentamos os mesmos dados, mas relacionados com a equipa adversária.

Quadro nº 29 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à própria equipa								
Categorias da Dimensão "O Quê"	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 390	%	X ± sd	N= 229	%	X ± sd		
Técnica	21	5,4	2,3 ± 2,6	8	3,5	1 ± 1,4	t =1,289	0,217
Táctica	213	54,6	20,1 ± 16,1	140	61,2	14,9 ± 6,9	t= 0,847	0,410
Psicológica	67	17,2	7,4 ± 3,3	50	21,8	6,3 ± 5,1	t=0,584	0,568
Out. Dom. Rend. Desp.	89	22,8	6,9 ± 3,4	31	13,5	2,8 ± 2,6	t= 2,796	0,014*

(*)diferenças estatisticamente significativas

Da análise do quadro 29 verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas na categoria outras dominantes do rendimento desportivo, pertencendo os valores médios mais elevados às equipas masculinas. Constatamos ainda que os treinadores das equipas femininas valorizam mais a categoria psicológica em detrimento da categoria "outras dominantes do rendimento desportivo" (contexto do jogo e resultado desportivo), facto este que poderá justificar-se, com a devida reserva, pela necessidade que os treinadores do feminino sentem em enfatizar aspectos de índole motivacional e de aumentar os níveis de auto-confiança, do que propriamente os níveis de rendimento desportivo. Nos jogos desportivos colectivos é importante que os jogadores acreditem uns nos outros e que sintam que todos estão a dar o seu máximo, evidenciando essa qualidade nas variadas situações da competição desportiva. Neste sentido, o sucesso na competição exige predisposição mental, ou seja, motivação para a tarefa a executar e saber aproveitar as oportunidades que se deparam ao longo do jogo. A técnica é para ambos os sectores a categoria menos enfatizada pelo treinador.

Quadro nº 30 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções relacionados com a equipa adversária da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à equipa adversária								
Categorias da Dimensão "O Quê"	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 288	%	X ± sd	N= 153	%	X ± sd		
Técnica	49	17	5,4 ± 4	22	14,4	2,8 ± 2,9	t= 1,567	0,138
Táctica	219	76	21,4 ± 19,1	120	78,4	12,8 ± 6,4	t= 1,281	0,229
Psicológica	6	2,1	0,7 ± 1	1	0,7	0,1 ± 0,4	t=-1,522	0,159
Out. Dom. Rend. Desp.	14	4,9	1,6 ± 1,7	10	6,5	1,3 ± 2,4	t= 0,300	0,768

(*)diferenças estatisticamente significativas

Da análise do quadro 30 verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas, entre os treinadores das equipas masculinas e os treinadores das equipas femininas. Os resultados revelam a tendência nos dois sectores para a enfatização dos aspectos tácticos, seguidos dos técnicos, das outras dominantes do rendimento desportivo e por fim, dos psicológicos.

Interessante é o facto dos aspectos técnicos ocuparem um importante lugar nas preocupações dos treinadores dos dois sectores, em relação às características do adversário. Moutinho (2000) da análise das competições

entre 1990 e 1999, refere que a evolução não tem sido rica na inovação técnica, mas tem sido ao nível da maestria da execução dos gestos. Neste entendimento, o conhecimento dos aspectos particulares do estilo técnico dos jogadores pode ter influência no sucesso da equipa (Mesquita et al., 2002; Mesquita e Graça, 2002).

No quadro nº 31 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância, relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas e no quadro nº 32 apresentamos os mesmos dados, mas relacionados com a equipa adversária.

No que se refere aos conteúdos relativos à própria equipa, não se realizaram comparações na categoria outras dominantes do rendimento desportivo, ao nível da equipa de arbitragem, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas, e ao nível masculino serem praticamente inexistentes (n=1).

Quadro nº 31 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à própria equipa em relação às diferentes sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à própria equipa									
Sub-Categorias da Dimensão "O Quê"		Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
		N= 323	%	X ± sd	N= 178	%	X ± sd		
Sub-Cat. Técnica	Serviço	8	2,4	0,9 ± 1,1	5	2,8	0,6 ± 1,2	t=0,486	0,634
	Remate	4	1,2	0,4 ± 0,7	2	1,1	0,3 ± 0,7	t=0,558	0,585
	Bloco	9	2,8	1 ± 1,8	1	0,5	0,1 ± 0,4	t=1,426	0,189
Sub-Cat. Táctica	Const. da eq. / plantel	2	0,6	0,2 ± 0,4	4	2,3	0,5 ± 0,8	t=-0,939	0,362
	Modelo de jogo	37	11,5	4,1 ± 3,9	22	12,4	2,8 ± 2,1	t=0,911	0,380
	Táct. Ind. Def.	23	7,1	2,5 ± 2,4	16	9	2 ± 1,2	t=0,156	0,614
	Táct. Ind. Of.	13	4	1,3 ± 1,5	4	2,3	0,4 ± 0,5	U=20,000	0,096
	Táct. Col. Def.	91	28,2	5,5 ± 4,9	52	29,2	3,5 ± 2	t=1,114	0,289
	Táct. Col. Of.	48	14,9	3,7 ± 2,2	41	23	3,3 ± 3,4	t=0,305	0,764
Sub.Cat. O.D.R.D.	Contexto do jogo	52	16,1	5,8 ± 3,1	20	11,2	2,5 ± 2,3	t=2,452	0,027*
	Resultado desportivo	36	11,2	4 ± 2,3	11	6,2	1,4 ± 1,5	t=2,704	0,016*

(*)diferenças estatisticamente significativas

Após a análise do quadro 31 verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas no contexto do jogo e no resultado desportivo da categoria outras dominantes do rendimento desportivo, com os valores médios

superiores de ocorrências a pertencerem às equipas masculinas. Este facto poderá justificar-se, em virtude do nível de jogo masculino ser mais competitivo e agressivo, comparativamente ao feminino. A presença do público e todo o envolvimento subjacente ao desenvolvimento do jogo, pode exercer maior influência e impacto sobre os jogadores.

Nas sub-categorias da técnica o bloco assume maior relevância nas intervenções dos treinadores nas equipas masculinas, enquanto que o serviço assume nas equipas femininas. O bloco, no sector masculino, justifica-se em virtude de ser uma potente "arma" para anular o ataque adversário, implicando sistemas de bloco variados em função das características do ataque do adversário (Mesquita et al., 2002). Este resultado vai ao encontro de Sullivan (2000), o qual refere que o sucesso no bloco é a chave do sucesso das equipas masculinas de alto nível.

Em relação às sub-categorias da táctica, o mesmo quadro permite-nos constatar que a percentagem de ocorrências de intervenções relacionadas com conteúdos de carácter colectivo defensivo predominam relativamente aos demais, nos dois sectores. No feminino, o valor percentual é ainda mais elevado (29,2%), talvez pelo facto de se verificar maior sustentação de bola e, consequentemente, a intervenção do treinador ser mais importante ao nível dos aspectos defensivos para travar o ataque do adversário. Este resultado vai ao encontro das análises de vários especialistas (Alberda, 1995; Frohner etal., 1995, 1997; Monteiro, 1995; Murphy, 1995; Cunha, 1996; Vasconcelos, 1998; JVA, 1999), os quais constataram que a defesa tem vindo a decrescer no Voleibol feminino, embora continue com maior efectividade do que no masculino, face ao incremento do ataque.

Quadro nº 32 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções transmitidas à equipa adversária em relação às diferentes sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à equipa adversária									
Sub-Categorias da Dimensão "O Quê"		Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
		N= 279	%	X ± sd	N= 152	%	X ± sd		
Sub-Cat. Técnica	Serviço	18	6,5	2 ± 2,9	7	4,6	0,9 ± 1,1	t=1,023	0,323
	Remate	28	10	3,1 ± 2,7	15	9,8	1,9 ± 2,7	t=0,940	0,362
Sub-Cat. Táctica	Const. da eq. / plantel	16	5,7	1,8 ± 1,5	12	7,9	1,5 ± 1,8	t=0,352	0,730
	Modelo de jogo	28	10	3,1 ± 3,3	19	12,5	2,4 ± 1,1	t=0,641	0,536
	Táct. Ind. Def.	17	6,1	1,7 ± 2,5	8	5,3	0,9 ± 1,7	U=30,000	0,498
	Táct. Ind. Of.	107	38,4	9,4 ± 8,1	36	23,7	4 ± 3	t=1,849	0,093
	Táct. Col. Def.	15	5,4	1,1 ± 1,5	16	10,5	1,2 ± 1,7	t=-0,086	0,933
	Táct. Col. Of.	36	12,9	2,4 ± 2,3	29	19,1	1,8 ± 1,6	t=0,592	0,563
Sub.Cat. O.D.R.D.	Contexto do jogo	10	3,6	1,1 ± 1,7	7	4,6	0,9 ± 1,8	t=0,278	0,785
	Resultado desportivo	4	1,4	0,4 ± 0,7	3	2	0,4 ± 0,7	t=0,195	0,848

(*)diferenças estatisticamente significativas

Da leitura do quadro 32 verificamos que não existem diferenças estatisticamente significativas, quanto aos conteúdos das intervenções verbais relacionados com a equipa adversária em relação às diferentes sub-categorias da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e os das equipas femininas. Em relação às sub-categorias da táctica, a tendência do conteúdo da informação transmitida é comum para os dois sectores, prevalecendo os aspectos ofensivos, nomeadamente os individuais, seguido dos colectivos. Sabendo que o ataque é o factor dominante da prestação desportiva (Sawula, 1993; Fronher e Murphy, 1995) e que já Paiement (1992), nos Jogos Olímpicos de Barcelona tinha constatado que as equipas apresentavam estilos de jogo muito semelhantes, situando-se as diferenças no plano individual. Tal parece justificar a preocupação dos treinadores em dar instruções dos aspectos de nível táctico individual acerca do adversário que podem ser decisivos no sucesso das equipas.

Verificamos ainda que não se realizaram comparações na sub-categoria bloco da técnica, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas. Todavia, o bloco, face à sua implicação directa no sistema defensivo do adversário, deveria ser quanto a nós abordado de modo a dar indicações precisas de exploração às jogadoras atacantes.

No quadro nº33 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância, relativos aos conteúdos das intervenções verbais da própria equipa, em relação às variáveis das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas e no quadro 34 apresentamos os mesmos dados relativos à equipa adversária.

No que se refere aos conteúdos relativos à própria equipa, não se realizaram comparações na variável táctica individual defensiva indirecta ao portador da bola na recepção e na táctica colectiva ofensiva, ao nível das combinações, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas, e ao nível masculino serem praticamente inexistentes (n=1e n=7, respectivamente).

Quadro nº 33 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais da própria equipa em relação às variáveis das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à própria equipa								
Variantes da Sub-Categoria Táctica	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 167	%	X ± sd	N= 113	%	X ± sd		
Táctica Individual Defensiva								
Directa portador da bola	8	4,8	0,9 ± 1,2	8	7,1	1 ± 1,2	t=-0,194	0,849
Ind. ao port. da bola-def.	14	8,3	1,6 ± 2,6	8	7,1	1 ± 1,3	t=0,544	0,594
Táctica Individual Ofensiva								
Construção do ataque	3	1,8	0,3 ± 1	1	0,9	0,1 ± 0,4	U=36,000	1,000
Finalização do ataque	8	4,8	0,9 ± 0,8	2	1,8	0,3 ± 0,5	U=19,000	0,069
Finalização do ataq.–serv	2	1,2	0,2 ± 0,4	1	0,9	0,1 ± 0,4	U=32,500	0,611
Táctica Colectiva Defensiva								
Sistema de defesa	23	13,8	2,6 ± 2,7	18	15,9	2,3 ± 1,5	t=0,290	0,777
Sistema de Recepção	16	9,6	1,8 ± 1,6	4	3,5	0,5 ± 0,8	t=2,098	0,059*
Sistema de Bloco	52	31,1	5,8 ± 7,5	30	26,5	3,8 ± 2,2	t=0,775	0,457
Táctica Colectiva Ofensiva								
Da equipa no serviço	21	12,6	2,3 ± 1,1	21	18,6	2,6 ± 3,2	t=-0,257	0,801
Sistema de ataque	20	12	2,2 ± 2,4	20	17,7	2,5 ± 2,6	t=-0,229	0,822

(*)diferenças estatisticamente significativas

Da análise do quadro 33 podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na variável da táctica colectiva defensiva, ao nível do sistema de recepção, pertencendo os valores superiores às equipas masculinas. Se na dimensão defensiva, nomeadamente na recepção ao serviço, são as características do serviço adversário que criam as

necessidades de adaptação e, atendendo ao facto de no masculino assistir-se à retoma e generalização do serviço em suspensão com a procura constante de variabilidade e agressividade do mesmo (Sawula, 1991; Zimmermann, 1995; Moutinho, 2000), é natural que os treinadores sintam necessidade em dar indicações mais precisas à equipa, ao nível da adaptação dos seus dispositivos de recepção. Verificamos também que a táctica individual defensiva directa ao portador da bola (bloco) e a táctica colectiva ofensiva da equipa no serviço e no sistema de ataque apresentam valores médios superiores nas equipas femininas, embora sem significado estatístico. Apesar de ser dada menor quantidade de informação, no feminino, e estes valores serem superiores, verifica-se a preocupação dos treinadores em valorizar a informação acerca destes aspectos que poderão ser decisivos no sucesso da equipa. No caso do serviço, poderá justificar-se pelo facto de este continuar a ser considerado um procedimento de grande importância e efectividade, embora em termos técnicos utilize-se muito menos o serviço em suspensão, comparativamente com o masculino (Moutinho, 2000). Como tal, a sua utilização é essencialmente táctica (Frohner e Murphy, 1995) e, portanto, a equipa tem que ter uma estratégia bem definida.

No que se refere aos conteúdos relativos à equipa adversária, não se realizaram comparações na variável táctica individual defensiva indirecta ao portador da bola na recepção, na táctica colectiva defensiva e ofensiva , ao nível dos princípios e, na táctica colectiva ofensiva, em relação às combinações, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas, e ao nível masculino serem praticamente inexistentes (n=4, n=1,n=3 e n=3, respectivamente).

Quadro nº 34 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais relacionados com a equipa adversária, em relação às variáveis das sub-categorias da táctica da dimensão "O Quê", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Conteúdos relativos à equipa adversária								
Variantes da Sub-Categoria Táctica	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 165	%	X ± sd	N= 88	%	X ± sd		
Táctica Individual Defensiva								
Directa portador da bola	5	3	0,6 ± 1,3	3	3,4	0,4 ± 1,1	U=32,500	0,613
Ind. ao port. da bola-def.	9	5,5	1 ± 1,3	4	4,5	0,5 ± 1,1	U=28,500	0,396
Táctica Individual Ofensiva								
Construção do ataque	7	4,3	0,8 ± 1,1	6	6,8	0,8 ± 1,2	U=28,500	0,327
Finalização do ataque	66	40	7,3 ± 6,9	24	27,3	3 ± 2,2	t=1,774	0,107
Finalização do ataq.–serv	34	20,6	3,8 ± 5,4	6	6,8	0,8 ±1	t=1,634	0,138
Táctica Colectiva Defensiva								
Sistema de defesa	4	2,4	0,4 ± 0,7	5	5,7	0,6 ± 1,1	t=-0,414	0,685
Sistema de Recepção	4	2,4	0,4 ± 0,7	3	3,4	0,4 ± 1,1	t=-0159	0,876
Sistema de Bloco	6	3,6	0,7 ± 1,3	8	9,1	1 ± 1,6	t=-0,470	0,645
Táctica Colectiva Ofensiva								
Da equipa no serviço	11	6,7	1,2 ± 1,9	10	11,4	1,3± 1,4	t=-0,034	0,974
Sistema de ataque	19	11,5	2,1 ± 2,5	19	21,6	2,4 ± 1,3	t=-0,250	0,806

(*)diferenças estatisticamente significativas

Após a análise do quadro 34 constatamos que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma categoria, entre os treinadores das equipas masculinas e femininas. Verificamos também que os treinadores dos dois sectores dão preferência aos conteúdos da táctica individual ofensiva ao nível da finalização do ataque. Verificamos ainda que as equipas femininas apresentam valores médios superiores, comparativamente com as equipas masculinas, na sub-categoria táctica colectiva defensiva ao nível do sistema de defesa e de bloco e na sub-categoria táctica colectiva ofensiva, nomeadamente da equipa no serviço e no sistema de ataque. Este facto leva a aferirmos que o conhecimento dos aspectos ofensivos e defensivos do grupo/equipa do adversário são considerados fundamentais para o êxito da equipa, no sector feminino. Estes resultados vão ao encontro do verificado por Fronher e Murphy (1995), os quais constataram nos Campeonatos do Mundo Feminino de 1994, um claro aperfeiçoamento da ligação entre o bloco e a defesa. Murphy (1991); Gerbrands (1993) e Sawula (1993) referem também que com a evolução dos sistemas ofensivos, a eficácia do bloco é cada vez mais decisiva no Voleibol feminino do futuro. Dai, que com o conhecimento

destas características do adversário será certamente mais fácil à equipa evitar os pontos fortes e explorar os fracos.

5.2.2.2 Conteúdos das intervenções verbais entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

5.2.2.2.1. Dimensão "A Quem"

No quadro nº 35 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação à dimensão "Quem", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas.

Não se realizaram comparações no jogador individual atacante, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas, e ao nível masculino serem praticamente inexistentes (n=11).

Quadro nº 35 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação à dimensão "Quem", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Dimensão "A Quem"	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 674	%	X ± sd	N= 381	%	X ± sd		
Equipa	369	54,7	41 ± 26,2	155	40,7	19,4 ± 8,1	t=2,357	0,041*
Jogador Individual								
Defesa	4	0,6	0,4 ± 1	8	2,1	1 ± 2,4	t=-0,625	0,541
Recebedor	6	0,9	0,7 ± 1,3	1	0,3	0,1 ± 0,4	t=1,182	0,267
Servidor	29	4,3	3,2 ± 3,2	33	8,7	4,1 ± 7,7	t=-0,324	0,751
Distribuidor	2	0,3	0,2 ± 0,4	6	1,6	0,8 ± 0,9	t=-1,525	0,158
Blocador	6	0,9	0,7 ± 1,3	10	2,6	1,3 ± 1,8	t=-0,780	0,447
Sub-Grupo de Jogadores								
Atacantes	49	7,3	5,4 ± 7,6	31	8,1	3,9 ± 3,8	t=0,527	0,606
Defesas	40	5,9	4,4 ± 6,7	28	7,3	3,5 ± 2,3	t=0,376	0,712
Blocad.	128	19	14,2 ± 14,9	82	21,5	10,3 ± 7	t=0,688	0,502
Receb.	41	6,1	4,6 ± 6,1	27	7,1	3,4 ± 3,3	t=0,486	0,634

(*)diferenças estatisticamente significativas

A leitura do quadro 35 mostra-nos que apenas a categoria equipa da dimensão "A Quem", apresenta diferenças estatisticamente significativas, com os valores superiores nas equipas masculinas, 54,7% contra 40,7% nas femininas. Verificamos ainda que em termos de "sub-grupo de jogadores" (atacantes, defesas, blocadores e recebedores) as equipas masculinas

apresentam valores médios superiores, enquanto que ao nível individual são as equipas femininas que apresentam valores médios superiores. Tal facto, reflecte uma tendência dos treinadores das equipas femininas em transmitir a informação mais individualizada, enquanto os treinadores das equipas masculinas tendem a informar por sectores.

5.2.2.2.2 Dimensão "Como"

No quadro nº 36 apresentamos os dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação às diferentes categorias da dimensão "Como", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas.

Não se realizaram comparações na categoria questionamento, em virtude de não se ter verificado ocorrências nas equipas femininas.

Quadro nº 36 - Dados descritivos, valor da estatística e respectivo grau de significância relativos aos conteúdos das intervenções verbais transmitidos à equipa em relação à dimensão "Como", entre os treinadores das equipas masculinas e femininas

Dimensão "Como"	Equipas Masculinas			Equipas Femininas			Valor da estatística	p
	N= 638	%	X ± sd	N= 381	%	X ± sd		
Inf. Aval. Positiva	24	3,8	2,7 ± 3,7	36	9,5	4,5 ± 3,4	t=-1,066	0,303
Inf. Aval. Negativa	20	3,1	2,2 ± 2,5	14	3,7	1,8 ± 3,1	t=0,345	0,735
Inf. Prescritiva	119	18,7	13,2 ± 12,7	95	24,9	11,9 ± 8,5	t=0,254	0,803
Inf, Descritiva	311	48,7	34,6 ± 20,6	125	32,8	15,6 ± 7,1	t=2,583	0,027*
Encoraj. /Pressão	158	24,8	17,6 ± 10,1	108	28,3	13,5 ± 6,3	t=0,979	0,343
Afectividade Positiva	6	0,9	0,7 ± 1,3	3	0,8	0,4 ± 0,7	t=0,550	0,591

(*)diferenças estatisticamente significativas

O quadro 36 mostra-nos que apenas na categoria informação descritiva, da dimensão "Como" existiram diferenças estatisticamente significativas, com os valores superiores a pertencer às equipas masculinas (48,7% contra 32,8%). A elevada complexidade do jogo masculino, parece justificar este resultado, em virtude de ser maior a densidade de aspectos a transmitir aos jogadores acerca dos elementos de jogo. Constatamos também que a informação avaliativa positiva é a única categoria que apresenta um valor médio superior nas equipas femininas, o que não deixa de ser interessante o facto de neste sector haver maior necessidade de demonstrar aprovação em

relação à prestação, de forma a ser criado um clima positivo de trabalho. Este resultado vai ao encontro do entendimento de Nerin (1986), em que refere que o discurso do treinador, na reunião de preparação para a competição, deve ter um carácter positivo e que o grande objectivo consiste em transmitir confiança, motivação e força anímica aos jogadores.

6. CONCLUSÕES

Conclusões

Após a realização deste estudo, e, tendo em conta os objectivos e as hipóteses levantadas, podemos apontar as seguintes conclusões:

1. Globalidade dos treinadores

a) Todas as dimensões

- As reuniões de preparação para a competição realizam-se ao longo da semana e os treinadores recorrem essencialmente ao vídeo e aos quadros como meio de apoio. No dia do jogo, efectua-se com antecedência de, aproximadamente, uma hora em relação ao seu início, no balneário do recinto do jogo e participam os jogadores e a equipa técnica.
- Os treinadores emitem, em termos médios, cerca de 63 unidades de informação nas reuniões de preparação para a competição.
- Durante as reuniões, os treinadores incidem as suas intervenções verbais sobre os conteúdos de ordem táctica (64,9%), seguida pela outras dominantes do rendimento desportivo (13,5%), da psicológica (11,6%), da técnica (9,4%) e por fim da energético-funcional (0,6%).
- Os treinadores privilegiam, nas suas intervenções verbais sobre a categoria táctica, nomeadamente a táctica colectiva defensiva, ao nível do sistema de bloco e a táctica individual ofensiva, ao nível da finalização do ataque.
- Os treinadores privilegiam, nas suas intervenções verbais sobre a categoria técnica, o remate, o serviço e o bloco. As restantes habilidades não obtiveram qualquer ocorrência.
- Os treinadores privilegiam, nas suas intervenções verbais sobre a categoria outras dominantes do rendimento desportivo, o contexto do jogo e o resultado desportivo. As leis de jogo não obtiveram ocorrências.

- Os treinadores tendem a dirigir as suas intervenções verbais ao grupo (equipa), em detrimento do sub-grupo de jogadores e do jogador individual.
- Os treinadores preferem transmitir as informações sobre a forma descritiva (40,9%) seguida da encorajamento/pressão (25%) e da prescritiva (20,1%). A forma de afectividade negativa não obteve ocorrências.

b) Na dimensão "O Quê" em relação à própria equipa e equipa adversária.

- Os treinadores emitem, em termos médios, cerca de 37 unidades de informação relativas à própria equipa e 26 à equipa adversária, nas reuniões de preparação para a competição.
- O teor das intervenções verbais, relativas à própria equipa e equipa adversária, é idêntico, isto é, incide preferencialmente nos aspectos tácticos (56,5% e 76,9%, respectivamente).
- Os treinadores privilegiam a táctica colectiva defensiva quando se referem à própria equipa e a táctica individual ofensiva quando se referem à equipa adversária.
- As outras dominantes do rendimento desportivo (contexto do jogo e resultado desportivo) e os aspectos psicológicos assumem considerável importância nas intervenções verbais relacionadas com a própria equipa, enquanto que habilidades técnicas, tais como o remate e o serviço são aspectos privilegiados nas intervenções verbais relacionadas com a equipa adversária.

2. Comparação entre grupos

a) Todas as dimensões

- A duração das reuniões de preparação obteve diferença significativa entre as equipas masculinas e femininas, com ascendente das primeiras.
- Na dimensão "O Quê" apenas na categoria outras dominantes do rendimento desportivo se registaram diferenças estatisticamente significativa entre as equipas masculinas e femininas, com ascendente das primeiras.
- Na dimensão "A Quem" na categoria "equipa" registaram-se diferenças estatisticamente significativas, com ascendente das equipas masculinas.
- Na dimensão "Como" na categoria "descritiva" registaram-se diferenças estatisticamente significativas, com ascendente das equipas masculinas.

b) Na dimensão "O Quê" em relação à própria equipa e equipa adversária

- Nas intervenções verbais relacionadas com a própria equipa, na categoria "outras dominantes do rendimento desportivo", nomeadamente no contexto do jogo e nos resultados desportivos registaram-se diferenças estatisticamente significativas, pertencendo os valores mais elevados às equipas masculinas.
- Nas intervenções verbais relacionadas com a própria equipa, na sub-categoria da táctica colectiva defensiva, ao nível do sistema de repepção registaram-se diferenças estatisticamente significativas, pertencendo os valores mais elevados às equipas masculinas.
- Nas intervenções verbais sobre a equipa adversária não houve diferenças estatisticamente significativas entre os treinadores das equipas masculinas e femininas.

Sugestões para as intervenções verbais do treinador na reunião de preparação para a competição:

Tendo em consideração os resultados alcançados neste estudo, pensamos ser útil que os treinadores estejam mais atentos a determinados aspectos.

Daí as recomendações são as seguintes:

- Os treinadores devem ter uma maior preocupação com os aspectos defensivos da equipa adversária, emitindo mais instruções acerca desses conteúdos, de forma a explorar os pontos fracos;
- os treinadores devem dar mais atenção ao jogador libero, direccionando mais informações a este jogador;
- os treinadores das equipas femininas devem dar maior relevo à reunião de preparação para a competição, nomeadamente ao nível da duração.

Sugestões para futuras investigações:

Tendo em consideração o facto da temática sobre as intervenções verbais do treinador, centradas no conhecimento do conteúdo da informação transmitida aos jogadores, ainda se encontrar numa fase embrionária ao nível da investigação, é essencial continuar a realizar estudos neste domínio.

Daí sugerimos que sejam realizados outros estudos, nomeadamente:

- Aplicados noutros níveis de jogo;
- aplicado noutros escalões;
- aplicado noutras modalidades;
- aprofundar ao nível psicológico, pelo elevado número de ocorrências detectadas e pelo facto de ser um factor determinante no rendimento das equipas;
- indagar acerca das razões que orientam o treinador na selecção dos conteúdos alvo de análise, isto é, o porquê de privilegiarem uns conteúdos em detrimento de outros.

7. REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

- Abraham, A & Collins, D. (1998): Examining and extending in coach development. Quest. 50; 59-79.
- Abrantes, C.A. (1995). Importância do feedback no ensino das actividades físicas. O Professor. Nº 42; 25-32
- Afonso, C.A. (2001). Conhecimento do Treinador a Respeito das Metodologias de Ensino do Treino do Voleibol na Formação. Tese de Doutoramento. F.C.D.E.F. - U.P. .Porto.
- Alberda, J. (1995). Sistemas internacionais de ataque e defesa. Uso da observação e da estatística. Espinho, IV Simposium Internacional de Treinadores da FPV.
- Amaral, H. (2001). Avaliação do Perfil das Intervenções de Conteúdo Pedagógico do Treinador de Basquetebol durante o treino. Monografia de licenciatura (trabalho não publicado). FCDEF. UP. Porto.
- Araújo, J. (1992). Basquetebol. Preparação técnica e táctica. Revista Horizonte, VII (49). Dossier I-VIII.
- Araújo, J. (1994). Voleibol Moderno – Sistema Defensivo. Editora Exclusiva. Rio de Janeiro.
- Araújo, J e Henriques, M. (1999). O Treinador na empresa. Teamwork, Edições.
- Baache, H. (1989). Long-term preparation of young players. In Volley tech. 3,4: 5-14.
- Bardin, L. (1977). Análise do conteúdo. Edições 70. Lisboa.
- Barreto, H. (1998). Competências do treinador desportivo. In Metodologia do treino desportivo. 629-647. Castelo, J; Barreto, H.; Alves, F.; Santos, P.; Carvalho, J.; Vieira, J.; FMH edições. Lisboa.
- Barth, B. (1994). Strategia e tattica nello sport. SDS – Rivista di Cultura Sportiva – AnnoXII, nº31: 10-20.
- Bauer, G. e Ueberle, H. (1988). Fútbol – Factores de rendimento, dirección de jugadores y del equipo. Ediciones Martinez Roca S.A. Barcelona.
- Bayer, C. (1994). O Ensino dos Desportos Colectivos. Dinalivro.
- Bellack, A.; Kliebard, H.; Hyman, R. & Smith, F. (1966). The language of the classroom. Teachers College, Columbia University Press. New York.

- Berjaud, P. (1995). Les régles de jeu e leur evolution. International Volley Tech, 3: 18-20.
- Bonnita, (2003). O Voleibol. Revista Oficial da Federação Portuguesa de Voleibol. Jun: 57.
- Bota, I. e Colibaba-Evulet (2001). As componentes fundamentais do jogo. Cap. 6. Jogos Desportivos Colectivos – Teoria e metodologia. Horizontes Pedagogia. Instituto Piaget.
- Brito, J. e Maças, V. (1998). A decisão técnico-táctica no jogador de futebol. Estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos inerentes à decisão técnico-táctica em sujeitos dos 12 aos 18 anos, federados e não federados em futebol. Revista Horizonte, Vol. XIV, nº 81: 12-16.
- Cardinal, C. (1986). La formation technique du joueur de Volleyball. In C. Cardinal e Pelletier (Eds.), Cahier de l'Entraîneur, pp. 141-146. Féderation de Volley-Ball du Québec. Canadá.
- Carvalho, C. (1997). Proposta de sequência e Organização Metodológica do Treino de Força ao Longo de Uma Época Desportiva: Um Estudo de Voleibolistas Juvenis. Comunicação apresentada no V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa.
- Castelo, J. (1994). Futebol. Modelo técnico-táctico do jogo. Edições F.M.H. – UTL Lisboa.
- Castelo, J. (1996). Planeamento do treino desportivo: planeamento estratégico e táctico. In Metodologia do Treino Desportivo: 468-522. Edições FMH. Lisboa.
- Castelo, J.(2000a). Reunião de preparação para o jogo. Trainning 3: 24-29.
- Castelo, J. (2000b). O planeamento estratégico. In Metodologia do treino desportivo, 467-502. Castelo, J.; Barreto, H.; Alves, F.; Santos, P.; Carvalho, J.; Vieira, J.; FMH Edições. Lisboa.
- Cherebetiu, G; Cherebetiu, A e Galeana, M. (1970). Contenido y sistema del entrenamiento deportivo comtemporaneo. Ed AX – México.
- Cloître, Y. (1985). Volley-ball tome 2 : progression tactique. Anphora Editions.

- Cloître, Y. (1990). Les fondements pedagogiques et techniques du volley-ball. Editions Amphora. Paris.
- Comas, M. (1991a). "Coach" direccion de equipo. Baloncesto más que un juego. Gymnos Editorial. Madrid.
- Comas, M. (1991b). La estratégia prepartido. Baloncesto más que un juego. Gymnos Editorial. Madrid.
- Cook, M. (2001). Dirección y entrenamiento de equipas de fútbol. Editorial Paidotribo. Barcelona.
- Cruz, J. (2002). A Intervenção Pedagógica do Treinador de Hóquei em Patins. Estudo aplicado em treinadores de escalão de infantis A. Dissertação de Mestrado. Trabalho não publicado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Costa, J. (2001). Inteligência geral e conhecimento específico no futebol. Estudo comparativo entre conhecimento geral e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. Dissertação de mestrado em Treino de Crianças e Jovens. FCDEF-UP. Porto.
- Cunha, P. (1996). A eficácia ofensiva em Voleibol. Estudo da relação entre a qualidade do 1º toque e a eficácia do ataque em voleibolistas portuguesas da 1ª divisão. Tese de mestrado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Cunha, P. (1998). A intervenção do treinador durante o tempo morto. Revista Treino Desportivo, 2: 33-38. MJD-CEFD.
- Cunha, P. (2003). O Voleibol. Revista Oficial da Federação Portuguesa de Voleibol. Junho: 56.
- Cushion, J.C. & Jones, R.L. (2001). A Systematic Observation of Professional Top-level Youth Soccer Coaches. Journal of Sport Bahavior; Vol. 24,nº4: 354-376.
- Cutton, D.M. & Landin, D. (1994). The effects of a cognitive learning strategy and augmented feedback on learning the tennis forehand. Paper presented at the annual meeting of A.A.H.P.E.R.D. Denver. CO.
- De Marco, G.; Mancini, V. E West, D. (1986). Reflections on change: a qualitative and quantitative analysis of a baseball coach´s behavior. Journal os Sport Bahavior: 135-162.

- Dufour (1993). Computer-assisted scouting in soccer. In science and Football II. 160-166 Teodorescu, L. (1984).. Netherlands, 1991. T. Reilly, J. Clarys e A. Stibbe (Eds.) E e F.N. Spon.
- Dyba, W. (1983). Caracteristiques physiologiques des joueurs de Volley-ball. In Volleyball Technical Journal. 7 : 34-53.
- Ejem, M. (1991). XIIe Championnat du Monde masculin de Volley-ball. International Volley Tech, 1 : 15-18.
- Frohner, B. (1993). L`attaque sur relance (contre-attaque aprés la defense). International Volley Tech (1) :4-8.
- Frohner, B. (1997). Selected individual action and performance profiles. The Coach, 1:19-21.
- Fronher, B. e Murphy, P. (1995). Tendances observées lors dês Championats du Monde Feminins 1994. International Volley Tech, 1 : 12-19.
- Frohner et al., (1995). Technical evaluation of Women`s and Men`s Volleyball World Championship 1994. Berthold Frohner (Ed.). Federation Internationale de Volley-Ball (FIVB).
- Frohner et al., (1997). Development in International Top-Volleyball. A technical evaluation of Women`s and Men`s Olympic Voleeyball Tournement Atlanta 96. Berthold Frohner (Ed.) Federation Internationale de Volley-Ball (FIVB).
- Garganta, J. (1994). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In O ensino dos Jogos Desportivos: 11-25. Graça, A. E Oliveira, J. (Eds.): CEJD F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Garganta, J. (1995). Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Universidade de Coimbra.
- Garganta, J. (1997). Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Dissertação apresentada às provas de doutoramento em Ciências do Desporto. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.

- Garganta, J. & Pinto, J. (1995). O Ensino do Futebol. In: Graça, A. E Oliveira, J. (eds), O Ensino dos Jogos Desportivos, pp: 95-135. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Garganta, J. e Oliveira, J. (1996). Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos. In Estratégia e táctica nos jogos Desportivos Colectivos: 7-23. Oliveira, J. e Tavares, F. (Eds.) CEJD, F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Gerbrands, T. (1993). Évaluation technique du XIIIème Championnat d´Europe júnior féminin. Voley Tech 2 : 28-31.
- Gilbert, W.; Gaumond, S; Larrocque, L & Trudel, P.(1999). Development and Application of an Instrument about Pedagogical Contents Interventions of ice Hockey Coaches. University of Ottawa. (On-line): *www.brunel.ac.uk/depts/sps/sosol/v2i2a2.htm*
- Gomelski, A. (1990). Baloncesto – La dirección del equipo. Editorial Hispano Europea, S.A. Barcelona.
- Graça, A. (1997). O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol. Dissertação de Doutoramento na F.C.D.E.F. – UP. Porto.
- Graça, A. (1998). Observação e Correcção de Tarefas. Revista Treino Desportivo, Mar., nº2; 3-8.
- Greenhill, P. (2001). Excelence in Coaching Communication. Coaching Volleyball, Vol. 18, 3, Jun./jul. 2001: 14-15.
- Gréhaigne, J. (1992). L`Organisation du jeu en football. Editions actio. Joinville-le-Pont.
- Grosgeorge, B. (1990). Observation et entraînement en sport collectifs. Public. INSEF, Paris.
- Guerra, I. (2000). As regularidades na aplicação do remate por zona 4 em Voleibol, função da oposição situacional – Estudo aplicado em cadetes femininos Campeonato do Mundo 1999. Dissertação de mestrado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Herbert, M. (1991). Insights ans strategies for winning Volleyball. Champaign, Illinois. Leisure Press : 41-83.
- Houlier, G. & Crevoisier, J. (1993). Entraineur competence et passion, les détails Qui font gagner. Canal + Èditions.

- Housner, L. (1990). Selecting Master Teaching: Evidence From Process-Product Research. Journal of Teaching in Physical Education, 9, 201-226.
- J.V.A. (1999). Analysis of final-round matches in the 13th Volleyball Women`s World Campionships, 98. The Coach, 1/98: 16-21. Federation Internationale de Volley-Ball. FIVB.
- Kiraly, K. & Shewman, B. (1999). Beach Volleyball. Techniques, training and tactics from the game`s greatest player. Human Kinetics.
- Kluka, D. E Resser, J. (1998). The quest for performance excellence. The Coach, 2: 24-27.
- Kohl, T. (2000). Match Preparation and Coaching. Coaching Volleyball. Vol. 17, nº 4: 21-23.
- Konzag, I. (1991). A Formação técnico-táctica nos jogos desportivos colectivos. In Treino Desportivo, Série II, nº 19, Março: 27-37
- Lacy, A. C. & Darst, P.W. (1989). The Arizona State University Observation Instrument (ASUOI). In P.W. darst, D.B. Zakrajsek & V.H. Mancini (Eds) Analysinh Physical Education and Sport Instrution. (2nd, ed), pp. 369-378. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Landin, D e Macdonald, G. (1990). Improving the overheads of collegiate tenis players. Journal of Applied Research in Coaching and Athletics, 5: 85-89.
- Launder, A. & Plitz, W. (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. In Treino Desportivo, nº7; 24-29.
- Launder, A. & Plitz, W. (2000). Para ser um melhor treinador de "banco", análise do jogo. In: Treino Desportivo, 10: 2-5. CEFD
- Leith, M. (1992). Um bom treinador tem que ser um bom gestor. Treino Desportivo, 23: 3-13.
- Lima, T.; Silva, M.; Curado, J.; Barreto, H.; Araújo, J. (1980). Seleccionar, dirigir, preparar tarefas do treinador. A relacionação do treinador com os jogadores, árbitros e dirigentes. Comunicações do 1º Clinic A.N.T.B. Coleção Educação Física e Desporto. Compendium.
- Lima, T. (1993). Como é que o treinador se prepara para a competição. In Horizonte, 53: 183-186.
- Lima, T. (2000). Saber treinar aprende-se. CEFD-MJD. Lisboa.

- Lynch, J. (2001). Creative Coaching. Human Kinetics.
- MacLaren, D. (1990): Court games. Volleyball and basketball. In Phisiology of Sports. E & F. N Spon: 427-463.
- Magill, R. (1993). Motor Learning: Concepts and Applications. 4ª Ed. Duduque, IA: W.C. Brown.
- Martens, R. (1987). Coaches guide to sport phychology. Human Kinetics. Champaign.
- Martens, R. (1999). Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In Seminário Internacional – Treino de Jovens, pp. 5-15. CED. Lisboa.
- MacGown, C. (1994). Motor Learning: how to teach skills. In Science of Coaching Volleyball, pp. 1-22. Human Kinetics Champaign. Illinois.
- Mesquita, I. (1995). O ensino do voleibol. Uma proposta metodológica. In O ensino dos jogos desportivos: 153-199. Graça, A. E Oliveira, J. (Eds). CEJDC. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Mesquita, I. (1997). Pedagogia do treino – a formação em jogos desportivos colectivos. Livros Horizonte. 252-256.
- Mesquita, I. (1998a). A Instrução e a Estruturação das Tarefas no Treino de Voleibol – estudo experimental no escalão de iniciados feminino. Tese de Doutoramento,. Vol. I, F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Mesquita, I. (1998b). A instrução do treinador no contexto dos jogos desportivos colectivos. Treino Desportivo Especial 1 (3): 55-58. CEFD.
- Mesquita, I. (1999). A prática do Voleibol feminino em Portugal: utopia ou realidade?. Jornal o Voleibol, Ano I, 1; 20-21.
- Mesquita, I. (2000). A modelação do treino da técnica nos jogos desportivos. Não publicado
- Mesquita, I. (2002) . O papel do elogio na aprendizagem. In Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.), Livro de resumos do Seminário Internacional do Treino de Jovens, Ensinar Bem para Aprender Melhor.
- Mesquita, I. e Graça, A. (2002). Probing the strategic knowledge of an elite volleyball setter: a case study. I. Mesquita, Amândio Graça (Portugal). The Official Journal of USA Volleyball´s Sports Medicine and Performance Comission, Vol.5, nº1.

- Mesquita, I; Guerra, I; Araújo, V. (2002). Processo de Formação do Jovem Jogador, CEFD.
- Metzler, M. (1990). Teaching in competitive games. Not just playing around. Journal of Physical Education Recreation and Dance, 61 (10): 57-61.
- Millard, L. (1996). Differences in coaching behaviors of male and female high school soccer coaches. Journal of Sport Behaviors, 19 (1), 19-31.
- Ming, Z. (1991). Volleyball players psychological quality and how to train it. In International Volley Tech. FIVB. 2: 4-10.
- Monteiro, V. (1995). Eficiência do serviço em Voleibol. Estudo comparativo dos diferentes tipos de serviço na fase final do campeonato nacional masculino da 1ª divisão. Tese de mestrado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Moreno, J. (1984). Factores que determinam la estructura funcional de los deportes de equipo. Apunts, XXI, 81: 37-45.
- Moreno, J. (1989). Diferentes perspectivas de análisis de la acción de juego en los deportes de equipo. R.D. II (5/6): 2-11.
- Moreno, J. (1994). Análises de las estruturas del juego desportivo. Publ. INDE. Barcelona.
- Mosher, M. (1993). Blocking in the women´s game. Coaches Manual Level 4:2- 2/2 – 22. Canadian Volleyball Association.
- Moutinho, C. (1995). O Ensino do Voleibol.- A Estrutura Funcional do Voleibol. In O ensino dos jogos desportivos : 137-151. Graça, A. E Oliveira, J. (Eds). CEJDC. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Moutinho, C. (2000). Estudo da estrutura interna das acções da distribuição em equipas de voleibol de alto nível de rendimento – Contributo para a caracterização e prospectiva do jogador distribuidor. Dissertação apresentada às provas de doutoramento no ramo de Ciências do Desporto. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Moya, F. (1998). El concepto de táctica individual en los deportes colectivos. Ponencia apresentada en el III Congresso Internacional de Entrenamiento Deportivo. León, 1996. Apunts : Educatió Física y Deportes (51) : 16-22.

- Murphy, P. (1995). Tendences et évolutions futures du Volley-ball féminin de haut niveau. Volley Tech 1 : 13.
- Nerin, J. (1986). Le discours d`avant match en sports collectifs. Déterminants et contenu. L`exemple du volley, du basketball, du handball et du rugby. Mémoire pour le diplôme de L`Institut National du Sport et de L`Education Physique. Paris.
- Neville, W. (1990). Caching Volleyball Successfully. Leisure Press. Champaign. Illinois.
- Nichols, D.N. (2000). Zone blocking squared. Coaching Volleyball.Vol. 17, nº5: 22-24.
- Pacheco, R. (2002). Caracterização da Intervenção do Treinador na Reunião de Preparação para a Competição no Futebol. Estudo comparativo de treinadores da 1ª liga e da 2ª divisão B no escalão de seniores masculinos. Dissertação de Mestrado. Não publicado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Paiement, M. (1992). Le Volley-ball de niveu internationale – JO de Barcelona. In International Volley Tech, 4 : 22-26.
- Parlebas, P (1981a). Contribution a un lexique commenté en science de l´action motrice. Publications INSEP. Paris.
- Parlebas, P. (1981b). La communication motrice. In Dossier de l`educateur sportif. 118-124. INSEF. EdD. E.P.S. Paris.
- Pelletier, C. (1986). La tactique élémentaire. In Cahier de l´entraîneur I Volley-ball : 99-119. Charles H. Cardinal et Claude Pelletier. F´dération de Volley-ball du Québec.
- Peres, M. (2001). 5 perguntas a .... Training, nº 4: 2-4.
- Piéron, M. e Renson, (1988). La relation pedagogique d´entrainement. Étude en football. In Sport, nº 121: 25-30.
- Pina, R. Rodrigues, J. (1994). Os episódios de informação do treinador e a Reacção dos Atletas numa situação de Competição em Voleibol. Ludens, Vol. 14, nº 4. FMH.
- Pina, R. e Rodrigues, J. (1997). Análise do comportamento do treinador em competição. Estudo dos episódios de informação em voleibol. In: Pedagogia do Desporto – Estudos 5: 71-90. Edições FMH. Lisboa.

- Pina, R, e Rodrigues, J. (1998). Análise da Instrução do Treinador em Competição. Dissertação de Mestrado. Não publicado. FMH. Lisboa.
- Pittera, C. & Riva, C. (1982) Pallavolo – dentro il movimento. Tringale Ed. Torino.
- Pollock, B. J. & Lee, T.D. (1992). Effects of model`s skill level on observational motor learning. Research Quarterly for Exercise and Sport, 63: 25-29.
- Ramalho, R e Rodrigues, J. (1994). Sistema de análise do rendimento dos atletas em Voleibol (SARAV). Ludens, 14(4): 37-42.
- Raposo, V. e Aranha, A. (2000). Algumas considerações sobre o treino mental. In Júlio Garganta (Ed.) Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos: 111-131. FCDEF- UP Porto.
- Riera, J. (1995). Estratégia, táctica y técnica deportivas. Apunts Educ. Fís. Deportes, 39: 45-56.
- Rink, J. (1994). The task Presentation in Pedagogy. Quest, 46: 270-280.
- Rink, J. (1996). Tactical and skill approaches to teaching sport and Games: Introdution. Journal Teaching Physical Education, 15: 397-398.
- Rodrigues, A. (2000). Transformações no Voleibol. Training, nº2: 44-45.
- Rodrigues, J. (1995). O Comportamento de Treinador. Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador em voleibol. Tese de doutoramento. UTL- FMH. Lisboa.
- Rodrigues, L. (1990). Voleibol: o sistema de jogo. Revista Horizonte, Vol. VI, nº36, Mar./Abr.: 194-197.
- Rodrigues, J; Leça-Veiga, A; Ferreira, V.; Rosado, A; Sarmento, P. (1992). Coach bahaviour analysis. Illustrative study in different sport context. Comunicação apresentada no Congresso Olímpico 92. Málaga.
- Rodrigues, J e Pina, R. (1998). Le comportement de l´entraîneur en compétition. Analyse de l´instruction chez des entraîneurs de haut niveau en volley-ball. Colloque AFRAPS – EDPM – Louvain-la-Neuve. Université Catholique de Louvain.
- Rosado, A.; Sarmento, P. e Rodrigues, J. (2000). Formação de Treinadores Desportivos. Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Desporto de Rio Maior. Colecção Desporto.

- Rosado, A.; Sarmento, P.; Piéron, M. (2003). Relationships between diagnostic and prescriptive skills in movement analysis. In: Innovation and New Technologies in Physical Education, Sport, Research and/on Coach preparation, L. Sena, R. Trindade, F. Carreiro da Costa e M. Piéron (Eds.) Proceedings do Congresso Internacional da AIESEP, Madeira.
- Rosenshine, B. & Stevens, R. (1986). Teaching Functions. In Handboock of Research on Teaching, (3nd, ed.), pp. 376-391.
- Salmela, J. (1995). Learning from the development of expert coaches. Coaches and sport Science Journal. Vol. 2, nº3, 3-13.
- Salmela, J. (1996). Great job coach. Getting the edge form proven winners. Ottawa. ON: Potentium
- Santesmases, J. (1998). Formación cognoscitiva y rendimiento táctico. Apunts: Educatión Física y Deportes (53): 33-41.
- Sarmento, P. (1993). Análise do Comportamento do Treinador. Estudo Comparativo em Modalidades Contextualmente Diferentes. Ludens, Vol. XIII, nº1: 20-23.
- Savard, C. (1988). Intervention by the coach (Chapter 6) in P. Baudier, C. Cardinal, J. Nielson, M. Paiement e K. Wasylik (eds). Coaches Manual Level 3. Canadian volleyball Association.
- Sawula, L. (1993). Tendencies and perspectives in international Volleyball. In: Coaches Manual Level 4. Ontario, Canadian Volleyball Association; 11: 1-20.
- Selinger, A. (1986). Power Volleyball. St. Martin´s Press. New York.
- Selinger, A. (1992). Arie Sellinger´s power Volleyball. St. Martins Press. New York.
- Shanahan, M. & Schefter, A. (2000) Think like a Champion. Building Success one a Victory at a Time. HargerBusiness Publishers.
- Siedentop, D.& Eldar, E. (1983). Expertise, experience and effectiveness. Journal of Teaching in Physical Education, vol. 8: 254-260.
- Siedentop, D. (1991). Developing Teaching Skills in Physical Education. Palo Alto (3ª Edição). Mayfield Publishing Company.
- Silverman, S. (1994). Communication and motor skill learning: What we learn from research in the gymnasium. Quest, 46: 345-355.

- Sisto, F. E Greco, P. (1995). Comportamento táctico nos jogos esportivos colectivos. Revista Paulista Educação Física, São Paulo, Jan. /Jun. 95 (1): 63-68.
- Sullivan, C. (2000). A New Approach to blocking satts. Coaching Volleyball, Vol. 16, nº 6: 10-13.
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (1989). Using Multivariate Statistics. 2ª Edição. Haper and Row Publishers, New York.
- Tavares, F. (1993). A capacidade de decisão técnica no jogador de Basquetebol. Estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes. Dissertação apresentada às provas de doutoramento no ramo das Ciências do Desporto. F.C.D.E.F. -U.P. Porto.
- Tavares, F. (1994). O processamento de informação nos jogos desportivos. In: O ensino dos jogos desportivos colectivos. 35-46. A. Graça; J. Oliveira. (Eds.). CEJD/FCDEF-UP. Porto.
- Tavares, F. e Faria, R. (1996). A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo. In Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos. 39-50. Oliveira. J. e Tavares, F. (Eds.), CEJD- FCDEF- UP. Porto.
- Teodorescu, L. (1977). Theorie et methodologie dês jeux sportifs. Les Editeurs Français Reunis. Paris.
- Teodorescu, L. (1984). Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Edições Livros Horizonte. Lisboa.
- Tinning, R. (1982): Teacher reaction to the trial materials: A Victorian case study. Australian Journal for Health, Physical Education & Recreation, 95: 11-14.
- Toyoda (1991). Technical evaluation in the XIIth men´s word championships. International Volley Tech, 1: 19-20.
- Trudel, P. & Brunelle, J. (1985). Les situations d`apprentissage offertes aux joueurs inscrites dans des liges de hockey mineur. L`Association Canadienne pour la Santé : L´Education Physique et le Loisir. 51 : 18-25.
- Trudel, P. ; Dionne, J.P. & Bernard, D. (1992). Etude qualitative de la violence au hockey : Percetions d`entraîneurs et les jouers. Canadian Journal of Science. 17 (4). 320-332.

- Vargas, R. (1976). La tactica del voleibol en competición. Madrid.
- Vargas, R. (1982). La preparation física en Volleyball, Editorial Augusto E. Pila Teleña, Madrid.
- Vasconcelos, M. (1998). Influências da acção desenvolvida pela atacante central na circulação táctica ofensiva, sobre a organização do bloco adversário. Estudo descritivo em equipas de Voleibol feminino sénior da 1ª divisão. Dissertação de mestrado. F.C.D.E.F. – U.P. Porto.
- Vaz, E. (1982). The professionalization of young hochey players, Lincolin; NE: University of Nebraska Press.
- Viitasalo, J. & Rusko, H. (1987). Endurance Requirements in Volleyball. In Canadian Journal of Applied in Sports Science. 12: 194-201.
- Werner & Rink (1987). Case Studies of teacher effectiveness in second grade physical education. Journal Teaching Physical Education, 8: 280-297.
- Wilde, R. (2002). Utilizing The Libero Position Effectively. Coaching Volleyball. Vol. 19, nº 4: 6-9.
- Yukelson, D. (2001). Communicating Effectively. In J. M. Williams (Ed.), Apllied Sport Psychology – Personal Growth to Peak Performance, pp: 135-149. London. Mayfield Publishing Company.
- Zhang, R. (1993a). Preparation for top Team Competition and Coaching in Match. International Volley Tech, Part 1. nº 3: 16-20.
- Zhang, R. (1993b). Preparation for top Team Competition and Coaching in Match. International Volley Tech, Part 2. nº 4: 3-7.
- Zheleniak, Y.D. (1993). Voleibol. Teoría Y método de la preparación. Editorial Paido tribo. Barcelona.
- Zimmermann, B. (1995). Selected aspects of the developments of men´s volleyball. International Volley Tech, 1: 4-11.
- Zimmermann, B. (1993). Caracteristiques dans la contre-attaque (contre, defense, attaque) dans de contexte du haut niveau international. International Volley Tech, 1 : 4-11.

ANEXOS

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
Universidade do Porto

Questionário ao Treinador

Estas informações destinam-se a uso exclusivo para efeitos da investigação. Por favor, responda a todas as questões com a maior veracidade possível pois todas as respostas serão absolutamente confidenciais.

Código do treinador _____ Data _____

1. Número de anos como treinador: _____
2. número de anos como treinador principal: _____
3. habilitações académicas: _____
4. habilitações profissionais: _____
5. idade: _____
6. local de realização das reuniões: _____
7. momento de realização das reuniões: _____
8. participantes nas reuniões: _____
9. tempo de antecedência com que é efectuada a reunião em relação à hora de inicio do jogo: _____
10. Materiais utilizados nas reuniões:_____

_____

Obrigado pela sua colaboração

FICHA DE REGISTOS

Treinador Observado:	Data:
Dimensão "O Quê"	
	Número de ocorrências
Categoria Técnica	
Serviço	
Manchete	
Passe	
Remate	
Amortie	
Bloco	
Quedas	
Pos. Fundamentais	
Categoria Táctica	
Const. Equipa	
Modelo de jogo	
Tact. Ind. Def. Dir. Por. bola	
Tact. Ind def. Ind. Por. bola def	
Tact. Ind Def. Ind. Por. bola rec	
Tact. Ind. Ofen. Const. Ataque	
Tact. Ind. Ofen. Finaliz. Ataque	
Tact. Ind. Ofen. Final. Ataq. Serv.	
Tact. Colec. Def. Princípios	
Tact. Colec. Def. Sist. Recepção	
Tact. Colect. Def. Sist. Defesa	
Tact. Colect. Def.Sist. bloco	
Tact. Colect. Def.Sist. Prot. Pr. Ata.	
Tact. Colect. Ofen. Princípios	
Tact. Colect. Ofen. Combinações	
Tact. Colect. Ofen. Sist. de ataq.	
Tact. Colect. Ofen. Equi. serviço	
Categoria Energético-Funcional	
Categoria Psicológica	
Categ. Out. Dom. Rend. Desp	
Contexto do jogo	
Leis do Jogo	
Equipa de Arbitragem	
Resultado Desportivo	
Categoria Outros	

FICHA DE REGISTOS

Treinador Observado:											**Data:**									
Dimensão " A Quem"																				
	Número de ocorrências																			
Categoria Equipa																				
Categoria Jogador Individual																				
Defesa																				
Recebedor																				
Atacante																				
Servidor																				
Distribuidor																				
Blocador																				
Líbero																				
Suplente																				
Categoria Sub-grupo Jogadores																				
Atacantes																				
Defesas																				
Blocadores																				
Recebedores																				
Dimensão "Como"																				
Informação Avaliativa Positiva																				
Informação Avaliativa Negativa																				
Informação Prescritiva																				
Informação Descritiva																				
Questionamento																				
Encorajamento / Pressão																				
Afectividade Positiva																				
Afectividade Negativa																				

Categoria "O Qué" - Quadro Geral

	TS	TM	TP	TR	TA	TB	TQ	TPF	TIDDPB	TIDIPBD	TIDIPBR	TIOCA	TIOFA	TIOFAS	TCDP	TCDSPPA	TCDSD	TCDSR	TCDSB	TCOP	TCOC	TCOES	TCOSA	CE	MJ	CEF	CP	ODRDCJ	ODRDLJ	ODRDEA	ODRDRD	OUTROS	Intervenções	Tempo
T1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	4	2	7	3	0	0	7	0	28	335
T2	9	0	0	2	0	0	0	0	5	6	1	0	12	13	1	0	2	1	1	1	1	2	6	3	9	0	8	2	0	0	3	0	88	981
T3	3	0	0	10	0	5	0	0	1	10	0	6	22	0	0	0	6	3	25	0	2	7	8	4	2	0	8	11	0	0	5	0	138	1228
T4	1	0	0	4	0	0	0	0	3	1	1	0	9	12	0	0	6	0	12	0	4	4	5	3	20	0	15	13	0	1	6	0	120	1181
T5	1	0	0	4	0	0	0	0	0	1	0	0	4	0	0	0	2	2	0	0	0	3	0	2	1	0	5	6	0	0	2	0	33	401
T6	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	3	1	0	0	0	0	0	2	0	2	1	1	13	0	8	4	0	0	7	0	47	421
T7	3	0	0	7	0	2	0	0	0	1	1	1	5	0	0	0	2	3	8	0	3	3	3	3	8	1	6	6	0	0	2	0	68	636
T8	2	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	3	1	0	0	2	2	0	5	2	10	13	0	0	5	0	50	861
T9	5	0	0	3	0	5	0	0	2	3	1	0	17	10	0	0	8	7	11	0	0	8	14	2	3	1	6	4	0	0	3	0	113	1116
T10	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0	4	0	0	5	0	10	5	0	0	5	0	38	332
T11	0	0	0	2	0	0	0	0	3	0	0	0	6	0	0	0	1	0	3	0	0	0	2	0	4	0	4	4	0	0	1	0	30	261
T12	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	3	0	0	0	1	2	0	0	4	5	3	1	0	5	1	0	0	0	0	31	315
T13	4	0	0	7	0	0	0	0	0	3	1	2	5	1	0	0	5	4	8	0	0	10	5	3	9	0	17	8	0	0	3	0	95	918
T14	0	0	0	1	0	0	0	0	2	1	0	1	2	1	0	0	4	2	4	0	0	1	7	1	9	0	1	0	0	0	2	0	39	441
T15	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	4	0	0	0	3	0	5	0	0	5	9	3	6	0	3	1	0	0	1	0	42	372
T16	3	0	0	2	0	1	0	0	4	1	0	0	1	1	0	0	7	0	8	0	0	6	8	1	2	0	4	0	0	0	0	0	49	477
T17	1	0	0	5	0	0	0	0	0	3	0	3	6	0	0	0	2	0	6	0	0	1	3	5	5	0	7	8	0	0	2	0	57	588
Total	38	0	0	49	0	13	0	0	24	35	5	17	100	43	1	0	50	27	96	3	10	63	78	34	106	6	124	89	0	1	54	0	1066	

Categoria "O Quê" - Própria Equipa

	TS	TM	TP	TR	TA	TB	TQ	TPF	TIDDPB	TIDIPBD	TIDIPBR	TIOCA	TIOFA	TIOFAS	TCDP	TCDSPPA	TCDSD	TCDSR	TCDSB	TCOP	TCOC	TCOES	TCOSA	CE	MJ	CEF	CP	ODRDCJ	ODRDLJ	ODRDEA	ODRDDR	OUTROS	Interv.
T1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	2	6	3	0	0	7	0	22
T2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	2	5	1	1	0	5	2	0	0	1	0	24
T3	0	0	0	2	0	5	0	0	0	8	0	3	2	0	0	0	5	2	21	0	2	3	3	0	1	0	7	9	0	0	4	0	77
T4	1	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1	0	0	6	0	12	0	1	4	2	0	11	0	15	8	0	1	6	0	72
T5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	2	0	0	1	0	5	6	0	0	2	0	21
T6	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	9	0	8	4	0	0	7	0	36
T7	3	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	1	3	8	0	3	3	2	0	7	1	6	6	0	0	2	0	50
T8	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	7	3	1	0	0	2	0	0	4	2	10	11	0	0	5	0	47
T9	2	0	0	0	0	3	0	0	2	0	0	0	2	0	0	0	1	5	10	0	0	3	7	0	1	1	5	3	0	0	2	0	47
T10	2	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0	1	0	0	2	0	10	5	0	0	4	0	31
T11	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	2	0	4	4	0	0	1	0	17
T12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	4	1	2	0	0	2	2	1	0	0	5	1	0	0	0	0	19
T13	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	1	8	0	0	10	3	0	5	0	17	6	0	0	3	0	60
T14	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	1	0	0	0	0	3	2	3	0	0	1	7	0	6	0	1	0	0	0	2	0	29
T15	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	4	0	2	0	0	2	5	2	4	0	3	1	0	0	1	0	27
T16	0	0	0	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	4	0	0	4	3	1	1	0	4	0	0	0	0	0	23
T17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	2	0	6	0	0	1	0	0	2	0	6	3	0	0	0	0	23
Total	13	0	0	6	0	10	0	0	16	22	1	4	10	3	0	0	41	20	82	0	7	42	40	6	59	6	117	72	0	1	47	0	625

Categoria "O quê" - intervenções relacionadas com a equipa adversária

	TS	TM	TP	TR	TA	TB	TQ	TPF	TIDDPB	TIDIPBD	TIDIPBR	TIOCA	TIOFA	TIOFAS	TCDP	TCDSPPA	TCDSD	TCDSR	TCDSB	TCOP	TCOC	TCOES	TCOSA	CE	MJ	CEF	CP	ODRDCJ	ODRDLJ	ODRDEA	RD	OUTROS	Intervenções
T1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	6
T2	9	0	0	2	0	0	0	0	4	3	1	0	12	12	1	0	2	0	1	1	0	0	1	2	8	0	3	0	0	0	2	0	64
T3	3	0	0	8	0	0	0	0	1	2	0	3	20	0	0	0	1	1	4	0	0	4	5	4	1	0	1	2	0	0	1	0	61
T4	0	0	0	4	0	0	0	0	0	1	1	0	8	11	0	0	0	0	0	0	3	0	3	3	9	0	0	5	0	0	0	0	48
T5	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12
T6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	11
T7	0	0	0	6	0	1	0	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	1	0	0	0	0	0	0	0	17
T8	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	2	0	0	0	0	9
T9	3	0	0	3	0	2	0	0	0	3	1	0	15	10	0	0	1	2	1	0	0	5	7	2	2	0	1	1	0	0	1	0	60
T10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3	0	0	0	0	0	1	0	7
T11	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	12
T12	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	0	0	0	0	0	2	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0	16
T13	1	0	0	7	0	0	0	0	0	3	1	2	4	1	0	0	1	3	0	0	0	0	2	3	4	0	0	2	0	0	0	0	34
T14	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	10
T15	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	3	4	1	2	0	0	0	0	0	0	0	16
T16	3	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	1	0	0	3	0	4	0	0	2	5	0	1	0	0	0	0	0	0	0	24
T17	1	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	3	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	5	3	0	1	5	0	0	2	0	34
Total	25	0	0	43	0	3	0	0	8	13	4	13	90	40	1	0	9	7	14	3	3	21	38	28	47	0	7	17	0	0	7	0	441

Categoria "A Quem"

	JIDF	JIR	JIA	JIS	JIDT	JIB	JIL	JISP	SGJA	JGJD	SGJB	SGJR	TE	Interv.
T1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	24	28
T2	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	12	0	72	88
T3	1	0	0	6	1	0	0	0	21	21	49	19	20	138
T4	0	0	0	4	0	3	0	0	1	3	23	0	86	120
T5	0	0	0	6	1	0	0	0	0	2	5	1	18	33
T6	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	4	0	40	47
T7	3	3	1	6	0	3	0	0	7	6	16	7	16	68
T8	0	0	9	0	0	0	0	0	1	1	5	4	30	50
T9	0	0	0	7	0	0	0	0	15	7	14	7	63	113
T10	0	0	0	2	2	1	0	0	0	3	1	0	29	38
T11	0	0	0	0	0	4	0	0	0	2	11	0	13	30
T12	0	0	0	3	0	0	0	0	4	0	6	9	9	31
T13	1	0	0	23	0	0	0	0	11	8	19	2	31	95
T14	0	0	0	2	2	4	0	0	5	3	6	6	11	39
T15	0	0	0	0	1	0	0	0	6	4	7	3	21	42
T16	0	0	0	2	1	0	0	0	5	3	10	6	22	49
T17	7	1	0	1	0	1	0	0	0	5	22	1	19	57
Total	12	7	11	62	8	16	0	0	80	68	210	68	524	1066

Categoria "Como"

	IAP	IAN	IP	ID	Q	E/P	AFP	AFN	Interv.
T1	1	1	8	10	0	8	0	0	28
T2	2	2	6	64	0	10	4	0	88
T3	12	8	41	56	2	18	1	0	138
T4	3	1	23	59	0	34	0	0	120
T5	0	0	8	19	0	6	0	0	33
T6	1	4	3	13	0	26	0	0	47
T7	2	0	20	29	0	17	0	0	68
T8	3	1	9	23	3	10	1	0	50
T9	0	3	1	38	42	29	0	0	113
T10	6	0	3	11	0	18	0	0	38
T11	1	0	4	13	0	11	1	0	30
T12	1	0	7	17	0	6	0	0	31
T13	8	9	29	23	0	26	0	0	95
T14	1	0	13	14	0	11	0	0	39
T15	3	1	15	8	0	15	0	0	42
T16	7	3	16	10	0	13	0	0	49
T17	9	1	8	29	0	8	2	0	57
Total	60	34	214	436	47	266	9	0	1066